



TRANSURFING

escolha sua realidade

Vadim Zeland



TRANSURFING

escolha sua realidade

Vadim Zeland

tradução de Júlia Bárány

1ª edição



© Vadim Zeland, 2004

© Ves Publishing Group, 2004

Copyright 2014 © Vadim Zeland

Todos os direitos reservados

Publicado no Brasil conforme acordo com Ves Publishing Group

Título original russo: Трансерфинг реальности. Ступень I. Пространство вариантов

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: *Júlia Bárány*

Tradução do russo: *Júlia Bárány*

Preparação: *Barany Editora*

Revisão: *Barany Editora*

Diagramação: *Barany Editora*

Arquivo Eletrônico ePub: [Sergio Gzeschnik](#)

Capa: *Barany Editora*

Foto da Capa © *Teruko Kanto*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

Z51t Zeland, Vadim, 1963-

Transurfing: escolha sua realidade / Vadim Zeland; tradução de
Júlia Bárány - 1. ed. São Paulo: Barany, 2015.

Título original russo: Transurfing

EISBN: 978-85-61080-49-5

1. Psicoterapia. 2. Autoconhecimento. 3. Terapia espiritual. I.
Título. II. Bárány, Júlia, trad.

CDD 154

Índices para catálogo sistemático:

Psicoterapia 154

Autoconhecimento: Psicologia Aplicada 158

Terapia espiritual 615.8

2015 Edição Digital

Todos os direitos desta publicação reservados à Barany Editora (c) 2015

contato@baranyeditora.com.br

www.baranyeditora.com.br

Sumário

Prólogo

Prefácio

I - Modelo das variantes

Neste capítulo é dada a introdução teórica ao Transurfing. A base conceitual de Transurfing é o modelo das variantes – visão fundamentalmente nova do funcionamento do nosso mundo. O ser humano não sabe que pode simplesmente receber o que quer em vez de se esforçar para obtê-lo. Por que isso é possível?

Murmúrio das estrelas matutinas

O enigma do guardião

Resumo

II - Pêndulos

Grupos de pessoas, pensando na mesma direção, criam estruturas de energia informacional – pêndulos. Essas estruturas começam a se desenvolver independentemente e submetem as pessoas às suas leis. As pessoas não se dão

conta que involuntariamente funcionam a favor dos interesses dos pêndulos. Como despertar dessa pegajosa alucinação?

Pêndulos destrutivos

Luta dos pêndulos

Os cordões das marionetes

Você recebe aquilo que não quer

Derrubando do pêndulo

Desligando o pêndulo

Soluções simples para problemas complicados

Situação suspensa

Resumo

III - Onda de sucesso

As metáforas “pássaro azul” ou “roda da fortuna” possuem uma base plenamente material. Sabe-se que o sucesso ou o fracasso se revezam como listas pretas e brancas. Como eliminar as listas pretas de sua vida?

O antípoda do pêndulo

Bumerangue

Vibração

Rituais mágicos

Resumo

IV - Equilíbrio

As pessoas mesmas criam para si problemas e obstáculos, e depois se esforçam para superá-los. Ao contrário do ponto de vista geral, Transurfing mostra que as causas dos problemas se encontram em outro plano. Como eliminar os problemas de sua vida?

Potenciais excedentes
Insatisfação e julgamento
Relações de dependência
Idealização e supervalorização
Desprezo e vanglória
Superioridade e inferioridade
Desejo de ter e de não ter
Sentimento de culpa
Dinheiro
Perfeição
Importância
Da luta ao equilíbrio
Resumo

V - Transferência induzida

Porque cada geração mais velha acha que a vida antes era melhor?

Quantas gerações já se passaram desde o início da história da humanidade! E cada geração está convicta de que o mundo piorou. Resulta que o mundo tem a tendência de se degradar? Fosse assim, bastariam à humanidade algumas dezenas de gerações, para em seguida tudo simplesmente decair no inferno. O que é que acontece?

Sucessão de gerações
O funil do pêndulo
Catástrofe
Guerra

Desemprego

Epidemia

Pânico

Miséria

Resumo

VI - Fluxo das variantes

De onde surgem pressentimentos, intuição, previsões, descobertas e também obras primas da arte? É a mente humana que cria e constrói? O fluxo das variantes é um presente maravilhoso para a mente, mas o ser humano nem desconfia disso. E o que são “sinais” e por que funcionam?

Campo de informação

Conhecimento vindo do nada

Pedinte, magoado e guerreiro

Movimento a favor da corrente

Placas de trânsito

Soltar a situação

Resumo

Sobre o Autor

Prólogo

Transurfing – Primeiro passo: O Espaço das Variantes

Este é o primeiro volume da trilogia de Vadim Zeland: Transurfing - escolha sua realidade. Trata-se de aspectos muito estranhos e inusitados. Costuma chocar tanto que nem se quer acreditar. Mas acreditar não é necessário – você mesmo se convencerá de tudo. Somente esteja pronto para que, depois de ler esta obra, sua visão de mundo habitual desmorone, pois a obra traz ideias atrevidas por sua radicalidade.

Transurfing é uma técnica poderosa, que confere a capacidade de realizar feitos impossíveis na concepção comum, ou seja, conduzir seu destino de acordo com suas escolhas. O fundamento de Transurfing está no modelo das variantes – princípios de uma nova visão de como o nosso mundo é organizado. Este é um passo no Transurfing e os primeiros passos do mago. O ser humano não sabe que pode deixar de lutar e assim conseguir o que deseja. Você terá sentimentos intransmissíveis quando descobrir em si capacidades que nunca desconfiou possuir. Parece-se com a sensação da queda

livre – o inconcebível possui tão estonteante audácia ao tornar-se realidade que você perde o fôlego!

Para um círculo amplo de leitores.

Prefácio

Caro leitor!

Você, com certeza, assim como todos, quer viver confortavelmente, na abundância, sem doenças nem desastres. No entanto, a vida dispõe de outra forma e brinca com você, um barquinho de papel num córrego turbulento. Na perseguição da felicidade, você já experimentou bastante recursos conhecidos. Será que conseguiu muita coisa, enquadrado na tradicional visão de mundo?

Este livro trata de coisas muito estranhas e incomuns. Tudo isso choca tanto que as pessoas se recusam a acreditar. Mas não será exigida a sua crença. Aqui se apresentam métodos com a ajuda dos quais você poderá verificar tudo por si mesmo. É então que sua costumeira visão de mundo ruirá.

Transurfing – é uma técnica poderosa, que lhe dá domínio para criar o impossível, do ponto de vista comum, ou seja – governar o seu destino de acordo com seus próprios critérios. Não haverá nenhum milagre. Aguarda-o algo muito maior. Você está prestes a se convencer de que a realidade desconhecida é muito mais fantástica que qualquer misticismo.

Há muitos livros que ensinam como alcançar o sucesso, ficar rico, feliz. A perspectiva é sedutora, quem é que não quer isso, mas você abre uma publicação dessas e encontra exercícios, meditações, trabalho em si mesmo. Imediatamente você desanima. A vida já é um teste complicado, e aqui lhe oferecem novamente se esforçar e espremer algo de você mesmo.

Convencem-no de que você não é perfeito e por isso deve mudar, senão, nada acontece. Talvez você não esteja totalmente contente consigo mesmo. Mas, no fundo da alma, você não quer realmente mudar. E está certo em não querer. Não acredite em ninguém que lhe diz que você é imperfeito. Quem é capaz de saber como você deve ser? Não é preciso mudar a si mesmo. A saída não está onde você a procura.

Não vamos nos ocupar com exercícios, meditações e autoanálise. Transurfing – não é um novo método de autorrealização, e sim um modo de pensar e agir fundamentalmente diferente a fim de receber o que você quer. Não lutar por algo, mas de fato receber. E não mudar a si mesmo, mas voltar a si mesmo.

Todos nós cometemos muitos erros na vida e depois ficamos sonhando como seria saudável voltar ao passado e consertar tudo. Eu não lhe prometo uma “passagem de volta à infância”, mas é possível consertar os erros, e isso será semelhante à volta ao passado. Ou melhor, mais do que tudo, “avançar para o passado”. O significado dessas palavras se tornará compreensível somente no final do livro. Provavelmente você não ouviu nem leu sobre aquilo que eu vou lhe contar. Por isso prepare-se para o inesperado, tão maravilhoso quanto agradável.

I

Modelo das variantes

Neste capítulo é dada a introdução teórica ao Transurfing. A base conceitual de Transurfing é o modelo das variantes – visão fundamentalmente nova do funcionamento do nosso mundo. O ser humano não sabe que pode simplesmente receber o que quer em vez de se esforçar para obtê-lo. Por que isso é possível?

Sonhos não se realizam.

Murmúrio das estrelas matutinas

Eu acordei por causa do latido do cachorro do vizinho. Essa criatura repugnante sempre me acorda. Eu a odeio! Por que devo despertar exatamente com os barulhos emitidos por esse bastardo? Preciso passear um pouco para me acalmar e me desviar da vontade impulsiva de atear fogo à casa vizinha. Tal caõzinho, tais donos. Sempre rastejam para dentro da minha vida canalhas que tentam me pegar. Nervoso, me visto. De novo sumiram os meus chinelos.

Onde estão, seus traidores malditos? Vocês vão ver quando achá-los!

Na rua, neblina, umidade. Andando pela trilha escorregadia eu atravessava a floresta escura. Quase todas as folhas já caíram, desnudando cinzentos troncos das árvores semimortas. Por que moro no meio desse pântano tenebroso? Pego um cigarro. Se bem que não tenho vontade de fumar, mas o antigo hábito diz que precisa. Precisa? Desde quando o cigarro se tornou uma obrigação para mim? Ora, é bem desagradável fumar de manhã, com o estômago vazio. É que antes, em companhia alegre, o cigarro proporcionava prazer, era um símbolo de moda, de liberdade, de estilo. Mas as festas acabam e chega o cotidiano chuvoso e cinzento com poças lamacentas de problemas. E arremato cada problema com um cigarro, como se eu dissesse a mim mesmo: agora vou fumar um pouquinho, para depois mergulhar de novo nessa rotina tediosa.

A fumaça do cigarro entrou nos meus olhos e por um instante tapei-os com as mãos, como uma criança ofendida. Quão farto estou de tudo isso! Então, como se fosse para confirmar meus pensamentos, o galho traiçoeiro da bétula ricocheteou e me bateu no rosto. Diabos! Louco de raiva, eu o quebrei e joguei de lado. O galho ficou pendurado na árvore e se pôs a balançar e saltar igual a um palhaço, como se demonstrasse toda a minha impotência de mudar qualquer coisa nesse mundo. Desolado, continuei andando.

Toda vez que eu tentava lutar com este mundo, primeiro ele cedia, dando esperanças, e depois me dava um tapa na cara. É só no cinema que os heróis alcançam o objetivo, varrendo tudo pelo caminho. A realidade é bem diferente. A vida parece um jogo de roleta. Primeiro você ganha uma vez, duas, três. Você acredita que é vencedor, e já acha que o mundo inteiro está no seu bolso, mas

no último lance você sempre perde. Você não passa do peru de Natal que é alimentado para depois ser assado e comido ao som de música alegre e de risos. Você se enganou, a festa não é sua. Você se enganou...

Assim, debatendo-me nessas ideias tristes, fui até a praia. Pequenas ondas mordiam com raiva a areia. O mar soprava sem piedade a umidade gelada para cima de mim. Gaivotas pretas andavam preguiçosas pela praia e bicavam alguma coisa podre. Nesses olhos havia um vazio frio e negro. Parece que refletiam o mundo ao meu redor, frio e agressivo.

Um mendigo catava garrafas vazias na praia. Saia daqui, espectro pantanoso, eu quero ficar sozinho. Não, parece que ele está vindo em minha direção, talvez para pedir alguma coisa. É melhor eu ir para casa. Não há paz em lugar algum. Estou tão cansado. Esse cansaço está sempre comigo, mesmo quando estou descansando. Eu vivo como se cumprisse uma pena de prisão. Parece que logo mais tudo vai mudar, começará uma nova etapa, e então serei outro e poderei me alegrar com a vida. Mas tudo isso pertence ao futuro. Por enquanto, sempre a mesma tortura. Fico esperando, mas o futuro nunca chega. Agora, como de costume, vou tomar um café da manhã insosso e me mando para o meu trabalho enfadonho, onde de novo vou espremer de dentro de mim resultados que outro alguém precisa, não eu. Mais um dia de vida paralisante e sem sentido...

Acordei com o murmúrio das estrelas matutinas. Que sonho triste foi esse? Como se voltasse alguma lasca da minha vida anterior. Ainda bem que foi só um sonho. Eu me espreguicei aliviado, como faz o meu gato. Ele, preguiçoso, fica deitado, todo esparramado e só as orelhas mostram que percebeu a minha presença. Levanta, seu

bigodudo. Você vai passear comigo? Encomendei para mim um dia ensolarado e me dirigi ao mar.

A trilha atravessava a floresta e o murmúrio das estrelas matutinas lentamente se ampliou ao coro polifônico do povo alado. Alguém se esforçava com afinco, lá nos arbustos: “Comida! Comida!”. Ah, ali está o malandro. Bolinho fofo, como é que você consegue chilrear tão alto? Surpreendente que antes não me apercebi: todos os pássaros possuem vozes totalmente diferentes, nenhum entra em dissonância com o coro comunitário, e sempre resulta uma sinfonia tão harmônica, que é impossível qualquer orquestra artificial imitar.

O sol esticou seus raios por entre as árvores. Essa iluminação mágica animou a profundidade tridimensional e a suculência das cores, transformando a floresta num holograma maravilhoso. A trilha me levou cuidadosamente para o mar. Ondas verdes esmeralda trocavam sussurros baixinhos com o vento cálido. A praia parecia infinita e deserta, mas eu sentia acolhimento e tranquilidade, como se esse mundo superlotado houvesse reservado um cantinho retirado especialmente para mim. Há quem considera o espaço circundante uma ilusão que nós mesmos criamos. Mas não, falta-me convicção para afirmar que toda essa beleza não passa de criação minha.

Ainda sob a impressão angustiante do sonho, comecei a me lembrar da minha vida anterior, que de fato fora assim enfadonha e lúgubre. Frequentemente eu, assim como muitos outros, tentava exigir desse mundo aquilo que me seria devido. Em resposta, o mundo me dava as costas, indiferente. Os conselheiros, baseados na experiência, me diziam que este não cede tão simplesmente, é preciso conquistar. Então eu tentava lutar com ele, mas mesmo assim não alcancei nada a não ser exaustão. Os conselheiros tinham resposta pronta também para isso: você é mau, primeiro precisa mudar, e

depois poderá exigir algo do mundo. Eu tentei lutar comigo, mas descobri que isso é ainda mais difícil.

Então uma vez sonhei que estava num horto florestal. Cercado de indescritível beleza, eu caminhava e me maravilhava com toda essa magnificência. Aí apareceu um velho sisudo com barba grisalha, que entendi ser o Guardião do horto. Ele ficou me observando em silêncio. Eu me dirigi a ele e, mal abri a boca, fui interrompido bruscamente. Em tom frio me disse que não queria ouvir nada, que se cansou de visitantes chatos e egoístas, sempre insatisfeitos, sempre exigindo alguma coisa, fazendo barulho e deixando atrás de si montes de lixo. Eu assenti com a cabeça e me afastei.

A excepcional natureza do horto me deixou perplexo. Por que nunca estive aqui antes? Fascinado, eu caminhava ao léu, olhando para um lado e para outro. A perfeição da natureza ao meu redor era impossível de descrever com palavras. Por isso reinava um vazio entusiasmado na minha cabeça.

Logo reapareceu na minha frente o Guardião. Sua expressão severa havia amainado um pouco. Convidou-me com um gesto a segui-lo. Subimos uma colina verdejante e lá se abriu uma vista maravilhosamente bela para a planície. Embaixo se espalhava uma aldeia. Casinhas de brinquedo submergiam na vegetação e nas flores, como nas ilustrações de um conto de fadas. Podia-se olhar todo esse quadro com assombro, se não parecesse irreal. Passei a desconfiar que isso só pudesse ser num sonho. Lancei um olhar interrogativo ao Guardião, mas ele apenas esboçou um leve sorriso para dentro de sua barba como que dizendo: “Você logo vai descobrir!”

Descíamos para o vale quando comecei a perceber que não me lembrava de como fui parar no horto. Queria do velho ao menos uma explicação. Parece-me que eu fiz um comentário inoportuno

sobre o fato de que talvez se sintam nada mal os felizardos que podem se permitir morar em meio a tal beleza. Ao que ele respondeu irritado: “E quem o proíbe de estar nessa lista?”

Eu acionei o disco riscado de que nem todos nascem na beleza e ninguém pode decidir o seu destino. O Guardiã não deu a mínima atenção às minhas palavras e disse: “Acontece que cada pessoa é livre para escolher para si *qualquer* destino. É a única liberdade à nossa disposição – a liberdade de escolha. Cada um pode escolher tudo o que quiser.”

Esse argumento não se encaixava de jeito algum no meu conceito de vida, e esbocei uma reação. Mas o Guardiã nem quis ouvir: “Seu tolo! Você tem o direito de escolher, mas você não o exerce. Você não entende o que significa – *escolher*.” Isso é um delírio, não me contive. Como é que posso escolher tudo que quiser? Pensar que neste mundo tudo é possível. E de repente percebi que tudo não passava de um sonho. Perdido, eu não sabia como me portar em tal situação estranha.

Conquanto a memória não me trai, insinuei ao velho que no sonho, assim como na realidade, ele é livre para dizer qualquer barbaridade, e é nisso que consiste toda a sua liberdade. Porém esta observação não incomodou o Guardiã e ele apenas riu em resposta. Percebendo toda a incongruência da situação (por que eu me meti a discutir com o personagem de minha própria criação?), e já comecei a refletir se não seria melhor eu acordar. O velho pareceu adivinhar meus pensamentos: “Agora chega, você tem pouco tempo – disse ele. – Eu não esperava que eles me mandassem um cretino como você. E mesmo assim terei que cumprir a minha missão.”

Eu me pus a questioná-lo de que “missão” seria essa e quem são “eles”. Ele ignorou minhas perguntas e lançou um enigma que na

ocasião me pareceu idiota: “Cada pessoa pode alcançar a liberdade de escolher tudo o que deseja. Eis um enigma: como obter essa liberdade? Se você adivinhar, suas maçãs cairão no céu.”

Que maçãs são essas? Eu já perdia a paciência e disse que não pretendia adivinhar coisa alguma, – somente nos sonhos e nos contos de fada são possíveis diversos milagres, mas na realidade as maçãs em última instância sempre caem na terra. Ao que ele respondeu: “Basta! Vamos, preciso lhe mostrar algo.”

Acordando, eu percebi infelizmente que não me lembrava da continuação do sonho. No entanto, permanecia uma sensação aguda como se o Guardião tivesse inserido em mim alguma informação que eu não tinha capacidade de expressar em palavras. Na memória estava impressa apenas uma palavra – *Transurfing*. Única ideia que rolava dentro da minha cabeça era que não há necessidade de construir você mesmo o seu mundo – tudo já foi há muito criado sem a minha participação e para o meu bem. Não se deve tampouco lutar com o mundo por um lugar ao sol – esse é um recurso pouco eficiente. Acontece que ninguém me proíbe de simplesmente *escolher* para mim aquele mundo no qual eu quero viver.

De início tal ideia me pareceu absurda. E eu esqueceria o mais rápido possível este sonho, mas logo, para a minha enorme surpresa, descobri: começaram a surgir lembranças totalmente nítidas sobre o que o Guardião entendia da palavra *escolher* e como fazê-lo. A solução do enigma do Guardião veio por si mesma, como um conhecimento vindo do nada. Cada dia me abria algo novo, e toda vez eu experimentava uma surpresa grandiosa, à beira do susto. Não tenho condições de explicar de forma racional de onde vieram esses conhecimentos. Só posso afirmar com toda a certeza

que não era da minha cabeça, pois nela não podia nascer nada semelhante.

Desde que eu descobri para mim mesmo o Transurfing (ou melhor, foi me permitido fazê-lo), minha vida se preencheu de um novo e alegre sentido. Todo aquele que se ocupou ao menos uma vez com algum processo criativo sabe que alegria e satisfação traz a obra criada com as próprias mãos. No entanto, isso não é nada, comparado com o processo criativo de seu destino. Porém o termo “criação do destino” em seu significado comum não convém aqui. Transurfing – é uma maneira de escolher seu destino literalmente, como mercadoria no supermercado. Quero contar-lhe sobre o significado de tudo isso. Você saberá porque maçãs podem “cair no céu”, o que é “murmúrio das estrelas matutinas”, assim como outras coisas muito incomuns.

O enigma do guardião

Existem diversas abordagens à interpretação do destino. Uma delas considera que o destino é fatalidade, algo estabelecido antes. Por mais que se mexa, não se consegue fugir do destino. Portanto, se a uma pessoa foi reservado um destino não muito elevado, não há esperança alguma de melhora. No entanto, por outro lado, sempre há pessoas que se acomodam em tal situação. Pois é cômodo e confortante quando o futuro é mais ou menos previsível e não assusta por ser desconhecido.

E mesmo assim, a inevitabilidade fatal do destino entendido assim evoca um sentimento de insatisfação e protesto interno. A pessoa, a quem o sucesso foi negado, reclama de seu destino: por que a vida é tão injusta? Um tem tudo em abundância, outro sempre vive a necessidade. Para um tudo é fácil, o outro corre como rato de

laboratório na roda, sem resultado. Um é agraciado pela natureza com beleza, inteligência e força, o outro, não se sabe por quais pecados, carrega a vida toda um fardo de segunda mão. Por que tal disparidade? Por que a vida, não tendo limites em sua diversidade, impõe limitações a um determinado grupo de pessoas? Que culpa têm aqueles que são menos afortunados?

A pessoa desafortunada se sente magoada, senão revoltada e tenta encontrar para si alguma explicação de tal estado de coisas. E então aparecem todos os possíveis ensinamentos, como carma pelos pecados cometidos em vidas passadas. É possível achar que o Senhor Deus só se ocupa com a educação de seus filhos negligentes, mas apesar de todo o seu poder experimenta dificuldades com este processo educacional. Em vez de castigar pelos pecados, em vida, por alguma razão Deus adia a reparação, embora não haja sentido em castigar uma pessoa por algo de que ela não se lembra.

Existe outra versão do desequilíbrio, que dá esperanças aos necessitados e sofredores de receber agora uma generosa compensação, no entanto, esta recompensa se encontra ou em algum lugar nos céus, ou em alguma vida futura. Em qualquer dos casos, tais explicações não satisfazem totalmente. Existam ou não essas vidas passadas ou futuras, na prática não importa, porque o ser humano lembra e tem consciência apenas de uma, a atual, e nesse sentido é a única que ele tem.

Acreditando na predeterminação do destino, o melhor recurso para não ficar triste é conformar-se. E de novo encontramos explicações tais como: “Quer ser feliz – então seja”. Seja otimista e contente-se com o que você tem. A pessoa deve entender que é infeliz porque está sempre descontente e quer demais. É preciso estar contente por determinação. É preciso se alegrar com a vida. A pessoa até

que concorda, mas ao mesmo tempo sente-se incomodada em acolher com alegria a realidade cinzenta. Será que ela não tem direito de querer algo maior? Para que deve obrigar-se a ficar alegre? Pois é o mesmo que obrigar-se a amar.

Ao redor sempre voejam personalidades “iluminadas” que exortam o amor universal e o perdão. É possível cobrir-se com esta ilusão, como puxar um cobertor por cima da cabeça, para não se deparar diretamente com a realidade dura e crua, e de fato a pessoa se sente aliviada. Mas no fundo da alma a pessoa não chega a compreender porque deve se obrigar a perdoar aqueles que odeia e amar aqueles que lhe são indiferentes. Qual é a vantagem nisso? Resulta uma felicidade falsa, forçada. Como se a alegria devesse chegar não por si mesma, mas fosse preciso espremê-la de dentro de si, como pasta do tubo.

É claro que existem pessoas que não acreditam que a vida seja tão tediosa e primitiva, chegando a um único destino predeterminado. Elas não querem se contentar com o que possuem e preferem se alegrar com as conquistas e não com o que é dado. Para essas pessoas existe outro conceito de destino: “O próprio ser humano é o criador de seu destino”. Mas é preciso lutar pela felicidade, não há outro jeito. Os “sábios” dizem que nada acontece sem esforço. Parece que é fato indiscutível: se você não quer aceitar a felicidade que lhe é dada, então é preciso abrir caminho a cotoveladas e conquistar o que é seu.

Histórias morais testemunham como os heróis lutavam corajosamente e altruisticamente se esforçavam dia e noite, superando obstáculos inimagináveis. Os vencedores obtinham os louros do sucesso somente depois de passar por todas as dificuldades e privações da luta obstinada. Aqui também algo não está certo. Lutam e se esforçam milhares de pessoas, mas apenas

poucas obtêm sucesso verdadeiro. Pode-se gastar uma vida inteira na luta desesperada por um lugar ao sol, sem conseguir coisa alguma. Por que esta vida é tão cruel e contraditória?

Que necessidade pesada é lutar com o mundo e nada conseguir. Quando o mundo não cede, é indispensável lutar consigo mesmo. Se você está tão pobre, doente, feio, infeliz, a culpa é sua. Você é imperfeito, por isso precisa mudar. A pessoa se depara com o fato de que desde os primórdios possui um aglomerado de defeitos e vícios sobre os quais deve trabalhar intensamente. Um quadro bem desanimador, não é? Acontece que se a pessoa não teve sorte e não nasceu num berço rico e feliz, sua sina é carregar docilmente sua cruz ou dedicar a vida inteira à luta. A alma não se conforma em se contentar com essa vida. Será que em todo esse desespero não aparece alguma luz?

Apesar de tudo, a saída existe. A saída é muito simples, muito agradável, muito diferente de tudo que vimos até agora, porque se encontra em outro plano. O conceito de destino no Transurfing baseia-se num modelo do mundo fundamentalmente diferente. Não se apresse a agitar as mãos desiludido e exclamar que estão tentando lhe impingir a quimera de sempre. Você concorda que cada uma das conhecidas concepções do destino é construída sobre uma determinada visão de mundo que, por sua vez, se baseia em alguns pontos de partida impossíveis de provar.

Por exemplo, o materialismo se baseia na afirmação de que a matéria está em primeiro lugar e a consciência, em segundo. O idealismo afirma exatamente o contrário. Nem a primeira afirmação nem a segunda podem ser provadas, mesmo assim constroem-se modelos de mundo com base nelas, cada modelo muito convincente e que encontra dedicados defensores. As duas direções na filosofia, na ciência e na religião explicam este mundo à sua maneira, e à sua

maneira têm razão e não têm. Jamais poderemos descrever com plena precisão a verdade absoluta, pois os entendimentos que usamos são relativos em si. A conhecida história sobre três cegos mostra que um deles tateou a tromba do elefante, o outro, a perna, o terceiro, a orelha, e por isso cada um produziu a sua ideia do que seria esse animal. Por isso provar que uma única descrição é verdadeira, a outra não, é um total disparate. O mais importante é que essa descrição funcione.

Provavelmente você conhece a famosa ideia de que a realidade é ilusão criada por nós mesmos. No entanto, ninguém explicou de forma razoável de onde provém essa ilusão.

Portanto, todos nós assistimos a um “filme”? Isso, com certeza, é muito duvidoso, mas num determinado sentido há aqui uma semente inteligente. Existe outra opinião totalmente contrária: o mundo material não passa de um mecanismo funcionando de acordo com leis rígidas, e a nossa consciência não pode determinar nada aqui. E nisso também há uma dose inegável de verdade.

Mas a razão humana é construída de tal forma que busca ter os pés em solo firme, sem múltiplos significados. Aniquilar uma teoria e elevar no pedestal a outra é a ocupação dos estudiosos há séculos e séculos. Após cada luta pela verdade resta no campo de batalha apenas um fato invencível: qualquer teoria apresenta apenas um aspecto da manifestação da realidade multifacetada.

Cada teoria se fortalece com o tempo, e por isso tem direito à existência. Qualquer concepção de vida funciona da mesma maneira. Se você resolve que o destino é algo predeterminado, que não consegue mudar, então assim será. Nesse caso você se entrega voluntariamente em mãos de estranhos, não importa quais, e se torna um barquinho navegando ao sabor das ondas. Caso você ache que é o próprio criador do seu destino, então conscientemente

assume a responsabilidade por tudo que acontece na sua vida. Você luta com as ondas, tentando dirigir seu barquinho. Perceba o que acontece: *sua escolha sempre se realiza. Aquilo que você escolhe você recebe*. Não importa a visão de mundo que você escolher, a verdade estará do seu lado. Outros irão discutir com você exatamente porque eles também têm razão.

A partir de qualquer fenômeno de manifestação da realidade é possível deduzir todo um ramo de conhecimento. E esses conhecimentos concordam entre si e passam a refletir com êxito uma das manifestações da realidade. Para o fundamento de todo um conhecimento basta um ou alguns fatos que, embora não totalmente compreensíveis, mesmo assim se manifestam.

Por exemplo, a física quântica se baseia em algumas verdades não comprováveis: postulados. Não comprováveis porque servem como pontos institucionais, pontos de partida. O objeto do micromundo da física quântica se comporta em alguns casos como partícula, em outros, como onda. Os cientistas não podem interpretar com um único significado tal dualismo, porque o aceitam como fato, um axioma. Os postulados da física quântica reconciliam a diversidade das formas de manifestação da realidade como se os cegos chegassem a um acordo: que em alguns casos o elefante se comporta como um poste e em outros, como serpente.

Caso, na hora de descrever o objeto do micromundo, tomarmos por base a propriedade da partícula, obteremos o modelo do átomo construído pelo célebre físico Niels Bohr. Neste modelo, os elétrons giram ao redor do núcleo, de forma semelhante aos planetas no sistema solar. No entanto, se escolhermos a onda como propriedade básica, o átomo parecerá uma mancha borrada. Tanto um modelo quanto o outro funciona refletindo formas isoladas da manifestação da realidade. Novamente, *recebemos o que escolhemos*.

Em termos gerais, qualquer manifestação pode servir de postulado, de ponto de partida, para criar um ramo de conhecimento que, sem dúvida, funcionará e terá direito à existência. Na perseguição da verdade, os seres humanos sempre aspiravam a compreender a natureza do mundo, examinando seus aspectos isolados. Criaram-se grandes quantidades de conhecimentos científicos como descrições e explicações de uns e outros fenômenos da natureza. Desta maneira, surgiram setores isolados de conhecimentos que frequentemente entram em contradição mútua.

A natureza do mundo é única, mas apresenta sempre aparências diferentes. Mal as pessoas examinam e explicam adequadamente uma faceta, já surge outra, que em nada combina com a anterior. Os cientistas tentam unificar diversas manifestações da realidade para afastar contradições; acontece que isso se consegue com esforço. Existe apenas um único fato indubitável que unifica e combina todos esses ramos do conhecimento: a diversidade e a multiplicidade das formas de manifestação da realidade. *A variação multifacetada do nosso mundo é sua primordial característica básica.*

Absortos nas tentativas de explicar manifestações isoladas, os inventores de diferentes ramos do conhecimento por alguma razão deixam de lado exatamente este fato. Pergunta-se, o que mais se poderia extrair disso? A variação multifacetada serve como ponto de referência, assim como o zero na escala de coordenadas. Qualquer ponto de referência dos diferentes ramos de conhecimento, em relação a este, é secundário. Ora, não se presta atenção ao próprio ponto de referência inicial, como se não contivesse informação de tipo algum. No entanto, ali há informações e muito surpreendentes.

Para resolver o Enigma do Guardião, tomaremos como ponto de referência precisamente a propriedade da variação multifacetada. Em outras palavras, admitimos o postulado de que *a realidade*

possui formas de manifestação infinitamente variadas. Apesar do caráter geral do nosso postulado, teremos certeza de quão interessante e inesperado é o conhecimento que revela.

Começemos por aceitar que as formas de manifestação da realidade devem ter uma origem, da qual surge toda esta diversidade. Onde estão “inscritas” todas as leis de nosso mundo? O mundo se revela como o movimento da matéria no espaço-tempo. Este movimento se submete a determinadas leis. Como você sabe, os pontos se situam no gráfico das funções segundo uma fórmula matemática determinada. Pode-se dizer que a lei do movimento do ponto pelo gráfico é a definição da função. Mas as fórmulas, assim como as leis, são invenções abstratas da mente humana, criadas para facilitar a compreensão. É muito pouco provável que a natureza as guarde em algum lugar.

De que outra maneira se pode fixar a posição dos pontos no gráfico? Ora, como uma grandiosa e infinita quantidade das coordenadas de todos os pontos. A aptidão da memória humana é limitada e incapaz de dominar volumes enormes. Mas para a natureza, infinidade não é problema. Ela não tem necessidade de generalizar numa fórmula a distribuição e o movimento dos pontos no gráfico. Se quebrarmos a linha de funções em pontos infinitamente pequenos, cada ponto pode ser considerado causa e o seguinte, consequência. Resulta que qualquer movimento de um ponto material no espaço e tempo pode ser imaginado como uma grande e incessante cadeia de causas e consequências infinitamente pequenas.

No nosso conhecimento, imaginamos o movimento da matéria como uma lei, mas na natureza este movimento é engendrado de forma natural, como infinita quantidade de causas e consequências. Os dados de todos os pontos de movimento da matéria possíveis são

guardados em algum campo de informação ao qual chamaremos de *espaço das variantes*. Este espaço contém a informação sobre tudo que houve, há e haverá.

O espaço das variantes é uma *estrutura de informação* plenamente *material*. É um campo de informação infinito, contendo todas as variantes possíveis de qualquer acontecimento possível de realização. Pode-se dizer que no espaço das variantes há tudo. Não vamos adivinhar de que maneira é guardada esta informação; para o nosso objetivo isso não tem importância. O importante é apenas que *o espaço das variantes serve de padrão, de teia de coordenadas de qualquer movimento da matéria no espaço-tempo*.

Em cada ponto do espaço existe a variante desse ou daquele acontecimento. Para facilitar a compreensão, diremos que uma variante é composta do *cenário* e da *decoração*. A decoração é a imagem exterior ou a forma de manifestação; e o cenário, o caminho pelo qual se move a matéria. Para maior comodidade, podemos quebrar o espaço das variantes em setores, cada um tendo seu cenário e sua decoração. Quanto maior for a distância entre os setores, maiores são as diferenças de cenários e decorações. O destino do homem também é representado pela multidão de variantes.

Teoricamente não existe nenhum tipo de limite para os cenários e a decoração da existência humana, pois o espaço das variantes é infinito. Qualquer acontecimento insignificante pode influenciar a virada do destino. A vida de um ser humano, assim como qualquer outro movimento da matéria, representa uma cadeia de causas e consequências. A consequência no espaço das variantes sempre se localiza perto da sua causa. Uma segue a outra, por isso os setores do destino se arrumam nas *linhas da vida*. Os cenários e a decoração dos setores numa linha dessas são mais ou menos

semelhantes. A vida do ser humano transcorre compassadamente em uma direção, até que aconteça algum fato que mude o cenário e a decoração. Então o destino muda de rumo e passa para outra linha da vida.

Imagine que você acaba de ver um espetáculo e no dia seguinte volta ao teatro para ver o mesmo espetáculo, mas este já se apresenta com outra decoração. São linhas da vida que estão próximas. Na temporada teatral seguinte você vê o espetáculo com os mesmos atores, mas já com mudanças significativas no cenário. Essa linha de vida se encontra mais distante. E finalmente, ao assistir a mesma peça em outro teatro, você vê uma interpretação totalmente diferente. Essa linha de vida já está bem longe da primeira.

A realidade se revela em toda a diversidade exatamente porque a quantidade de variantes é infinita. Qualquer ponto flui para a cadeia das relações de causa e efeito. Ao escolher o ponto inicial, você obtém essa ou aquela forma de manifestação da realidade. Pode-se dizer que a realidade se desenrola pela linha da vida dependendo do ponto de referência escolhido. Cada um recebe o que escolheu. Você tem o direito de escolher exatamente porque já existe infinitude de variações. Ninguém lhe proíbe escolher o destino que lhe apraz. Toda a direção do destino se resume a uma coisa simples – *fazer a escolha*. Transurfing responde a pergunta de como fazer isso.

Então, existe uma estrutura de informação, contendo uma quantidade infinita de possibilidades em potencial, variações com seus cenários e suas decorações. O movimento da realização material acontece dependendo do que está colocado nessa estrutura. O processo do movimento da matéria pelo espaço das

variantes pode ser demonstrado por meio do seguinte pequeno experimento.

Imagine um cano com água. Ao longo do cano transita vagarosamente um anel de resfriamento, de modo que a água congela rapidamente apenas dentro do anel. Resulta que os cristais de gelo transitam pelo tubo com água. As moléculas da água permanecem aproximadamente nos mesmos locais em situação relativamente livre. No momento da passagem do anel, as moléculas dentro dele se fixam no cristal congelado de estrutura determinada, e depois a água nesse local volta a se descongelar e as moléculas se libertam. O próprio cristal não se mexe. Em outras palavras, no fato dado, o gelo não flutua na água. Desloca-se não o próprio cristal de gelo dentro do tubo com água, mas a estrutura, ou seja, o estado congelado.

Por analogia, a água no tubo é o espaço das variantes, e o cristal de gelo é a realização material das variantes. As moléculas são as pessoas, e sua posição na estrutura do cristal se realiza como variante do destino. Não há resposta única para a pergunta, cujo análogo é o anel esfriado. Ou seja, de que forma e por que a estrutura da informação se transforma em matéria? No microcosmo, a matéria pode se manifestar como condensação de energia. Sabe-se que no vácuo acontece um processo contínuo de nascimento e morte de micropartículas. A matéria parece existir, mas ao mesmo tempo ela não possui substância material própria. É evidente apenas que: aquilo que se pode tocar possui base energética intocável.

Espero que eu não tenha cansado você demais com a física. Por enquanto, nos encontramos apenas no ponto inicial do Transurfing. Mas o que você vai saber neste livro pode chocá-lo um tanto. Por isso devo, inevitavelmente, apresentar alguma fundamentação

teórica para que a mente não perca o chão sob os pés. Peço-lhe, portanto, que você se arme de um pouco mais de paciência.

A onda marinha pode servir de outra analogia para ilustrar a realização no espaço das variantes. Suponhamos que, em consequência de um terremoto, forma-se uma onda no mar. A onda se desloca sobre a superfície do mar como se fosse uma montanha, mas a própria água permanece no lugar. Move-se não a massa de água, mas a realização do potencial energético. Somente próximo à praia a água cai na terra. Assim se comportam todas as outras ondas. Na analogia, o mar é o espaço das variantes, e a onda, a realização material.

O que resulta, de um lado, é a realização material do movimento no tempo e espaço, e do outro, as variantes permanecem no lugar e existem eternamente? Então tudo foi, é e será? E por que não? O tempo na verdade é tão estático quanto o espaço. O transcurso do tempo é percebido somente quando a fita de filme roda e os quadros se sucedem um ao outro. Basta desenrolar a fita e ver como todos os quadros estão juntos. Para onde foi o tempo? Todos os quadros existem ao mesmo tempo. O tempo é estático enquanto não começarmos a observar a sequência de quadros um após o outro. Na vida acontece exatamente o mesmo, por isso na nossa consciência se estabeleceu profundamente a ideia de que tudo vem e vai embora.

Na verdade tudo que está inscrito no campo da informação sempre esteve lá e sempre ficará. As linhas da vida existem como fitas de filme. Aquilo que passou, não desapareceu, mas permaneceu. Aquilo que ainda será, já é agora. O trecho corrente da vida é a realização material do espaço de variantes em dado trecho da linha da vida.

Muitos podem expressar sua indignação perguntando: “Como é possível que incontável quantidade de variantes do meu destino existe de forma estática? Para quem e para que isso pode ser útil? A Deus? Às leis da natureza? Por quê?” Então tente imaginar um ponto na superfície das coordenadas. Ainda na escola lhe propuseram tal modelo: um ponto na superfície pode ter quaisquer coordenadas x e y . Note: quaisquer coordenadas, do menos ao mais, até o infinito. Por que ninguém teve a ideia de perguntar: *por que* o ponto pode ter quaisquer coordenadas? Agora imagine um ponto que se move pela linha da função e se surpreende: “Como é possível que o caminho que percorri sempre existiu e sempre existirá? E como é possível que o caminho que ainda me cabe percorrer sempre existiu e sempre existirá?” Mas você está olhando de cima para o caminho, por isso para você não há nada de estranho.

O espaço das variantes serve de modelo, determinando como deve se manifestar a realização material. Imagine uma floresta escura e uma pessoa com uma lanterna. A pessoa caminha pela floresta e ilumina ao seu redor uma área pequena. A realização surge como uma mancha de luz. Toda a floresta escura é o espaço das variantes, e a área iluminada é a realização das variantes na área dada. O que serve de “iluminação”? Ou seja, o que “acende”, o que materializa a variante do modelo?

Para obter a resposta a essa pergunta você terá que escolher mais um ponto de referência. Hoje já não se duvida do fato de que os pensamentos influenciam a matéria. A realidade se mostra em duas formas: de um lado, o ser determina a consciência, de outro, existem provas indiscutíveis do contrário. Os pensamentos não são apenas motivo das ações do ser humano, mas agem diretamente sobre a realidade ao redor. Por exemplo, os nossos piores temores se realizam como se fosse por lei. Claro, se pode discutir que aqui

acontece não a materialização dos pensamentos, mas pressentimento de dissabores iminentes. De fato, nas manifestações paranormais há muita coisa obscura e contraditória. Mas isso não significa que se pode ignorar uma dada forma de manifestação da realidade. Há muitos fatos que corroboram a influência indubitável dos pensamentos sobre a realidade ao redor.

De uma forma ou de outra, a consciência do ser humano modela o seu destino. No presente livro, trata-se exatamente do modo como tudo isso acontece. Na função do ponto de referência, pegaremos a seguinte afirmação: *a irradiação da energia do pensamento materializa a variante potencial*. Temos todo o direito de fazer isso, pois a realidade se revela também na forma em que a consciência determina a realidade. A isso servem como prova não só fatos da vida cotidiana, mas também experiências em física quântica. Para nós, o próprio mecanismo da interação entre a irradiação dos pensamentos e o espaço das variantes não possui significado fundamental. Até hoje continua indefinida a maneira como acontece o processo de transmissão de informações, com base na energia ou outra base. Para a nossa comodidade, vamos supor que a irradiação da energia do pensamento “arregaça” determinado setor do espaço das variantes, resultando que a variante recebe sua realização material. A irradiação, assim como o setor, possui determinados parâmetros. A irradiação do pensamento encontra o seu setor, a variante se realiza, e dessa maneira resulta que a consciência determina a realidade.

Cumpre não esquecer que essa é apenas uma das formas de manifestação da realidade. Não é possível simplesmente ficar sentado e, apenas pela meditação, formatar a própria realidade. Embora existam pessoas que literalmente materializam objetos do ar, essas são raras e não ostentam sua habilidade. E mesmo assim as ideias influenciam tanto o destino do ser humano quanto

condutas concretas. As pessoas se acostumaram a que suas ações atraem consequências visíveis e facilmente explicáveis. As influências das ideias são mais imperceptíveis e por isso inexplicáveis e imprevisíveis. Pode parecer que determinar um vínculo causal confiável entre ideias e acontecimentos subsequentes seja bem difícil. Mas logo você terá que se convencer de que as ideias do ser humano formam a realidade de maneira totalmente imaterial. O ser humano recebe aquilo que ele mesmo escolhe.

Alguém poderia exclamar: “Então, o que são esses mares, montanhas, planetas, galáxias – todos são produtos da minha emanção de ideias?” O ser humano se considera às vezes o centro do Universo. Na verdade, ele ocupa apenas um nicho minúsculo nesse espaço infinito. O nosso mundo é habitado por uma multitude de organismos vivos, e *cada um traz sua contribuição na formação da realidade*. Cada ser possui seus parâmetros de irradiação de ideias. Se você se incomoda em considerar a irradiação da planta como sendo de ideias, pode dar-lhe outro nome, pois o fato não irá mudar por isso. Nem é possível afirmar com certeza que objetos inanimados não tenham nada semelhante à irradiação dos organismos vivos. Isso sem falar do Espírito Único, permeando tudo que existe, ao qual chamamos de Deus. Cada ser possui sua consciência e forma a camada de seu mundo. Pode-se dizer que tudo neste mundo carrega em si uma partícula de Deus, e assim Ele governa o mundo inteiro.

Cada ser humano caminha por sua linha de vida. E ao mesmo tempo todos vivem no mesmo mundo. O mundo material é um para todos, mas a realidade concreta para cada um é sua. Suponhamos que você seja um turista e caminha por uma bela cidade. Você admira os pontos turísticos, se entusiasma com a beleza da arquitetura, observa os canteiros de flores, as fontes, as aleias do

parque, os rostos sorridentes dos transeuntes. Você se detém próximo a um cesto de lixo, e lá está parado um indivíduo sem teto. Ele, assim como você, se encontra no mesmo mundo, não em outro. Apesar disso, ele vê algo totalmente diferente de você. Ele vê uma garrafa vazia no lixo, uma parede suja, o concorrente que alcançou a garrafa antes dele e agora se pergunta: “será que tiro dele?”, vê também o policial que olha torto e desconfiado para ele. Você vive numa linha de vida, e ele, em outra. As duas linhas de vida se cruzam no ponto do espaço das variantes, por isso esse mundo, a materialização da realidade, é o mesmo para ambos.

Todas as manifestações da natureza material possuem uma base energética subjacente. O campo energético vem primeiro, depois todas as outras manifestações físicas. Os cientistas estão tentando unificar diferentes manifestações da energia dentro de uma teoria única, e logo alcançarão resultados. No entanto, em seguida, terão que substituir alguma coisa novamente, porque a quantidade de formas de manifestação da realidade é infinita. Sem entrar em todas essas sutilezas, observemos a energia como uma força abstrata, invisível, nem por isso existe com menor objetividade. Para os nossos objetivos basta admitir o fato de que a energia das ideias do ser humano é plenamente material. A energia das ideias não rodopia restrita ao âmbito da cabeça humana, mas se espalha no espaço e interage com o campo energético ao redor. Atualmente poucos contestariam esse fato.

Simplificando, podemos assumir como parâmetro da irradiação de ideias sua frequência, semelhante à frequência das ondas de rádio. Quando você pensa em algo, a frequência da energia de seus pensamentos está sintonizada com uma determinada faixa no espaço das variantes. Quando a energia atinge o setor do espaço das variantes, surge a realização material da variante dada. A energia possui estrutura complexa e interpenetra tudo que existe

nesse mundo. Ao atravessar o corpo do ser humano, a energia é modulada pelos pensamentos e na saída adquire parâmetros sintonizados com estes pensamentos. Segundo esse mesmo princípio funciona o transmissor de rádio. Os parâmetros da energia absorvem em si as características dos pensamentos. Desta maneira, na saída resulta irradiação de pensamentos, que transforma o setor do espaço das variantes em realização material. Quando você pensa no mal ou no bem, você irradia a energia dos pensamentos para o espaço das variantes. A energia modulada se acopla num setor determinado e isso traz as modificações correspondentes na sua vida.

As circunstâncias de vida se formam não só por atitudes concretas mas também pelo caráter dos pensamentos do ser humano. Se você se coloca inimigo para com o mundo, ele lhe responde com o mesmo. Se você expressa constantemente a sua insatisfação, cada vez mais você terá razões para isso. Se na sua relação com a realidade predomina o negativismo, o mundo voltará para você seu pior lado. Ao contrário, a relação positiva será o meio mais natural de mudar sua vida para melhor. O ser humano recebe aquilo que escolhe. Essa é a realidade, goste você ou não.

Enquanto seus pensamentos forem mais ou menos na mesma direção, você se encontra na mesma linha de vida. Logo que a relação com a realidade mudar para essa ou aquela direção, os parâmetros da irradiação pensamental adquirem novas características e a realização material da camada do seu mundo passa para outra linha. Lá os acontecimentos se desenvolvem em outro cenário, combinando com os parâmetros da sua irradiação. Se o cenário por alguma razão não o satisfaz, você vai lutar, tentando mudar a situação. Cada um, ao se encontrar com obstáculos, reage de forma negativa, expressando insatisfação ou desânimo. Sua irradiação pensamental se transfere para a linha na qual os

obstáculos crescem. Resulta que a vida rola por um declive para algum lugar.

Dado processo parece indômito, mas de fato você mesmo, com seus pensamentos dirige sua realização em domínios problemáticos do espaço das variantes. Você acha que consegue vencer os obstáculos com suas ações. Mas, de fato, acontece que você recebe aquilo que você mesmo escolheu. Você escolheu a luta com os obstáculos, então os recebe multiplicados. Se você ficar assoberbado pelos pensamentos sobre problemas, eles sempre estarão presentes na sua vida. Você direciona ações para modificar situações na presente linha de vida, mas não consegue mudar os cenários no espaço das variantes. Você consegue apenas *escolher outro*. Ao tentar mudar os momentos indesejáveis no cenário, você pensa exatamente naquilo de que não gosta. Mediante isso, a sua escolha se realiza rapidamente e *você recebe aquilo que não deseja*.

Numa linha dada de vida é impossível mudar qualquer coisa. Exatamente como, ao se encontrar numa galeria de quadros, você não pode tirar ou reorganizar a exposição, que não é sua. Você não é o dono aqui. Mas ninguém lhe proíbe de dar meia volta e passar para outra sala, para ver aquilo que lhe agrada mais. É claro que a passagem para a linha de vida na qual cada um possui o que pediu não acontece apenas por desejo. Nem todos os pensamentos se dão à realização e nem todos os desejos se cumprem. Aqui se trata não do conteúdo dos pensamentos e sim da sua qualidade. Apenas sonhar ou desejar ainda não é escolha. *Os sonhos não se realizam*. É indispensável cumprir determinadas condições das quais você saberá ao ler este livro.

No espaço das variantes existe quantidade infinita de linhas de destino para cada ser humano. Não temos razão para nos magoar

com nosso destino porque fomos agraciados com o direito de *escolha*. Nosso problema consiste em não saber o que fazer. O mundo se manifesta em toda a sua multiplicidade, parece como se ele tivesse sido criado para satisfazer quaisquer necessidades. Cada um pode encontrar aqui tudo que agrada à sua alma. Até nas diversas direções do saber o mundo mostra para nós aquele lado que queremos ver. Por exemplo, o idealismo afirma que o mundo é ilusão, e o mundo concorda. O materialismo afirma o contrário, e o mundo novamente não tem nada contra. As pessoas discutem entre si, impondo umas às outras sua relação com o mundo, e o mundo mostra que todas elas têm razão. Isso não é maravilhoso?! O espaço das variantes consiste nas chamadas ilusões, e a realização material é o que se entende por mundo material. Nós sempre recebemos o que escolhemos.

Quem conhece os princípios do Islã, sabe o que significam as palavras “o destino do ser humano está impresso no Livro”. Significa que o destino é predeterminado e não há como escapar dele. Tais afirmações se encontram em outras religiões também. Na realidade, o destino do ser humano já é predeterminado. Os enganos das religiões consistem apenas em que a variante deste destino não é uma, mas uma multiplicidade infinita. Não se escapa ao destino. Isso também é verdade até certo ponto, porque não é possível mudar os cenários da variante. Lutar com o mundo circundante para mudar seu destino é uma ocupação muito difícil e ingrata. Não vale a pena tentar mudar o cenário, basta simplesmente escolher para si a variante que lhe aprouver.

É claro que tudo isso é bem inusitado e evoca dúvidas lancinantes. Mas eu nem contava com que você aceitasse imediatamente o modelo das variantes. Eu mesmo não acreditei até me convencer de que o Transurfing funciona, e funciona inegavelmente. Não há razão para priorizar um ou outro modelo só para alcançar alguma verdade

absoluta. Possui significado não o próprio modelo, mas o resultado prático que este modelo permite. Diversos modelos matemáticos podem representar o mesmo fato físico de formas diferentes. Não seria engraçado se os especialistas em geometria analítica de repente se insurgissem contra a análise matemática e passassem a provar que a geometria é a única disciplina matemática verdadeira? Os matemáticos conseguiram chegar a um acordo entre eles, mas os filósofos e líderes religiosos não.

Onde se encontra esse espaço das variantes? A essa pergunta é muito difícil responder. Do ponto de vista da nossa terceira dimensão, pode-se dizer que está em todo lugar e em lugar nenhum. Imagine um plano infinito, sem começo nem fim, no qual moram serzinhos humanos de duas dimensões. Eles desconfiam que existe a terceira dimensão. Parece-lhes que o plano é o único mundo, e não conseguem entender como é possível existir algo além de seus limites. Mas sabemos que basta acrescentar a terceira dimensão a este modelo e será possível criar uma quantidade infinita desses planos. Então não nos preocupemos com o fato de que não temos condições de imaginar de que forma é possível existir, além do nosso mundo, uma infinidade de mundos paralelos.

É difícil acreditar na realidade da existência de mundos paralelos. Mas por outro lado, é fácil acreditar na teoria da relatividade, segundo a qual, ao acelerar a velocidade do corpo, sua massa aumenta, as medidas diminuem e o tempo desacelera? Por experiência própria isso ainda é impossível de provar. Importa não se entendemos ou não, e sim qual é a utilidade prática que podemos tirar disso.

Discutir a prevalência, no espaço infinito, de um ou outro modelo é simplesmente absurdo e mesquinho. Imagine o aumento infinito nas distâncias. Lá longe não há limite. O infinito na diminuição das

distâncias, por mais estranho, também não tem limite. Podemos observar apenas uma parte limitada do Universo visível. O telescópio bem como o microscópio possuem os seus limites. O infinito na direção do microcosmo em nada difere do infinito do macrocosmo.

Existe a hipótese de que o universo visível para nós aconteceu em resultado do “Big Bang”. Desde então ele estaria ininterruptamente se expandindo. Os corpos se movimentam no cosmo com velocidade enorme. Mas, por outro lado, considerando distâncias também enormes, achamos que a ampliação do Universo acontece muito devagar e leva muito tempo.

Sabe-se também que no vácuo, a cada instante, do nada nascem e logo desaparecem partículas elementares. Considerando a relatividade do espaço e do tempo, nada impede observar cada partícula dessas como um Universo em separado, semelhante ao nosso. Pois não sabemos a composição das partículas elementares. Para os físicos elas se manifestam ora como ondas ora como partículas. Avançando cada vez mais para dentro do microcosmo, as distâncias relativas se tornam tão enormes e o tempo para a observação interna novamente se torna mais vagaroso. Para o observador externo o nosso Universo existe um instante, como a partícula nascida e apagada no vácuo, mas para nós, como observadores internos, o Universo vive milhares de anos.

Quando você toma um gole de café, reflita: quantos universos eu acabei de engolir? Uma quantidade infinita, porque o infinito não se reparte em partes. “Voar” dentro do microcosmo é tão longe e demorado quanto nos espaços ilimitados do cosmo exterior. O tempo, assim como o espaço, é infinito para a frente assim como para trás. Secções de tempo podem ser tão ilimitadamente pequenas quanto grandes. Qualquer ponto num trecho de tempo

pode ser observado como ponto numa contagem, para ambas direções se estende o tempo ilimitado. O deslocamento do ponto na contagem pelo trecho do tempo nada muda nem na frente nem atrás.

Toda essa infinitude dos mundos encaixados um no outro existe simultaneamente. O centro do Universo se encontra simultaneamente em cada ponto, por isso qualquer ponto em qualquer um dos lados é circundado pela mesma infinitude. E todos os fatos existem simultaneamente pela mesma razão pela qual o centro do Universo está ao mesmo tempo em qualquer ponto. Isso é difícil de imaginar. Mas a infinitude também é impossível de abarcar com um olhar. Por mais que você se mova em pensamento pelo Universo, tanto mais se estende a mesma infinitude. Existem teorias ainda mais complicadas, de acordo com as quais o nosso Universo visível se transforma numa esfera finita no espaço quadridimensional. Mas isso não facilita, porque teoricamente as medidas não podem existir numa quantidade infinita. Sem a possibilidade de imaginar tudo isso, somos obrigados a nos contentar com a nossa estreita visão e fingir que entendemos alguma coisa.

Muito na ciência atual é incompreensível e inexplicável, no entanto, isso não nos impede de usar seus frutos. Aplicando os princípios do Transurfing, você obterá resultados surpreendentes. Vamos combinar de não nos atormentar com perguntas, porque e de que maneira isso funciona. Com o mesmo sucesso, uma criança pode perguntar ao físico: “Por que os corpos se atraem entre si?” O cientista responderá: “Por causa da lei da gravidade.” A isso seguirá outra pergunta: “Por que funciona a lei da gravidade? E por que mesmo os corpos se atraem?” Não há resposta. Então deixemos essa ocupação ingrata de explicar alguma coisa, e vamos

simplesmente usar os resultados do modelo das variantes. Não precisamos saber e entender tudo.

Decorre do modelo das variantes que o ser humano cria ele mesmo o seu destino. Mesmo assim, a concepção de destino no Transurfing se distingue das conhecidas. Em que ela difere? Difere no fato de que é possível escolher *sua felicidade, não lutar por ela*. Não se apresse a aceitar imediatamente o modelo das variantes ou rejeitá-lo. Simplesmente faça a si mesmo a pergunta: você conseguiu muita coisa da luta com o mundo pela sua felicidade? Cada um deve decidir se continuará funcionando no mesmo espírito ou tentará outro método. Pois é possível gastar a vida toda na luta e mesmo assim não alcançar nada. Não seria mais fácil fazer com que o mundo venha ele mesmo ao nosso encontro? Pois ele só se ocupa mesmo em realizar a nossa escolha.

A encomenda escolhida se cumpre sempre e inexoravelmente. Mas a escolha não é desejo, e sim algo diferente, que você vai descobrir. Os desejos se cumprem apenas dos contos de fadas. Não é à toa que se enraizou a convicção de que cumprir desejos é muito difícil ou impossível. Demos apenas o primeiro passo para a solução do enigma do Guardião. Logo você vai descobrir porque os desejos não se cumprem, e os sonhos não se realizam.

Resumo

A realidade se manifesta numa infinita diversidade de formas.

A variedade múltipla do mundo é sua primeira propriedade fundamental.

Qualquer modelo apresenta apenas um aspecto separado de manifestação da realidade.

Qualquer ramo de conhecimento se baseia no aspecto escolhido de manifestação da realidade.

A sua escolha sempre se realiza. Aquilo que você escolhe, você recebe.

O espaço das variantes é o campo de informação do que era, é e será.

O campo de informação contém variantes potenciais de qualquer acontecimento.

A variante se compõe de cenário e decoração.

O espaço pode ser dividido em setores, em cada um dos quais existe a sua variante.

Quanto maior a distância entre os setores, mais forte a diferença das variantes.

Os setores com parâmetros aproximadamente similares se estabelecem na linha da vida.

A realização material se move no espaço como coágulo da densidade.

A irradiação na energia pensamental materializa a variante potencialmente possível.

Cada organismo traz sua contribuição na formação da realização material.

Quando os parâmetros da irradiação mudam, acontece a transição para outra linha.

Você não pode mudar o cenário, mas é capaz de escolher outro.

Não é preciso lutar pela felicidade – basta simplesmente escolher para si a variante que mais lhe agrada.

II

Pêndulos

Grupos de pessoas, pensando na mesma direção, criam estruturas de energia informacional – pêndulos. Essas estruturas começam a se desenvolver independentemente e submetem as pessoas às suas leis. As pessoas não se dão conta que involuntariamente funcionam a favor dos interesses dos pêndulos. Como despertar dessa pegajosa alucinação?

Arrende-se. Alugue-se.

Pêndulos destrutivos

Desde crianças fomos ensinados a obedecer à vontade alheia, cumprir obrigações, servir aos pais, à família, ao partido político, à empresa, ao governo, à ideia... aos outros, mas obedecer a si mesmo, só no final da fila. Cada um sente obrigação, responsabilidade, necessidade, culpa. Cada ser humano, de uma forma ou de outra, “presta serviço” em diversos grupos e organizações: família, clube, instituição educacional,

empreendimento, partido político, governo e assim por diante. Todas essas *estruturas* nascem e se desenvolvem quando um determinado grupo de pessoas começa a pensar e agir numa mesma direção. Depois se juntam mais pessoas, e a estrutura cresce, sua energia aumenta, obriga seus membros a se submeter a regras estabelecidas e, em última instância, pode subjugar grandes camadas da sociedade.

No nível da realização material, a estrutura é composta de pessoas, unidas em torno de metas comuns e objetos materiais como edifícios, armas, móveis, equipamentos, técnica e assim por diante. Mas o que está na retaguarda disso tudo, no nível energético? Surge a estrutura quando os pensamentos de um grupo de pessoas fluem para uma direção e, conseqüentemente, os parâmetros da energia pensamental são idênticos. A energia pensamental de pessoas diferentes se une numa corrente única. Neste caso, em meio ao oceano de energia cria-se uma estrutura energicoinformacional separada, independente, *um pêndulo de energia*. Essa estrutura começa a ter vida própria e submete as pessoas às suas leis, movendo-as em sua consciência.

Por que pêndulo? Porque ele oscila com mais força quanto mais pessoas – *adeptos* – alimentam-no com sua energia. Cada pêndulo possui sua frequência característica de oscilação. Por exemplo, é possível movimentar um balanço somente empregando força numa determinada frequência. Essa frequência é chamada de ressonância. Caso a quantidade de adeptos ao pêndulo diminui, suas oscilações se extinguem. Quando não sobrar nenhum adepto, o pêndulo vai parar e morrer. Aqui estão alguns exemplos de pêndulos extintos: antigas religiões pagãs, ferramentas de pedra, antigas armas, velhas tendências da moda, discos de vinil, em outras palavras, tudo que existia antes e que atualmente está fora de uso.

Provavelmente você está surpreso: será que tudo isso são pêndulos? Sim, quaisquer estruturas com seus atributos, criadas pela energia mental das pessoas, são pêndulos. Todos os seres vivos capazes de irradiar energia numa determinada direção, cedo ou tarde criam pêndulos de energia. Eis exemplos de pêndulos na natureza viva: colônias de bactérias, populações de seres vivos, escolas de peixes, rebanhos de animais, florestas, pradarias, formigueiros – quaisquer estruturas aproximadamente ordenadas e pertencentes a uma raça de organismos vivos.

Cada organismo vivo é por si um pêndulo elementar, já que representa uma unidade energética. Quando um grupo desses pêndulos individuais começa a oscilar em uníssono, cria-se um pêndulo grupal. Ele se coloca sobre seus adeptos como um acréscimo, existe como uma estrutura separada e independente e estabelece regras para seus adeptos a fim de mantê-los juntos e obter novos. Tal estrutura é independente no sentido de que se desenvolve sozinha, seguindo suas próprias leis. Os adeptos não percebem que funcionam pelas leis do pêndulo e não por sua própria vontade. Por exemplo, o aparelho burocrático se desenvolve como uma estrutura independente da vontade de seus membros. É claro que um membro influente pode tomar uma decisão independente, mas essas decisões não podem contrariar as leis do sistema, senão esse membro será expulso. Até uma pessoa sozinha, que representa um pêndulo, nem sempre deixa perceber seus motivos, como, por exemplo, um vampiro energético.

Qualquer pêndulo é *destrutivo* por natureza, por retirar energia de seus adeptos e estabelecer poder sobre eles. A destrutividade do pêndulo se manifesta em não se importar com o destino de cada um de seus adeptos. O objetivo do pêndulo é único: receber energia do adepto, mas, se isso é ou não é benéfico ao próprio, não importa. A pessoa, ao se encontrar sob a influência do sistema, é obrigada a

construir sua vida de acordo com suas leis, senão o sistema a mastiga e cospe fora. Permanecendo sob a influência do pêndulo destrutivo, toda sua vida será rompida facilmente. Escapar sem perdas, via de regra, é difícil.

Caso a pessoa tenha sorte, encontra seu lugar no sistema e se sente como peixe dentro da água. Sendo um adepto, doa energia ao pêndulo e este a provê com os meios de subsistência. Logo que o adepto começa a perverter as leis da estrutura, a frequência de sua vibração deixa de combinar com a frequência ressonante da oscilação do pêndulo. Ao não receber energia, este joga fora ou destrói o adepto dissonante.

No entanto, se a pessoa foi afastada das linhas que lhe são benéficas, então a vida na estrutura do pêndulo inimigo se transforma em tormenta ou simplesmente numa existência enfadonha. Tal pêndulo se torna totalmente destrutivo para o adepto. A pessoa, caindo sob sua influência, perde sua liberdade. Ela é obrigada a viver segundo as leis impostas e ser um parafuso no grande mecanismo, queria ou não.

A pessoa pode se encontrar sob o domínio do pêndulo e conseguir resultados destacados. Napoleão, Hitler, Stalin e outros semelhantes, são todos *favoritos* de pêndulos destrutivos. Mas em qualquer caso, esse pêndulo não se importa nada com o bem estar de seus adeptos, mas somente os usa para seus objetivos. Quando perguntaram a Napoleão se ele já foi feliz de verdade, ele contou apenas alguns dias de sua vida.

O pêndulo usa métodos refinados para atrair novos adeptos que voam como mariposas para a luz. Quão frequente as pessoas atraídas pelas encantadoras propagandas do pêndulo desviam enormemente da felicidade que estava ao seu lado! Alistam-se no exército e perecem. Entram numa instituição educacional e

conquistam inutilmente uma profissão que não lhes cabe. Encontram um trabalho adverso como se fosse um trabalho de prestígio e se afogam no pântano de problemas. Unem sua vida com uma pessoa estranha e depois sofrem.

A atividade do pêndulo mui frequentemente leva à destruição dos destinos dos adeptos, embora o pêndulo tente encobrir seus motivos com todo tipo de máscaras benevolentes. O principal perigo para a pessoa que se submete à influência do pêndulo destrutivo consiste em que ele desvia sua vítima daquelas linhas de vida nas quais a pessoa pode alcançar sua felicidade. Notemos suas características:

O pêndulo se alimenta da energia de seus adeptos e, por conta disso, aumenta sua oscilação.

O pêndulo procura atrair para si quanto mais adeptos possíveis, para receber quanto mais energia possível.

O pêndulo arma seu grupo de adeptos contra todos os outros grupos. (Nós somos assim, e eles são diferentes, maus.)

O pêndulo culpa agressivamente todo aquele que não quis se tornar adepto, e tenta atrair para seu lado, neutralizar ou afastar.

O pêndulo usa diversas máscaras atraentes, encobre-se com objetivos elevados, brinca com os sentimentos das pessoas para justificar suas ações e conquistar mais adeptos.

O pêndulo, em sua essência, é uma egrégora, mas isso não diz tudo. A noção de “egrégora” não reflete todo o complexo de nuances da relação da pessoa com entidades energoinformacionais. Os pêndulos desempenham um papel incomensurável na vida da pessoa, maior do que se imagina.

Pode-se ilustrar como o pêndulo devora a energia de seus adeptos com o seguinte exemplo.

Imagine um estádio lotado, acontece um intenso jogo de futebol, as paixões estão aguçadas, os torcedores rivais se altercam. Então um jogador comete um erro imperdoável, que leva à derrota de seu time. Os torcedores indignados despejam em cima do jogador uma tormenta, prontos a rasgá-lo em pedaços. Você imagina que maça de energia negativa desaba sobre a cabeça do infeliz? Por causa de um golpe tão descomunal, ele deveria morrer na hora. Mas isso não acontece, ele permanece vivo e saudável, embora oprimido por seu sentimento de culpa. Para onde foi a energia negativa dirigida ao jogador? Ela foi absorvida pelo pêndulo. Não fosse assim, o objeto do ódio do populacho seria destruído e o ídolo subiria às alturas.

Eu não vou julgar se o pêndulo é uma entidade com alma ou se é apenas uma forma de energia. Isso não faz diferença para a técnica do Transurfing. Importa é conhecer o pêndulo e não assumir seu jogo inútil para você. Reconhecer um pêndulo destrutivo é muito simples por causa de uma característica distinta. Ele sempre disputa com seus iguais as pessoas. O objetivo do pêndulo é único: obter o maior número possível de adeptos para conseguir mais energia. Quanto mais agressivo for o pêndulo na luta pelos adeptos, tanto mais destrutivo, ou seja, representa perigo ao destino do indivíduo.

Pode-se contestar que existem organizações do bem, sociedade de defesa da natureza, dos animais, e outras. O que há de destrutivo nessas? Por mais que se tente encontrar o positivo, eles se alimentam da sua energia pessoal e não se importam nem um pouco com a felicidade ou bem-estar de quem quer que seja. Evocando a misericórdia entre as pessoas, permanecem indiferentes para com você. Ao acomodar-se, você de fato se sente feliz ocupando-se com este trabalho, então pode ser chamado de vocação e você encontrou o seu pêndulo. Mas é preciso ser honesto consigo mesmo: será que você não carrega uma máscara de benfeitor? Realmente e honestamente você doa sua energia e seu

dinheiro para o bem dos outros ou se faz de benfeitor para ser visto como uma pessoa boa?

Pêndulos destrutivos desensinaram as pessoas a escolher seu destino. Se o ser humano for livre em sua escolha, ele escolhe a independência. Então os pêndulos não poderão atraí-lo para ser adepto. A nossa consciência está tão acostumada a aceitar a inevitabilidade do destino, que temos realmente muita dificuldade em acreditar na possibilidade de simplesmente *escolher* o destino que nos agrada. Aos pêndulos é favorável manter os adeptos sob controle, por isso eles inventam todo tipo de recursos para manipular seus servos. Com a exposição a seguir, você terá claro como eles o fazem.

Transurfing também pode se tornar um pêndulo, se fizerem dele um culto, um movimento ou uma escola. Diferentes pêndulos, é claro, têm diferentes graus de destrutividade. Transurfing, até no pior dos casos, será um tanto destrutivo, por servir não a um objetivo comum, mas exclusivamente para o bem de cada indivíduo. Por esse motivo, tal pêndulo seria muito incomum, consistindo em uma reunião de individualistas ocupados exclusivamente com seu destino. A propósito, eis uma lição de casa para você: quais são os pêndulos que podemos chamar de construtivos?

Mas para que afinal eu lhe conto tudo isso? Para explicar o que significa *escolher* seu destino e como fazê-lo. Tenha paciência, querido Leitor, não é tão fácil, mas aos poucos o quadro começa a se tornar mais nítido.

Luta dos pêndulos

O mais importante sinal indicador de um pêndulo destrutivo é quando ele visa agressivamente destruir outros pêndulos para puxar as pessoas para o seu lado. Com este fim, ele constantemente ataca seus adeptos contra os outros: “Nós somos assim, e eles são diferentes! Eles são maus!” As pessoas atraídas para esta luta perdem seu caminho e se dirigem a objetivos mentirosos que equivocadamente assumem como seus. Nisso se manifesta a destrutividade dos pêndulos. A luta contra adeptos estrangeiros é infrutífera e leva à destruição da vida, tanto a própria quanto a dos outros.

Tomemos uma manifestação limítrofe da luta por adeptos: a guerra. Para convencer seus adeptos a irem para a guerra, o pêndulo traz argumentos, sintonizados com uma época histórica concreta. O método mais primitivo usado antigamente era mandar tirar dos outros aquilo que lhes pertence. À medida que a sociedade se tornava mais civilizada, os argumentos adquiriam formas mais refinadas. Uma nação se declara superior e as outras são prejudicadas. O objetivo intentado é elevar as nações subdesenvolvidas até um patamar mais alto e, se elas se opuserem, usar a força. Bem, mas os conceitos atuais de guerra têm, por exemplo, o seguinte aspecto. Dentro da floresta, uma colmeia está pendurada numa árvore. Lá moram abelhas selvagens, coletam seu mel e criam seus filhotes. Eis que se aproxima da colmeia um pêndulo e declara a seus adeptos: “Essas são abelhas selvagens, são muito perigosas, destruam a colmeia. Não acreditam? Vejam isto!” O pêndulo se põe a agitar a colmeia com uma vara. As abelhas voam para fora e ferream os adeptos. O pêndulo festeja: “Vejam como são agressivas! É preciso acabar com elas.”

Por mais justificadas que sejam as razões que encobrem as guerras e as revoluções, o fato é único: *luta dos pêndulos* por adeptos. As formas de luta podem ser diversas, mas o único objetivo consiste

em conquistar o maior número possível de adeptos. O pêndulo precisa de novas forças para sobreviver, sem elas o pêndulo para, por isso a luta dos pêndulos é uma luta real e inevitável por sobrevivência.

Depois de guerras e revoluções acontecem formas de luta menos agressivas, mas bem cruéis. Por exemplo, luta pelo mercado de vendas, rivalidade entre partidos políticos, concorrência na economia, aspectos variados de marketing, campanhas de divulgação, propaganda ideológica e assim por diante. A essência da existência das pessoas está construída sobre pêndulos, por isso em todas as formas de atividade impera a concorrência. A rivalidade acontece em todos os níveis, a começar pelas discussões governamentais e acabar na competição entre comandos de clubes e pessoas independentes.

O novo, o incomum, o incompreensível abre seu caminho sempre com dificuldade. Por quê? Será apenas inércia do raciocínio? A principal razão é que aos pêndulos velhos não é vantajoso o surgimento do novato, que atrai adeptos para si. Por exemplo, os motores de combustão interna, que tanto poluem a atmosfera das cidades, há tempos já poderiam ter sido deixados no passado. Foi desenvolvida uma grande quantidade de motores alternativos, ecologicamente limpos. Mas ameaçam de morte os pêndulos das corporações petrolíferas, ainda muito fortes, não permitindo a alguns inventores simplesmente tirá-las de cena. Estes monstros chegam a literalmente comprar patentes dos modelos de novos motores, mantendo-as em segredo, declarando a baixa eficiência das invenções.

Realizando sua estrutura no nível material, os pêndulos fortalecem sua posição com recursos financeiros, construções, equipamentos e, é claro, com recursos humanos. No topo das pirâmides de

pessoas se colocam os favoritos dos pêndulos. Os favoritos são os dirigentes de todas as categorias, desde pequenos chefes até presidentes de nações. Eles não precisam possuir grandes qualidades elevadas. Via de regra, os adeptos que se tornam chefes são aqueles cujos parâmetros mais se encaixam na estrutura do pêndulo. Ao favorito pode parecer que ele alcançou resultados consideráveis em sua vida, graças apenas a suas conquistas. Até certo ponto é assim, mas a maior parte do trabalho a favor da promoção de seus preferidos é desempenhada pela estrutura auto-organizadora do pêndulo. Caso os parâmetros do favorito cessem de responder às exigências do sistema, ele é impiedosamente afastado.

A luta dos pêndulos é destruidora aos seus adeptos porque estes acham que, ao cumprir a vontade superior, agem segundo suas próprias convicções. As convicções pessoais dos adeptos, na maioria dos casos, são capturadas pelos pêndulos. Logo que a pessoa se sintoniza com sua frequência, surge a interação energética entre ela e o pêndulo. A frequência da vibração energética pensamental do adepto se fixa e é apoiada pela energia do pêndulo. Instala-se uma captura, um laço de ligação recíproca. O adepto vibra na frequência ressonante do pêndulo e este, por sua vez, também alimenta o adepto com um pouco de energia, para conservar sua influência.

No nível da realização material, observamos tal interação num quadro corriqueiro. Por exemplo, o pêndulo do partido político promove uma agitação, captura o adepto e lhe dá um tanto de suporte energético em forma de sentimento de justiça, satisfação, respeito e significado. O adepto acha que tem controle da situação, que ele pode escolher. Na verdade, ele é que foi escolhido e colocado sob controle. Ele acredita de que ele realiza sua vontade. Mas essa vontade lhe é atribuída de forma artificial e imperceptível

pelo pêndulo. O adepto se encontra no campo informacional dele, relaciona-se com seus semelhantes em torno de temas “quentes”, entra em vínculo energético e com isso fixa sua frequência. Depois as expectativas do adepto podem ser insatisfeitas, aparecem ideias contra o companheiro anterior, e a frequência emanada se solta do laço. A força do laço varia dependendo do grau de poder do pêndulo. Em alguns casos é permitido ao adepto simplesmente ir embora, em outros, tal herético pode ser destituído de sua liberdade ou até de sua vida.

A captura da frequência pode ser ilustrada pelo seguinte exemplo. Você cantarola alguma melodia. E nesse instante você ouviu outra música alta. Agora, ao ouvir uma melodia diferente, é muito difícil continuar cantarolando sua melodia anterior.

Para os objetivos do Transurfing, não importa de que maneira acontece a interação entre o pêndulo e o adepto no nível energético. Vamos investigar essa interação, utilizando o modelo simplificado de uma imagem comum. Isso será suficiente. Explicar em detalhes e com precisão o que e como *de fato* acontece ninguém consegue, porque aí surge a pergunta: o que entendemos por “de fato”? E assim por diante, numa relação infinita do processo de conscientização. Esse conhecimento é ingrato. Portanto, é preciso se contentar com pouco. É preciso se alegrar que, mesmo assim, podemos entender alguma coisa. Vejamos como os pêndulos manipulam seus adeptos.

Os cordões das marionetes

Formulemos a pergunta: como é que os pêndulos convencem seus adeptos a doar sua energia voluntariamente? O grande e poderoso, por exemplo, pode obrigar seus adeptos a funcionar segundo

determinadas regras. Mas como o fazem os pêndulos fracos? Quando a pessoa não possui o poder de obrigar à força o outro para que ele faça algo, ela usa argumentos racionais, convencimento, preleções e promessas. São métodos fraquinhos, pertinentes exclusivamente à sociedade humana, afastada das forças da natureza. Os pêndulos usam às vezes tais métodos, mas possuem arma muito mais poderosa. São seres energoinformacionais, por isso se submetem e funcionam de acordo com poderosas e indiscutíveis leis da existência desse mundo.

A pessoa entrega energia ao pêndulo quando emite energia mental na mesma frequência. Para isso a pessoa não precisa necessariamente dirigir seus pensamentos a favor do pêndulo. Como você mesmo entende, grande parte dos pensamentos e atitudes das pessoas é inconsciente. É essa característica da psique humana que os pêndulos aproveitam. Eles conseguem receber energia não só de seus adeptos, mas também de seus opositores mais ferrenhos. Você talvez já tenha adivinhado de que maneira.

Imagine um grupo de velhinhas no mercado que pragueja contra o governo do país. Elas não são adeptas do pêndulo do governo, elas o odeiam por uma série de razões. Mas o que acontece de fato? As velhinhas xingam o governo – como ele é injusto, como se vende fácil, é materialista e tolo. Dessa maneira elas emanam intensamente energia mental na frequência desse pêndulo. O fato é que não importa ao pêndulo de que lado você o balance. Para ele serve tanto a energia dos adeptos quanto dos opositores. O mais importante é que a frequência da emissão seja consonante.

No entanto, a tarefa principal do pêndulo é laçar, capturar a pessoa não importa com que método, ocupar seus pensamentos. Com o aparecimento dos recursos da informática global, os métodos dos pêndulos se tornam cada vez mais eficientes. A pessoa entra numa

forte dependência. Você percebeu que nos noticiários costumam prevalecer notícias ruins? Elas evocam fortes emoções – inquietação, medo, indignação, raiva, ódio. A tarefa dos correspondentes é atrair a atenção. Os recursos da mídia são em si pêndulos a serviço de pêndulos mais poderosos. O objetivo por trás de tudo é o livre acesso a qualquer informação. De fato o objetivo é um só – usar todas as maneiras possíveis a fim de estabelecer frequências necessárias.

Uma das formas favoritas do pêndulo de conseguir acesso à sua energia é tirar você do seu equilíbrio. Desequilibrando-se, você começa a “oscilar” na frequência do pêndulo e com isso contribui na oscilação dele também. Imaginemos que os preços aumentaram. Você reage de forma negativa, começa a se indignar, queixar-se, troca informações com conhecidos. Reação plenamente normal e adequada. Mas é exatamente o que o pêndulo espera. Você emana energia negativa ao mundo ao redor, na frequência do pêndulo, ele recebe energia e se movimenta com mais força, e a situação se intensifica.

O cordão mais forte pelo qual o pêndulo prende você é o medo, a mais antiga e poderosa emoção. Não importa de que maneira você tem medo, se o medo está vinculado a algum aspecto do pêndulo, ele recebe sua energia. Angústia e inquietação, mais fracas, mas mesmo assim são ainda cordões resistentes. Essas emoções fixam com muita eficiência a emanção da energia mental na frequência do pêndulo. Se você se preocupa com algo, é difícil se concentrar em outra coisa.

O sentimento de culpa é também um dos canais mais largos pelos quais o pêndulo tira sua energia. Este sentimento lhe é imposto desde a mais tenra infância. É um método muito cômodo de manipulação: “Se você é culpado, deve fazer o que eu digo.” É

muito incômodo conviver com o sentimento de culpa, por isso as pessoas tentam se livrar dele. Mas de que maneira? Cumprindo o castigo ou pagando pela culpa. Tanto um quanto outro supõe subordinação, culpa e trabalho dos pensamentos numa direção determinada. O sentimento de dever é parte do sentimento de culpa. Você deve, portanto, é obrigado a cumprir por culpa. No jugo, os “culpados” verdadeiros tanto quanto os inventados se arrastam com cabeça baixa e levam ao pêndulo seu tributo em forma de energia. O sentimento de culpa, induzido, imposto, é a arma preferida dos pêndulos, e ainda voltaremos a ele.

Devemos observar principalmente todo tipo de complexos psicológicos das pessoas.

- Complexo de baixa estima: minha aparência é pouco atraente, não tenho habilidades nem talentos, não tenho inteligência suficiente nem esperteza, não sei lidar com as pessoas, não mereço.
- Complexo de culpa: eu tenho culpa por algo, todos me julgam, tenho a obrigação de carregar minha cruz.
- Complexo de guerreiro: tenho que ser duro, eu declaro guerra a mim e a todos ao meu redor, eu vou lutar por um lugar ao sol, vou tomar à força o que me cabe.
- Complexo de retidão: a qualquer preço vou provar minha verdade e provarei aos outros que eles estão errados.

Esses e outros complexos são chaves pessoais para a energia de diferentes personalidades. O pêndulo, tendo captado a pessoa, tira intensamente sua energia.

Você mesmo pode continuar a lista dos cordões com que os pêndulos manipulam suas marionetes: sentimento de justiça, orgulho, fama, honra, amor, ódio, inveja, avareza, curiosidade, interesse, fome, e outros sentimentos e necessidades. Os

sentimentos e os interesses permitem fixar determinada direção ao fluxo de ideias. Se o tema não evoca interesse nem emoções, é muito difícil se concentrar nele. Por isso os pêndulos se apoderam do fluxo de ideias, captando os sentimentos e as necessidades da pessoa.

Via de regra, as pessoas reagem de forma padronizada aos irritadores negativos externos. Notícias negativas evocam insatisfação, notícias alarmantes, reação de agitação ou medo, mágoa evoca inimizade e assim por diante. Os hábitos servem de gatilho para o mecanismo de captura, por exemplo, o hábito de se irritar ou se preocupar por razões insignificantes, reagir a provocação, em geral, reagir negativamente a irritador negativo. A pessoa pode ter consciência que pensamentos e atitudes negativas não trazem nada de bom, mas, por hábito, comete erros antigos.

Dessa maneira, os hábitos frequentemente criam problemas e obrigam a agir de forma ineficiente, e é muito difícil livrar-se deles. São ilusões de conforto. A pessoa confia mais naquilo que conhece há muito tempo. Tudo que é novo evoca prudência. O velho, o costumeiro já se recomendou pela prática. É igual a uma poltrona velha, na qual você se senta para descansar depois do trabalho. Pode ser que o novo seja mais aconchegante, mas o velho é mais confortável. O conforto se caracteriza por aconchego, confiança, experiência confiável, previsibilidade. O novo possui essas qualidades num grau bem menor, pois é necessário um tempo considerável para que um novo hábito se torne velho.

Portanto, em linhas gerais examinamos os métodos de influência dos pêndulos sobre as pessoas. Será que é possível se livrar da influência do pêndulo? Mais adiante falaremos sobre os recursos de libertação. Costuma acontecer que alguém se opõe e se coloca abertamente contra o pêndulo que o escravizou. Nesse duelo, a

pessoa *sempre* é vencida. O pêndulo pode ser vencido somente por outro pêndulo. Uma pessoa sozinha nada pode fazer. Se esta saiu da culpabilidade e entrou em luta, só vai perder energia e no melhor dos casos será lançada para fora das fronteiras do sistema e, no pior, esmagada. O adepto, tendo ousado transgredir as regras estabelecidas pelo pêndulo, torna-se um fora da lei. De fato a culpa não consiste no próprio ato, mas no que o adepto largou a culpa e com isso cessou de dar energia ao pêndulo.

Por que “a lança não corta a cabeça do culpado”? Porque essa pessoa, ao assumir o sentimento de culpa, está totalmente disposta a se submeter ao poder do pêndulo. Para o pêndulo, o arrependimento do adepto por ter cometido o ato não significa coisa alguma. Importa apenas restabelecer o controle perdido. O pêndulo imediatamente se torna mais gentil, se você lhe der a oportunidade de manipulá-lo. E se o culpado não se submete, pode-se afastá-lo, pois não há nada mais a tirar dele. Os verdadeiros motivos do pêndulo são enfeitados com princípios morais. Ou seja, o arrependido do ato já não é tão malvado. Você mesmo distinguirá com facilidade onde funciona o princípio moral, e onde se tocam os interesses do sistema, se lembrar sempre como os pêndulos se apresentam e quais são seus objetivos a longo prazo.

Você recebe aquilo que não quer

Como foi dito acima, os pêndulos podem receber energia tanto de seus adeptos quanto de seus opositores. Mas a perda de energia ainda é metade do problema. Se o pêndulo é suficientemente destrutivo, prejudica o bem-estar e o destino da pessoa.

Cada um se defronta de vez em quando com informação negativa ou fatos indesejáveis. Tudo isso são provocações do pêndulo. A

pessoa não quer isso em sua vida, mas reage sempre por uma das duas variantes: caso a informação ainda não a afeta muito, deixa passar e logo esquece. Caso a informação provocante a irrite ou amedronte, afunde na alma, o pêndulo lança sua energia mental e a pessoa se sintoniza na frequência dele.

Acontecimentos seguem no cenário que você já conhece. A pessoa fica com raiva, indignação, preocupação, medo, manifesta sua insatisfação de forma exaltada, ativamente emitindo energia na frequência do pêndulo destrutivo. Essa energia se dirige não só para o pêndulo. Os parâmetros da energia mental são tais que a pessoa se transfere para a linha de vida onde aquilo que ela quer evitar se encontra em abundância. Como você lembra, se a emanção da energia mental da pessoa se fixa numa frequência determinada, ela se transfere para a linha de vida correspondente. O campo destrutivo do pêndulo consiste aqui em fixar a frequência com a ajuda do laço.

Imaginemos que você deixa passar a informação sobre catástrofes e calamidades. Pois se estas não lhe dizem respeito, para que perturbar-se inutilmente? Nesse caso, via de regra, acontece alhures uma catástrofe, mas você se situa na linha de vida em que você não é vítima e sim observador. Essa linha onde você é vítima ficou de lado. E ao contrário, se você permitir a informação sobre catástrofes e infelicidades penetrar em você, exclamar e discutir sobre o assunto com seus conhecidos, então é bem possível que logo você se transferirá para essa linha onde você será a vítima.

Quanto mais forte a sua vontade de evitar algo, tanto mais probabilidades de você recebê-lo. Ativamente lutar contra o que você não quer significa empenhar todos os esforços para que isso esteja na sua vida. Para você passar para linhas de vida indesejadas nem é obrigatório empenhar-se. Bastam os

pensamentos negativos, permeados de emoções. Você não quer mau tempo e pensa como não gosta de chuva. Perturbam vizinhos barulhentos e você sempre briga com eles ou os detesta em silêncio. Você tem medo de algo e isso o perturba muito. Você está farto do emprego atual e você lhe dedica sua inimizade.

Você é perseguido por aquilo que *ativamente não quer*, ou seja, tem medo, detesta, despreza. Por outro lado, há muito do que você também gostaria de evitar, mas isso não o preocupa de veras no momento. Nesse caso, isso nem acontece. Mas basta você absorver o que não quer, deixar se permear pela aversão e cultivar esse sentimento, o que você não quer obrigatoriamente se materializa na sua vida.

O único método de afastar de sua vida o indesejado é se livrar da influência do pêndulo que capturou sua energia mental. Não se submeter a suas provocações e não entrar nesse jogo. Sair da influência do pêndulo destrutivo é possível de duas maneiras: *derrubar* ou *apagar* o pêndulo. Examinemos em detalhes como isso acontece.

Derrubando do pêndulo

É inútil lutar com o pêndulo. Como já foi dito acima, lutar com ele significa entregar-lhe sua energia. A primeira condição mais importante para o sucesso é *recusar-se a lutar* com ele. Quanto mais ativamente você se opuser ao assédio dos pêndulos, tanto mais ativamente eles o atacam. Você pode repetir infinitamente: “Me deixem em paz! Me larguem!” E você acha que está se livrando deles, mas de fato os alimenta com sua energia, e eles grudam mais ainda.

Você não tem direito de julgar e mudar coisa alguma nesse mundo. É preciso aceitar tudo como quadros numa exposição, goste deles ou não. Na exposição, pode haver muitos quadros que não lhe parecem atraentes. Mas você nem pensa em exigir que sejam retirados. Depois que você reconheceu o direito de existir do pêndulo, você tem o direito de afastar-se dele, de não se submeter à sua influência. O mais importante é não lutar com ele, não julgar, não ficar com raiva, não se irritar, porque tudo isso significará a sua participação no jogo dele. Ao contrário, é preciso aceitá-lo tranquilamente como um mal necessário e inevitável, e depois ir embora. Ao manifestar a aversão em qualquer formato você entrega energia ao pêndulo.

Antes de esclarecer o que significa *escolher*, é preciso aprender a *recusar*. As pessoas têm uma imagem embaçada do que desejam. Mas sabem muito bem o que não querem. Procuram se livrar das coisas ou acontecimentos indesejados, muitos agem de forma a conseguir o contrário. *Para recusar, é preciso aceitar*. A palavra “aceitar” significa aqui não absorver, mas reconhecer o direito de existência e passar ao largo, com indiferença. Aceitar e soltar – significa deixar passar e acenar adeus. Ao contrário, aceitar e deixar significa absorver e depois vincular-se pela inimizade.

Se você se ocupa com pensamentos do que não gosta, é isso que será sua vida. Imagine que uma pessoa não gosta de maçãs. Ela as odeia, causam-lhe enjoo. A pessoa poderia simplesmente não atentar às maçãs, mas não se conforma que no mundo no qual vive existam tais nojeiras. Elas a irritam toda vez que lhe aparecem, e ativamente expressa sua aversão. Isso no nível material. No nível energético, a pessoa se lança ávida em cima das maçãs, enche a boca, mastiga ruidosamente, e vocifera que as odeia, enche os bolsos e de novo se queixa do quanto está enjoada delas. Mas não

se lembra de que é possível simplesmente jogar as maçãs fora de sua vida, já que não as quer.

Não faz diferença se você gosta ou odeia algo. O mais importante é: quando seus pensamentos estão presos no objeto de seus sentimentos, a energia mental se fixa numa frequência determinada, por isso você fica capturado pelo pêndulo e se transfere para a linha de vida correspondente, onde o objeto de fixação é abundante.

Quando você não quer algo, basta não pensar nisso, passar com indiferença, e esse algo desaparece de sua vida. *Jogar fora de sua vida significa não evitar, mas ignorar.* Ao evitar, você o permite na sua vida, mas tenta ativamente se livrar. Ao ignorar, não há reação alguma e, portanto, você não o tem.

Imagine que você é ouvinte de rádio. Todo dia você acorda e ouve uma estação que odeia, é o mundo ao seu redor. Então mude para outra frequência!

Parece que ao estabelecer uma cortina de ferro entre você e o mundo, você se isola dos pêndulos indesejáveis. Isso não passa de ilusão. Dentro da armadura de ferro, você fala para si mesmo: “Eu sou uma parede surda. Não vejo nada, não ouço nada, não sei de nada, não vou dizer nada a ninguém. Eu sou inacessível.” Para manter tal campo de defesa, você precisa empregar energia, e não é pouca. A pessoa que tenta insistentemente se defender do mundo se encontra em constante tensão. Na prática, a energia do campo de defesa está sintonizada com a frequência do pêndulo contra o qual está dirigida a defesa. E o pêndulo precisa exatamente disso. Tanto faz para ele se você lhe entrega energia voluntariamente ou não. Qual é então a defesa contra o pêndulo? O *vazio*. Se eu estou vazio, não há nada o que agarrar em mim. Eu não entro no jogo do pêndulo, nem tento me defender dele. Eu apenas o ignoro. A energia do pêndulo passa voando, sem me pegar, e se dispersa no

espaço. O jogo do pêndulo não me preocupa, não me toca. Em relação a ele sou vazio.

A principal tarefa do pêndulo é atrair mais adeptos e receber sua energia. Caso você ignore o pêndulo, ele o deixa em paz e vai buscar outros, porque ele funciona apenas naqueles que aceitam seu jogo, ou seja, aqueles que começam a emanar na sua frequência.

Um exemplo bem grotesco. Um cachorro late para você. Se você se volta, ele late mais alto. Se você o toma a sério e começa a reagir, ele vai correr atrás de você, pois seu objetivo é encontrar alguém para perturbar. Mas se você o ignorar, ele vai se ligar a outro objeto. E percebe que o cachorro nem pensa em ficar magoado com a sua falta de atenção. Ele está muito ocupado com seu objetivo de conseguir energia. No lugar do cachorro podemos colocar um mexeriqueiro, o modelo vai funcionar do mesmo jeito.

Se alguém perturba você, aplique nessa pessoa o modelo do pêndulo destrutivo, com certeza este modelo lhe servirá sob medida. Se você não conseguir apagar o “chato”, então apenas não responda a suas provocações, ignore-as. Ele não largará você enquanto você lhe der sua energia. Você pode lhe dar energia diretamente, entrando em discussão ou indiretamente, odiando em silêncio. Parar de entregar energia significa nem pensar nessa pessoa, jogá-la fora de seus pensamentos. Apenas diga para si mesmo: “Que vá para aquele lugar!” e ela sairá de sua vida.

Mas acontece frequentemente que não se consegue apenas ignorar o pêndulo. Por exemplo, o chefe o chama para um inquérito. Uma simples recusa ou defesa significarão perda de energia, porque tanto uma alternativa quanto a outra é luta com o pêndulo. Nesses casos você pode fingir que entra no jogo do pêndulo. O mais

importante é você ter consciência de que está entrando no jogo com um propósito.

Imagine que um garoto forte e grande o ameaça com o punho e com toda a sua força desfere um golpe em você. Você nada tem contra, não se defende nem ataca. Nesse momento, você apenas se afasta de lado, tranquilamente, e o garoto junto com o seu punho simplesmente se lança no vazio. Assim, o pêndulo não consegue capturar você e ele mesmo se derruba.

Tal princípio se encontra na base da luta de aikido. Lá acontece literalmente o seguinte: o atacante é pego pelo braço, como se o levassem para passear, e depois o largam de leve, e o enviam voando para o lado para o qual estava sendo dirigida sua energia. O segredo todo consiste em que o atacado não tem nada contra o atacante. Ele concorda com a linha do atacante, vai junto com ele por algum tempo, e depois o larga. A energia do atacante cai no vazio, porque se o atacado está “vazio”, não há nada nele para agarrar.

A técnica desse tipo suave consiste em que, à primeira vista, você reage concordando, e depois diplomaticamente se afasta ou, sem compromisso, direciona o movimento para o lado que você precisa. Por exemplo, o chefe furioso quer abarrotar você de trabalho e exige energicamente que este seja feito exatamente como ele acha que tem que ser. Você sabe que é preciso fazer de forma diferente ou nem considera que seja sua obrigação. Se você começar a protestar, discutir, defender-se, ele vai exigir rudemente sua obediência. Pois ele tomou uma decisão e você o contraria. Faça ao contrário. Escute com atenção, concorde com tudo, permita que se esvaia o primeiro impulso. Depois tranquilamente comece a discutir os detalhes do trabalho. Num dado momento, você pegou a energia do chefe e emana na sua frequência. O impulso dele, não

encontrando oposição, por algum tempo impera. Não lhe fale que sabe melhor como fazer esse trabalho, não recuse nem discuta. Apenas aconselhe-se com o chefe sobre a maneira como você poderia cumpri-lo mais rapidamente e melhor, ou, talvez, outro funcionário o faça melhor. Você oscila junto com o pêndulo, mas o faz conscientemente, sem participar no jogo, mas como se observasse de fora. Ele oscila, totalmente absorto no jogo. É o seu jogo, ele toma a decisão e você concorda com ele e pede conselho. Você verá que a energia antes direcionada para você se desvia para outra decisão ou outro funcionário. Dessa maneira, o pêndulo estará derrubado só para você.

Desligando o pêndulo

Em certos casos, não é possível derrubar o pêndulo, nem o ignorando nem o abandonando.

Eu tinha um amigo, correto, bondoso, dotado de uma força física descomunal. Estávamos num bonde tarde à noite, e lá se encontrava um grupo de desordeiros agressivos, um pêndulo realmente destrutivo. Eles eram muitos, um por todos, nutrem-se mutuamente com sua energia negativa e se sentem totalmente impunes. Para multiplicar a energia de tal grupo, via de regra, ele precisa perturbar constantemente alguém para receber de fora um alimento.

Eles começaram a amolar o meu amigo, pois a expressão bondosa e pacífica de seu rosto não infundia perigo. Tentaram atiçá-lo de todos os jeitos com provocações e ofensas, mas ele continuou sentado em silêncio e não reagia às provocações, ou seja, tentava derrubar o pêndulo. Eu tampouco me intrometi, pois sabia que ele não corria perigo, mas o grupo estava se arriscando muito.

Finalmente, não aguentando mais, meu amigo se dirigiu à saída, mas lhe barrou o caminho o adepto mais maldoso do grupo. Então o meu amigo, encurralado no canto, agarrou o desordeiro pelo pescoço e lhe desferiu um tapa considerável.

O rosto do infeliz logo se transformou num mingau. Os outros heróis estancaram de surpresa e horror. O meu amigo se virou e agarrou o próximo, mas este suplicou em voz tremida: “Tudo bem... camarada... nãooo...” A energia do pêndulo foi imediatamente desligada, e os adeptos caíram fora do bonde, cambaleando e recuando de costas.

Obviamente é bom para aqueles que conseguem se defender. E se não, o que acontece? Se de fato não há para onde se afastar, é possível apagar o pêndulo agindo de forma extraordinária, da forma que ninguém espera de você.

Contaram-me o seguinte acontecimento. Um garoto foi acuado por um bando de arruaceiros “atrevidos” prontos para surrá-lo. Então ele se dirigiu ao chefe, fixou nele um olhar desvairado e declarou: “O que devo quebrar: seu nariz ou seu queixo?” Tal colocação de uma pergunta não cabe obviamente no cenário, e o chefe ficou atônito por uns instantes. Então o garoto exclamou, com um entusiasmo doentio: “Então vou arrancar a sua orelha!” E agarrou a orelha do chefe com todos os seus cinco dedos. O outro deu um berro apavorado. O espetáculo todo, que o bando estava acostumado a montar, foi abortado. E o chefe já nem pensava mais em bater em alguém, preocupado apenas em soltar sua orelha. Deixaram o garoto em paz, achando que era louco, e com isso ele evitou a surra.

Assim, se você cair numa situação na qual é óbvio o desenrolar dos fatos, faça algo que não combina com o cenário, não importa o quê. O pêndulo será apagado. Enquanto você funciona de acordo com o

cenário, você assume o jogo do pêndulo e lhe entrega sua energia nessa frequência. Mas se sua frequência é muito diferente, você entra em dissonância com o pêndulo e com isso desarranja seu ritmo.

Ao mesmo tempo não se deve bancar o valente quando você se relaciona com um pêndulo que não tem nada a perder. Se você foi assaltado, é melhor entregar imediatamente o dinheiro. Algumas pessoas até carregam algumas notas extras especialmente para tais ocasiões. Por exemplo, se o ladrão é drogadicto ou doente mental, pode tirar sua vida num piscar de olhos, mesmo se você for mestre em artes marciais. Por isso trate-o do mesmo jeito que um cão raivoso. Senão sua morte será injusta e tola.

O senso de humor e da fantasia pode ajudar a apagar o pêndulo. Transforme sua irritação em brincadeira. Por exemplo, você é empurrado por uma multidão na rua ou no metrô, que corre para algum lugar e dificulta o seu avanço. Imagine que você está na Antártida, num mercado de aves. As pessoas são pinguins, é hilário como elas andam bamboleando, numa agitação fervilhante. E você quem é? Também um pinguim. Depois de tal transformação, as pessoas já inspiram simpatia e curiosidade e não mais irritação.

É claro que é difícil ter domínio sobre si mesmo quando literalmente você quer rasgar e bater. Em tais momentos é muito mais difícil *lembrar* que tudo isso não passa de pêndulo que busca sugar sua energia. Não se entregue às suas provocações. O pêndulo, igual ao vampiro, usa seu tipo de anestesia, o seu costume de reagir negativamente à irritação. Mesmo agora, depois de ler estas linhas, você pode distrair-se e responder irritado ao telefonema indesejado. Mas se você colocar-se o objetivo de conquistar o hábito de *entender*, com o tempo você adquire imunidade contra a provocação dos pêndulos.

Preste atenção, quando você topa com alguma circunstância angustiante e reage com irritação, insatisfação, emoções negativas, imediatamente segue a continuação e o desenvolvimento da situação negativa no mesmo espírito ou aparecem novos aborrecimentos. Assim balança o pêndulo. Você mesmo o balança. Faça o contrário: ou não reaja de maneira alguma ou de maneira inadequada. Por exemplo, você pode enfrentar o aborrecimento fingindo entusiasmo ou fazendo uma pergunta idiota. Isso apaga o pêndulo. Você se convencerá de que não há prosseguimento.

Como você se lembra, o costume de reagir negativamente a circunstâncias angustiantes é o gatilho que aciona o mecanismo de captura da sua energia mental pelo pêndulo. Esse costume fenece caso você jogar o seu jogo, no qual deliberadamente você faz as seguintes substituições: medo por certeza; tédio por entusiasmo; indignação por indiferença; irritação por contentamento. Experimente reagir a aborrecimentos pequenos com “inadequação”. O que você perde? Que seja tolo, mas este tipo de jogo não deixa nenhuma chance ao pêndulo. Este recurso parece tolo porque os pêndulos nos acostumaram a jogar apenas os jogos que lhes são favoráveis. Experimente agora impor-lhes o seu jogo, você ficará contente, e você constatará surpreso o quão poderosa é essa técnica. Aqui há um só princípio: emanando na frequência diferente da ressonante, você entra em dissonância com o pêndulo, ele se apaga em relação a você e o deixa em paz.

Há outro jeito interessante de apagar suavemente. Se alguém o importuna, cria problema para você, tente determinar o que falta a essa pessoa, o que ele necessita. Então imagine essa pessoa tendo aquilo que lhe falta. Pode ser: saúde, confiança, conforto espiritual. Refletindo, são as três coisas fundamentais das quais você necessita para se sentir satisfeito. Pense, o que a pessoa precisa de fato no dado momento?

Convenhamos que o seu chefe gritou com você. Talvez ele esteja cansado ou tem algum problema familiar? Então ele precisa de conforto espiritual. Imagine-o descansando numa poltrona confortável, diante da televisão, ou ao lado da lareira, ou com uma vara de pesca, ou na banheira com uma caneca de cerveja. Você sabe do que ele gosta? Talvez ele tenha sido oprimido pelos seus chefes e está com medo da responsabilidade? Então ele precisa de confiança. Imagine-o confiante, esquiando na montanha, ou numa academia, ou numa festa, quando ele é o centro das atenções. Talvez algo lhe esteja doendo? Imagine-o alegre e ousado, tomando banho de mar, andando de bicicleta, jogando futebol. É melhor imaginar aquilo que o diverte. Mas não é imprescindível adivinhar, não se preocupe com isso. Basta imaginar esta pessoa numa situação em que está satisfeita.

O que acontece? Ele apareceu no seu horizonte com um problema para você. (Pode ser também o assaltante.) Desvie do problema que ele lhe traz. Dessa maneira, desde o início você não enfia sua cabeça no laço de captura da frequência. Imagine esta pessoa recebendo aquilo que precisa. (O que o assaltante quer? Comer, beber, enfiar uma agulha na veia?) Visualize essa pessoa satisfeita. Se você conseguir isso, considere extinto o problema. Pois o pêndulo, por algum motivo, começou a se abalar. Algo o tirou do equilíbrio. Ele, consciente ou inconscientemente, busca aquilo que lhe devolva o equilíbrio. E então a sua energia mental numa determinada frequência lhe fornece o equilíbrio, embora de forma indireta. Imediatamente ele substitui a agressão por tendência ao bem. Difícil de acreditar? Comprove!

Na base dessa técnica está o princípio do apagamento do pêndulo. A pessoa-pêndulo vai até você com um problema, e você a satisfaz, mas não de forma explícita, e sim no nível energético. Você lhe deu sua energia, mas apenas uma pequena parte em comparação com

o que poderia ter perdido. Além do mais, realizou uma boa ação, pelo menos temporariamente ajudou o necessitado. Interessante é que em seguida ele muda a relação com você para algo mais amistoso. Ele não vai entender porque na sua companhia ele se sente confortável. Que este seja o seu pequeno segredo.

Tal técnica pode ser aplicada nos casos em que você mesmo precisa de algo da pessoa, mas esta está ocupada com seus próprios problemas e indisposta a lhe dar isso. Você precisa da assinatura do chefe? Primeiro “alimente-o” com uma visualização benéfica e ele vai fazer tudo por você.

E por último, para onde você acha que vai a energia do pêndulo impedido? Ela se transfere para você. Tendo resolvido o problema, você se fortalece. Da próxima vez isso não será mais difícil. Não é assim? Quando você luta com o problema, você entrega energia ao pêndulo, o próprio que gerou o problema.

As práticas de derrubada e apagamento do pêndulo são conhecidas dos psicólogos e psicoterapeutas como recursos profissionais. Nesse sentido, os métodos dados não são novidade. Mas para a pessoa que não conhece os recursos da psicologia prática, são valiosos porque conferem clareza e entendimento do que é, como e porque funciona a defesa psíquica.

Soluções simples para problemas complicados

Derrubar ou apagar um pêndulo nos dá mais uma vantagem que é a capacidade de resolver todo tipo de problemas. Pode ser uma complicada situação de vida, um conflito, uma circunstância desagradável, dificuldade ou simplesmente uma tarefa. Para todos os problemas complicados existem soluções simples. A chave da

solução está sempre na superfície, a questão é como enxergá-la. O pêndulo impede que você a veja, pois foi ele que criou o problema.

Um pêndulo destrutivo tem como objetivo conseguir a sua energia. Para isso é indispensável que ele fixe a frequência de seus pensamentos no problema. O método mais fácil é convencer você que o problema é complicado. Quando você aceita tais regras do jogo, ele o leva tranquilamente pela mão para dentro do labirinto emaranhado. Só depois é que você se dá conta que a saída estava lá o tempo todo e você não viu.

Quando assustaram ou perturbaram a pessoa, colocaram-lhe um problema ou brincaram com seus complexos, ela concordará facilmente com o fato de que o problema é complicado e será fisgada. Mas é possível não se assustar. Para a maioria dos problemas já se estabeleceu a opinião corrente de que não há soluções simples. Qualquer pessoa no decurso de sua vida constantemente se defronta com diferentes complicações, principalmente quando é algo novo, desconhecido. Em suma, cada um possui o hábito solidamente arraigado de enfrentar os problemas com apreensão, às vezes até com temor piedoso. Com isso, a pessoa sempre pesa na balança da dúvida suas habilidades de resolver a dificuldade. Resulta que a tendência de enfrentar os problemas com temor se transforma em cordões de marionete.

O pêndulo pode funcionar por meio de seus adeptos, de pessoas vinculadas a este problema ou de objetos inanimados. Ele fixa a vibração da energia mental numa frequência determinada e suga a energia, enquanto a pessoa se esforça com o problema. Aparentemente a fixação da frequência no objeto ajuda a concentração. Como é que isso pode atrapalhar a resolução do problema?

O caso é que o pêndulo fixa nossos pensamentos num setor muito estreito do campo informacional. A solução pode estar além das fronteiras desse setor. Resulta que a pessoa pensa e age dentro dos limites de um corredor estreito e não tem possibilidade de uma visão mais abrangente do problema. Decisões intuitivas e fora do padrão vêm exatamente quando a pessoa se liberta do pêndulo e obtém liberdade para pensar em outra direção. O segredo todo dos gênios consiste em que eles são livres da influência do pêndulo. No instante em que as frequências mentais de pessoas comuns são capturadas pelos pêndulos, as frequências mentais dos gênios são capazes de livremente mudar e entrar em âmbitos inéditos do campo informacional.

O que fazer para não cair no laço de captura? Não mergulhar de cabeça no problema, não se permitir ser puxado para o jogo do pêndulo. *Arrenda-se*. Funcione como de costume nesses casos, mas não como *participante* do jogo e sim como *observador externo*. Olhe para a situação à distância. Lembre-se que querem pegá-lo pela mão e levar para dentro do labirinto. Não deixe que o problema o assuste, capture, perturbe, preocupe. Lembre-se, para começar, que sempre há uma solução muito simples, não aceite a complicada que está lhe sendo imposta.

Se você se defrontou com um problema ou obstáculo, tenha controle sobre sua relação com ele. O problema pode gerar confusão, medo, indignação, desânimo e assim por diante. É indispensável substituir sua forma habitual de lidar com a dificuldade que surgiu por uma forma contrária, e a dificuldade se liquidará sozinha, será solucionada rápida e facilmente. Ao contrário dos estereótipos e hábitos estabelecidos, enfrente qualquer problema não como obstáculo, exigindo ser vencido, mas como trecho do caminho que é preciso palmilhar. Não deixe que o problema ocupe espaço em você. Esteja vazio com relação a ele.

Se você precisa resolver alguma questão, na qual se exige pensar, não se lance imediatamente ao raciocínio lógico. Seu subconsciente está vinculado diretamente com o campo informacional. A solução de qualquer questão já está lá. Por isso primeiro relaxe, jogue fora o menor sinal de medo e de inquietação relativos à solução. Pois você sabe que a solução já existe. Relaxe, interrompa o fluxo de pensamentos, imagine o vazio. É bem provável que a solução venha imediatamente, e muito simples. Se não deu, não se desespere nem ligue a máquina de pensamentos. Da próxima vez você consegue. Tal prática desenvolve bem a capacidade de acessar conhecimentos intuitivos. Indispensável apenas transformar isso em hábito.

Esse método realmente funciona, se você conseguir libertar-se do pêndulo e “arrender-se”. Fácil de falar, difícil de fazer. Mais adiante neste livro você conhecerá novas formas de relacionamento com o pêndulo. Ainda estamos no começo. E você não acha que eu mesmo o peguei pela mão e o estou levando para o labirinto? Certo, mantenha-se livre até daqueles que proclamam a sua liberdade.

Situação suspensa

Libertando-se da influência dos pêndulos destrutivos, você obtém liberdade. Mas liberdade sem objetivo é uma *situação suspensa*. Se você se distraiu derrubando e apagando os pêndulos ao seu redor, você se arrisca a ficar no vácuo. Os conflitos acontecidos antes vão embora para algum lugar, as preocupações que o atormentam se afastam, os insucessos rareiam, a angústia e a inquietação somem silenciosamente. Tudo isso acontece imperceptivelmente, como se a tempestade se acalmasse devagar.

Mas você descobre logo que há o outro lado. Se antes você estava no centro dos fatos, agora eles acontecem ao seu lado. Para os

circundantes, você deixa de ter a importância anterior, cada vez menos eles lhe dão atenção. As preocupações aumentam, mas novos desejos não chegam. A pressão do seu mundo enfraquece, mas isso não traz dividendos. A quantidade de problemas diminui, mas conquistas também não aumentam.

O que está acontecendo? O caso é que todo o meio de existência do ser humano está construído sobre os pêndulos, por isso se ele se isolar totalmente deles, vai se ver no deserto. A situação suspensa não é melhor do que a dependência do pêndulo. Por exemplo, as crianças que possuem tudo em abundância, logo se entendiam porque “não têm mais o que desejar”. Elas se atormentam e perturbam os circundantes com suas manhas. O ser humano é constituído de tal maneira que precisa ter sempre algo a alcançar.

Sua liberdade consiste em independender de pêndulos adversários. Mas existem pêndulos que serão úteis exatamente para você. São os *seus pêndulos*. É indispensável reconhecer objetivos impostos na busca dos quais você se afasta da linha de sua vida feliz. A questão é, permanecendo livre, você escolha linhas de vida nas quais o esperam sucesso duradouro e felicidade pessoal.

Os pêndulos não são o mal absoluto para a pessoa se ela age conscientemente. A pessoa não pode se libertar totalmente deles. A questão é como não se submeter à influência dos pêndulos, mas conscientemente utilizá-los a seu favor. Transurfing propõe métodos concretos de como fazer isso. Não é possível libertar-se totalmente da influência dos pêndulos, nem é necessário. Ao contrário, são os pêndulos que, no final das contas, transformam o sonho da pessoa em realidade.

Resumo

O pêndulo é criado com a energia das pessoas, dirigindo seus pensamentos na mesma direção.

O pêndulo é uma estrutura energoinformacional.

O pêndulo fixa a energia mental do adepto na sua frequência.

Entre os pêndulos acontece uma luta cruel por adeptos.

O pêndulo destrutivo impõe aos adeptos objetivos que lhes são adversos.

O pêndulo brinca com os sentimentos das pessoas, atraindo-as para a sua teia.

Se você não quer algo ativamente, isso estará na sua vida.

Livrar-se do pêndulo significa jogá-lo fora de sua vida.

Para apagar um pêndulo é necessário perturbar o cenário do jogo.

A visualização benéfica apaga suavemente a pessoa-pêndulo.

A energia do pêndulo apagado passa para você.

Os problemas se resolvem mediante a derrubada ou apagamento dos pêndulos que os criaram.

Para resolver problemas, arrenda-se.

Para evitar situação suspensa é preciso encontrar os seus pêndulos.

É necessário elaborar o hábito de lembrar-se de tudo isso.

III

Onda de sucesso

As metáforas “pássaro azul” ou “roda da fortuna” possuem uma base plenamente material. Sabe-se que o sucesso ou o fracasso se revezam como listas pretas e brancas. Como eliminar as listas pretas de sua vida?

Os seus pensamentos voltam a você como bumerangue.

O antípoda do pêndulo

Agora vamos verificar a sua lição de casa.

Quais os pêndulos que podem ser chamados de construtivos?

Resposta: esses não existem. Parece paradoxal, mas é assim. Não se magoe, querido Leitor, a pergunta foi provocativa. O único objetivo importante de *qualquer pêndulo* é apenas conseguir energia dos adeptos. Se a energia não chega, ele para.

O pêndulo é construtivo somente em relação a si mesmo, mas nunca para você. O que há de construtivo, criativo, no fato de ele lhe tirar energia? Claro, diferentes pêndulos são destrutivos e agressivos em diferentes intensidades. Por exemplo, é difícil imaginar que o clube do vôlei de praia declare guerra contra o clube de natação de inverno. E pertencer ao clube do vôlei de praia dificilmente destruirá sua vida. No entanto, este pêndulo também se alimenta da energia dos adeptos e, se eles se entediarem com a atividade, o clube morre. Mas isto não é nada comparado com a participação em um grupo de desordeiros, onde é possível perder a liberdade e a vida.

Pode-se argumentar: se eu frequento uma academia de ginástica, onde me ocupo exclusivamente comigo, de que maneira entrego minha energia ao pêndulo da academia? Não importa, mesmo ocupando-se apenas com você mesmo, você é obrigado a cumprir certas regras. Na sua casa você pode fazer o que quiser, mas na academia todos os seus membros de uma forma ou de outra funcionam na mesma direção, cumprem regras estabelecidas pelo sistema e dessa forma dão energia coletiva ao pêndulo. Se todos os membros da academia se dispersarem, o pêndulo deixa de receber alimento e para.

A pergunta pode ser diferente: existem estruturas energéticas que não precisam de sua energia? Acontece que existem. Uma delas é a *onda da sorte*, ou a confluência vantajosa de circunstâncias a seu favor. Cada um possui suas ondas da sorte. Frequentemente acontece que algo dá certo e depois vem uma cascata de outros agradáveis imprevistos. É como se viesse uma lista branca na vida. Tal cascata acontece raramente, mas somente se o primeiro sucesso o alegrou e criou para você uma elevação do espírito.

“Roda da fortuna” ou “pássaro azul da felicidade” não são apenas metáforas abstratas. A onda da sorte surge como acúmulo de linhas de vida favoráveis a você. No espaço das variantes existe tudo e no entremeio, esses veios de ouro. Se você se colocou na linha lateral dessa exclusividade e teve sorte, pode, por inércia, deslizar para outras linhas de acúmulo, onde acontecem novas circunstâncias felizes. Mas se, depois do primeiro sucesso, corre de novo uma listra negra, significa que você foi fisgado por um pêndulo destrutivo que o desviou do veio de ouro.

A onda da sorte traz felicidade, sem tirar energia. Podemos compará-la a uma onda do mar, que leva para a praia o nadador exausto. A onda da sorte o transporta para linhas de vida felizes. A onda, assim como o pêndulo, nada tem a ver com o seu destino, como também não precisa de sua energia. Se você quer, deite-se nela e nade, não quer, então ela passará por você sem piedade. A onda da sorte é uma manifestação temporária, ela não capta energia do outro por isso acaba se apagando, como as ondas do mar que quebram na praia.

A onda da sorte pode se fazer conhecer na imagem de boas novas. Ela carrega informação de outras linhas da vida. Esses ecos na linha corrente são acolhidos como boas novas. A questão é agarrar-se a este cordão e içar-se para as linhas das quais vieram as boas novas. Lá estarão não só as notícias, mas também circunstâncias felizes.

Pode parecer que a onda vem e vai. Na realidade, a onda da sorte não se mexe, não se fortalece nem enfraquece. Adotamos o termo “onda” para o modelo com o intuito de facilitar o entendimento. Como já foi falado, a onda da sorte existe estacionária no espaço das variantes, aparecendo como acúmulo de linhas benéficas. É você que, movimentando-se pelas linhas da vida, encontra essa

heterogeneidade como onda e a apanha, introduzindo-a na sua vida, ou se afasta dela, atraído pelos pêndulos.

A onda não se interessa por você, por isso é fácil perdê-la, ela passará por você e não voltará. Decorre a noção geral de que é difícil apanhar o pássaro da felicidade. De fato não é preciso se esforçar para montar na onda da sorte. É apenas uma questão de escolha sua. Se você a aceita na sua vida, ela está com você. Se você se submete à influência do pêndulo destrutivo e se permeia com sua energia negativa, você se afasta da onda da sorte. As pessoas sempre agem assim: “tendo, não cuidam, perdendo, choram”. O pássaro da felicidade não tem nada contra bicar sementes de sua mão. Não é preciso caçá-lo. Basta não afugentá-lo.

É um dos aspectos mais paradoxais *da liberdade de escolha*. As pessoas realmente podem escolher a felicidade e a sorte. E, ao mesmo tempo, não são ondas dos pêndulos que desviam das ondas da sorte. Voltamos ao tema anterior. Para se apoderar da liberdade de escolha é necessário *recusar a dependência*. Temos também o direito de nos libertar da influência dos pêndulos inimigos. Resta esclarecer de que forma podemos *nos apoderar destes direitos*.

Bumerangue

Muitas pessoas costumam ter na cabeça uma constante turbulência de pensamentos. Caso este processo não for controlado, as vivências negativas dominam. Você fica mais preocupado com aquilo que o amedronta, angustia, inquieta, atormenta ou evoca insatisfação. Assim no decurso de séculos formou-se a psique do ser humano sob influência de pêndulos destrutivos, aos quais é vantajoso manter a pessoa com medo, para ser facilmente

manipulada. É por isso que as pessoas não conseguem visualizar claramente o que de fato querem, mas sabem exatamente o que não querem.

Entregar as rédeas aos pensamentos negativos significa entrar no jogo com o pêndulo destrutivo e emanar energia na frequência dele. É um hábito muito desvantajoso. É do seu interesse substituir este por outro hábito: controlar conscientemente os seus pensamentos. Cada vez que a sua mente não estiver ocupada com nada específico, por exemplo, no meio do trânsito, passeio ou de um trabalho que não exige concentração, ligue-se em pensamentos positivos. Não pense naquilo que não conseguiu, pense naquilo que você quer conseguir, e vai recebê-lo.

Suponhamos que você não goste da casa onde mora. Você fala para si mesmo: “Estou farto dessa casa, aqui tudo me irrita. Quando me mudar para a casa nova, ficarei alegre, mas por enquanto nada posso fazer: detesto!” Perceba que com tais pensamentos não é possível receber aquilo que você espera. Mesmo se a mudança para outro lugar seja uma questão de decisão, espera-o na nova casa um monte de desapontamentos.

Claro, dirá você, mas eu não estou largando este barracão e me mudando para um palacete maravilhoso! Quais desapontamentos podem me aguardar lá? Você nem precisa se preocupar com isso. Quanto maior a aversão que você vivenciar na casinha que o acolheu, tanto mais imprevistos desagradáveis o esperam no palacete novo. E os aborrecimentos serão de outra ordem. As torneiras vão quebrar, a pintura descascar, as paredes desabar, os vizinhos perturbar, haverá de tudo que conserve os parâmetros da sua emanção negativa. Casa nova ou velha, qual a diferença? Sempre se encontrarão linhas de vida com todos os confortos, nas quais você estará descontente como antes. No espaço das

variantes existe uma quantidade grande de casas maravilhosas, nas quais você se sentirá no inferno.

Quanto mais você não tiver para onde mudar, tanto mais você ficará morando num ambiente desagradável. Ora, você não está sintonizado na frequência da linha de vida na qual o aguarda a casa de seus sonhos. No momento você pensa naquilo que não gosta, emana energia negativa, e ela combina com a linha na qual você está. Por isso você terá que ficar plantado nela até mudar a frequência da sua vibração. Fazer isso não é tão complicado.

Em primeiro lugar, tranquilize-se e rejeite insatisfação e aversão. Sempre e em tudo é possível encontrar aspectos e razões boas para pequenas alegrias. Deixe que a casa não lhe agrade, mas esteja pelo menos grato a ela por tê-lo acolhido. Lá fora sopra o vento, cai a chuva. A casa pega tudo isso para si, mas protege e aquece você. Será que pelo menos isso não merece reconhecimento? Se você agora sente gratidão pelo que possui, se sente amor para com todas as coisas que o cercam e o ajudam a viver, você emite energia positiva. Então, se quiser, pode contar com a melhora de sua condição, com toda a certeza. E quando estiver se mudando, é indispensável que você agradeça tudo que o rodeava. Até aquelas coisas que você jogou fora merecem gratidão. Nesses momentos, você *transmite* ao mundo ao redor vibrações positivas e elas certamente voltarão para você.

Em segundo lugar, pense naquela casa que você quer ter. Isso é mais difícil de fazer do que irritar-se com as coisas que o rodeiam no momento. Mas vale a pena. O que é melhor: reagir a irritações externas segundo seu costume, como uma concha, ou fazer um pequeno esforço e mudar seus hábitos? Veja propaganda com fotos de casas, circule pelas lojas em busca de móveis e objetos de decoração, viva com todos os seus pensamentos naquilo que você

quer ter. Temos sempre as coisas e situações que na prática dominam nossos pensamentos. *Os nossos pensamentos sempre voltam a nós como bumerangue.*

Podemos trazer muitos exemplos de como a relação negativa pode estragar a vida. Imaginemos que você está se preparando para passar suas férias no sul. Mas aqui o tempo está horrível. Você caminha pela rua, se encolhe por causa do vento gelado e se molha na chuva. É claro que sentir alegria nesse tempo é muito difícil. Então seja pelo menos neutro, para ignorar esse pêndulo destrutivo. Se você expressar ativamente sua insatisfação com o clima, quer dizer que aceita o pêndulo e o movimenta mais ainda.

Você fala para si mesmo: “Logo chegarei no sul e ficarei contente com o sol, o calor e o mar. Mas agora, maldito pântano!” Então, nessa atitude você não se sintoniza com a linha de vida onde o aguarda o contentamento paradisíaco. Você não vai conseguir chegar lá. Você já comprou a passagem de avião? E daí? Você estará no ponto determinado, mas lá o espera um tempo ruim ou outros dissabores. Tudo se ajeitará, basta sintonizar-se com a vibração positiva.

Parece que não basta *impedir* a energia negativa de entrar em você. É preciso que você *não emita* tal energia. Por exemplo, irritado, você grita com alguém. Tenha a certeza de que logo em seguida você terá algo desagradável ou problemático. Nesse caso, os parâmetros da sua emanção satisfazem as linhas de vida nas quais você experimenta irritação. É para lá que você é transportado. Nessas linhas, a densidade dos desgostos está acima da média. Não precisa se acalmar com justificativas, como se não houvesse como evitar este desgosto. Eu não preciso convencê-lo nem provar coisa alguma. Basta você mesmo observar que, após qualquer reação negativa sua, seguem novos aborrecimentos.

A saída de tudo isso é muito simples e compreensível: você sempre se encontra nas linhas de vida cujos parâmetros sua emanção enérgica satisfaz. Você permite a entrada de energia negativa, aborrecimentos estarão presentes em sua vida. Você emana energia negativa, ela volta em forma de novos problemas, como bumerangue.

Vibração

Em vez de aceitar o jogo dos pêndulos destrutivos, procure pêndulos cujo jogo lhe será útil. Isso significa criar o hábito de prestar atenção em tudo que é bom e positivo. Logo que você viu, leu ou ouviu algo bom, agradável, esperançoso, fixe-o em sua mente e se alegre. Imagine que você caminha pela floresta: há flores bonitas e há também espinhos venenosos. O que você escolhe? Se você colheu flores de sabugueiro, trouxe para casa e colocou num vaso, logo terá dor de cabeça. Para que você precisa disso? Do mesmo jeito é nocivo reagir a pêndulos destrutivos. É melhor colher flores de jasmim, apreciá-las e desfrutar o seu aroma. Deixe entrar em você tudo positivo e no seu caminho haverá cada vez mais notícias boas e possibilidades benéficas.

Você sentiu inspiração e alegria. Mas depois você é puxado novamente pela rotina habitual. O fim de semana acaba, e entram os dias da semana. Como conservar em si o estado de festa? Primeiro, *lembrar-se* dele. Costumamos mergulhar de cabeça no cotidiano, esquecemos o bom e ele cessa de nos alegrar. É um hábito ruim. Os pêndulos nos obrigam a esquecer.

É preciso manter dentro de si a chama da festa, avivar essa sensação. Observar em seguida como a vida muda para melhor, agarrar-se a toda e qualquer palha de alegria, procurar em tudo

sinais de bondade. Isso, pelo menos, não é tedioso. Indispensável *lembrar-se* a cada minuto que você se ocupa com o Transurfing, caminha conscientemente rumo ao seu sonho, quer dizer, dirige seu destino. Só isso já inspira tranquilidade, confiança e alegria, por isso para você é sempre festa. Quando a sensação de festa se tornar hábito, você estará constantemente na crista da onda do sucesso.

Alegre-se com tudo que você tem no momento presente. Não é um chamado vazio para ser feliz por decreto. De vez em quando, as circunstâncias se estabelecem de forma que é muito difícil estar contente. Mas do puro ponto de vista prático, expressar o descontentamento é muito desvantajoso. Ora, você quer alcançar as linhas de vida nas quais tudo lhe é adequado? Mas como é que você vai chegar lá se a sua vibração está cheia de descontentamento? Ao contrário, a frequência dessa vibração se sintoniza com as linhas nas quais você se sente mal. As boas linhas se diferenciam pelo fato de que lá você se sente bem e os seus pensamentos estão plenos de alegria e satisfação.

Boas novas não perturbam muito e são rapidamente esquecidas. Notícias más, ao contrário, evocam reação intensa porque carregam ameaça potencial. Não deixe que as notícias más penetrem no seu coração, ou seja, na sua vida. Feche-se para as notícias más e se abra para as boas. É indispensável perceber e acalentar cuidadosamente quaisquer mudanças positivas. São os arautos da onda de sucesso. Logo que você ouvir a mínima notícia esperançosa, não se esqueça dela, como antes e, ao contrário, anote, fale sobre, cace-as. Reflita sobre essas notícias de todos os pontos de vista, alegre-se, construa prognósticos, aguarde melhoras em seguida. Dessa maneira, você está pensando na frequência da onda de sucesso e se sintoniza com os seus parâmetros. Haverá cada vez mais notícias boas, a vida passará a ser melhor. Não é misticismo nem propriedade da psique humana filtrar informações

quando o pessimismo olha o mundo através de óculos escuros, e o otimista através de óculos cor de rosa. Essa é a realidade: você muda para a linha de vida correspondente aos parâmetros de energia de seus pensamentos.

Encontrando-se em boas relações consigo mesmo e com o mundo ao redor, você *emite* irradiações harmônicas ao mundo em torno. Você cria ao seu redor uma região de vibrações harmônicas, onde tudo se ajeita de forma bem-sucedida. A sintonia positiva sempre leva ao sucesso e à realização.

O negativismo, ao contrário, sempre é destrutivo, dirigido para o aniquilamento. Por exemplo, há uma categoria de pessoas que *procuram problemas, não soluções*. Elas estão sempre prontas a discutir animadamente as dificuldades e encontrar novos obstáculos. Essas pessoas costumam ter dificuldade em apresentar uma saída real, porque estão sintonizadas não na própria solução e sim na busca de complicações. O foco na busca de problemas os traz em abundância, mas o negócio não sai do lugar. A prontidão para a busca e a crítica dos aspectos desagradáveis sempre traz frutos correspondentes: prejuízo em abundância, mas utilidade nenhuma. Olhe em volta, e você necessariamente encontrará pessoas assim no meio de seus relacionamentos. Não são nem ruins nem boas. Simplesmente estão firmemente fisgadas pelos pêndulos destrutivos.

A maioria das pessoas recebe com hostilidade qualquer fato indesejável na sua vida. Para nós é indesejável um acontecimento que não se coaduna com o cenário que criamos. Só aceitamos como sucesso aquilo que cumpre nossas expectativas. Acontece que a pessoa se aborrece porque se atrasa para tomar o avião que está destinado a cair, sem se dar conta que foi salva por um fato

aparentemente indesejável. Ou deixa passar uma boa oportunidade porque não saiu de acordo com seus planos.

Quanto pior forem os pensamentos da pessoa sobre o mundo ao redor tanto pior se torna para ela este mundo. Quanto mais ela se perturba por causa dos insucessos, tanto mais advêm novos insucessos. “O que chama, responde.” Se a pessoa escolheu tal recurso de existência, a cada dia se ocupa com o Transurfing ao contrário: desliza pela linha de vida na qual a aguarda um verdadeiro inferno. Tome a posição diametralmente oposta: alegre-se de birra com os insucessos, encontre neles um mínimo de utilidade, isso sempre é possível. O copo não está vazio pela metade, mas cheio pela metade. O ditado popular: “Tudo que acontece é para melhor” funciona indiscutivelmente, se isso for o seu credo. Indispensável se apegar com teimosia à mudança para o melhor, recusar o velho hábito de se irritar e penar por qualquer motivo.

Cada insucesso, pelo menos, serve de lição útil, torna você mais forte e mais experiente. Alegre-se com qualquer manifestação de seu mundo, e ele se transformará em paraíso. Isso, claro, é um comportamento muito incomum. Porém o objetivo também é incomum, tornar-se o gênio que realiza seus desejos. Será que é possível alcançar isso pelos métodos comuns?

Primeiramente isso se consegue com trabalho, pois o antigo hábito de reagir negativamente ao indesejável é bastante persistente. O mais importante é a necessidade de aprender a *lembrar-se* a cada circunstância angustiante do fato de que o pêndulo está tentando fisgar você. Basta você se lembrar, e você já pode fazer uma escolha consciente: entregar energia ao pêndulo, externando suas emoções adversas, ou abandoná-lo com nada e, mediante isso, vencer.

Se você se *lembrou*, já se torna mais fácil derrubar ou apagar o pêndulo. Sempre lhe doamos energia de forma inconsciente. Como já falamos, os pêndulos o puxam pelos cordões dos sentimentos, e o gatilho do mecanismo de captura de seus pensamentos serve aos nossos hábitos. Mesmo tendo lido este capítulo e assumido o objetivo de *lembrar-se*, você novamente reagirá de forma negativa ao indesejável. Depois, é claro, você se conscientizará que no momento você simplesmente *esqueceu-se* e agiu inconscientemente, por hábito. Basta, no entanto, você *lembrar-se a tempo*, que a situação voltará ao seu controle. Você dirá a si mesmo: “Ah, é você, pêndulo? Você não vai me fisgar agora.” Você deixou de ser marionete, está livre para aceitar conscientemente ou repelir o pêndulo.

Se você praticar com afinco essa técnica, com o tempo o antigo hábito será substituído pelo novo. Mas até que isso aconteça, os pêndulos tentarão de todos os modos fisgá-lo. Você notará que, como se de propósito, caem sobre você muitos aborrecimentos tristes. Não se desespere, basicamente serão aborrecimentos mínimos. Se você não se entregar e aprender a *lembrar*, a vitória será muito mais impressionante, você verá.

O resultado pode ser: quando você encontrar a onda de sucesso, o pêndulo não conseguirá desviar você. Dessa maneira, o pássaro da felicidade permanecerá em suas mãos. E para atraí-lo, é preciso emitir ao seu redor energia positiva. Ou seja, ser não apenas exclusivamente receptor positivo, mas também emissor. Resultará que o mundo ao seu redor mudará muito rapidamente para melhor. Você deslizará com facilidade para linhas de vida cada vez mais bem sucedidas. Mas não pense que Transurfing se limita a deslizar em ondas de sucesso. São apenas os primeiros passos. Mais adiante o esperam muitas descobertas impressionantes.

Rituais mágicos

Na conclusão desse capítulo, examinaremos um fato da técnica de sintonia à frequência da onda de sucesso. Em diferentes situações, as pessoas às vezes inconscientemente procuram sintonizar-se com a frequência da onda. Por exemplo, no início do dia, os mercadores estão prontos a dar um bom desconto para o primeiro comprador. Eles sentem intuitivamente que o primeiro comprador é muito importante, é necessário fazer um início, amarrar o negócio. Na língua do Transurfing significa sintonizar-se com a frequência da linha de sucesso comercial. E o primeiro comprador fornece esperança e crença real por isso a sintonização acontece por si. O mercador se senta sobre a onda de comércio bem-sucedido e emana energia mental com os parâmetros correspondentes. Ele mesmo acredita que a mercadoria será vendida rapidamente e basta transmitir isso ao comprador que ele logo é “capturado” por essa emanção e, obediente, efetua a compra, convencido de ter tido sorte.

Pegemos outro exemplo: os feirantes às vezes usam um ritual mágico particular, tocam o dinheiro na sua mercadoria. Claro que por si só essa ação não possui força, por isso não existe magia de fato. Porém se o comerciante acredita na força do ritual, isso o ajuda a sintonizar-se com a frequência da linha de comércio bem-sucedido. A sintonização acontece a nível subconsciente. A pessoa só percebe conscientemente o lado externo: o ritual funciona de alguma forma inexplicável. E ele de fato funciona, mas não por si só e sim como um requisito teatral. O papel principal desempenha a energia mental do ator.

Para diferentes profissões em diversas situações existem uma quantidade de tais rituais “mágicos”. As pessoas acreditam neles e correm a realizá-los para sintonizar-se com a frequência da linha de

vida bem-sucedida e cavalgar a onda de sucesso. Em princípio, não importa em que as pessoas acreditam, nas propriedades mágicas do ritual ou na sintonia na frequência das linhas. Como você mesmo entende, importa apenas o resultado prático.

Resumo

A onda de sucesso é a soma de linhas benéficas no espaço das variantes.

A cascata de sucessos acontece apenas se você se embebeu do primeiro sucesso.

Os pêndulos destrutivos o desviam da onda de sucesso.

Tendo se afastado da dependência dos pêndulos, você adquire liberdade de escolha.

Aceitando e emitindo energia negativa, você cria o seu inferno.

Aceitando e emitindo energia positiva, você cria o seu paraíso.

Seus pensamentos sempre voltam a você como bumerangue.

Os pêndulos não o derrubarão da onda se você mantiver o hábito de lembrar.

O hábito de lembrar se elabora com a prática sistemática.

IV

Equilíbrio

As pessoas criam para si problemas e obstáculos, e depois se esforçam para superá-los. Ao contrário do ponto de vista geral, Transurfing mostra que as causas dos problemas se encontram em outro plano. Como eliminar os problemas de sua vida?

Ocupe-se e não se preocupe.

Potenciais excedentes

Na natureza tudo tende ao equilíbrio. A mudança da pressão atmosférica é equilibrada com o vento. A diferença nas temperaturas é compensada com a inversão térmica. Em todos os lugares onde surge o *potencial excedente* de qualquer energia, surgem *forças equilibradoras*, direcionadas para corrigir a distorção. Estamos tão acostumados a tal situação que nem questionamos: por que tudo tem que ser exatamente assim? Por que funciona a lei do equilíbrio? Não há resposta a essa pergunta.

Na realidade, leis não explicam coisa alguma, apenas constataam fatos. Todas as leis da natureza são secundárias, derivadas da lei do equilíbrio, que é a primeira lei (ao menos assim parece) pelo que é impossível explicar por que razão tem que existir o equilíbrio na natureza, de onde aparecem as forças equilibradoras e porque existem. Ora, por estarmos acostumados com isso, não significa que deve ser assim. Só podemos conjecturar como seria o mundo sem a lei do equilíbrio: será que se transformaria num mingau amorfo ou num inferno agressivo? No entanto, a incongruência de tal mundo ainda não é a razão da existência da lei do equilíbrio. Por isso nos resta apenas aceitar como fato e admirar com entusiasmo a perfeição do mundo circundante, e também perder-nos em conjecturas sobre o que dirige tudo isso.

Acostumamo-nos a que na vida existem épocas brancas e pretas; após o sucesso segue o fracasso. Tudo isso revela a existência dessa lei, pois tanto o sucesso quanto o fracasso rompem o equilíbrio. O equilíbrio total é quando nada acontece, e o absoluto não existe. Em todo o caso, isso ninguém conseguiu observar. No mundo se observam constantemente oscilações: dia e noite, maré alta e maré baixa, nascimento e morte, e assim por diante. Até no vácuo acontece constante nascimento e aniquilamento de partículas elementares.

Podemos imaginar o mundo como pêndulos, que oscilam, se extinguem e competem entre si. Cada pêndulo recebe impulsos dos vizinhos e lhes dá os seus. Uma das leis básicas que regem todo esse sistema complexo é a lei do equilíbrio. Em última análise, tudo caminha para o equilíbrio. Você mesmo também é um tipo de pêndulo. Se você decidir quebrar o equilíbrio bruscamente e pender para um lado, você se chocará contra os pêndulos vizinhos e com isso criará ao seu redor uma perturbação que depois se voltará contra você.

O equilíbrio é desmanchado não só com ações, mas também com pensamentos. E não só porque pensamentos são seguidos de ações. Como você sabe, os pensamentos emanam energia. Toda manifestação material se estabelece numa base energética. E tudo que acontece no nível invisível se reflete no mundo dos objetos materiais visíveis. Pode parecer que a energia de seus pensamentos seja muito pequena para influenciar o mundo circundante. Tudo seria bem mais simples caso fosse assim.

Vamos deixar de adivinhar o que acontece no nível energético para não nos atrapalharmos. Para os nossos objetivos basta aceitar um modelo simplificado de equilíbrio: quando surge potencial energético excedente, surgem forças equilibradoras, dirigidas para afastar esse excesso.

Potencial excedente é criado pela energia mental quando a um objeto é dada importância demais. Por exemplo, comparemos duas situações: numa você está em pé no chão de sua casa, na outra, à beira de um abismo. No primeiro caso você não está nem um pouco preocupado. No segundo caso, a situação tem uma importância muito grande, basta um movimento descuidado que acontece a fatalidade. No nível energético, o fato de você simplesmente estar de pé tem o mesmo significado no primeiro e no segundo caso. Mas, encontrando-se à beira do abismo, você, com o seu medo, acumula tensão, criando desequilíbrio no campo energético. Imediatamente surgem forças equilibradoras, dirigidas a afastar esse potencial excedente. Você até pode sentir fisicamente sua ação: de um lado, a força inexplicável puxa para baixo, e do outro, puxa para afastar você da beirada. Pois, para afastar o potencial excedente do seu medo, é necessário que as forças equilibradoras o puxem para longe da beirada, ou o atirem para baixo e acabem com isso de vez. Essa ação você sente.

No nível energético, todos os objetos materiais possuem importância igual. Somos nós que lhes atribuímos qualidades: bom e mau, alegre e triste, atraente e repulsivo, bondoso e maldoso, simples e complexo e assim por diante. Tudo nesse mundo se submete à nossa valorização. A valorização em si não cria desequilíbrio no campo energético. Sentado na sua poltrona, você avalia: ficar sentado aqui é seguro, ficar de pé à beira de um abismo é perigoso. Mas no momento você não se preocupa com isso, pois simplesmente faz uma avaliação, pelo que o equilíbrio não é desfeito. *O potencial excedente surge só no caso de ser atribuída demasiada importância à valorização.*

O tamanho do potencial cresce quando a valorização, por estar carregada de relevância excessiva, deturpa gravemente a realidade. Em geral, não temos condições de avaliar objetivamente as qualidades de um objeto caso esse seja muito importante para nós. Por exemplo, sempre supervalorizamos o objeto de nossa adoração e depreciamos o objeto odiado, ao objeto do medo atribuímos qualidades atemorizantes. Resulta que a energia mental busca atribuir artificialmente determinada qualidade onde esta qualidade de fato não existe. Nesse caso, cria-se potencial excedente que chama o vento das forças equilibradoras.

A valorização que deturpa a realidade caminha em duas direções: atribui ao objeto qualidades extremamente repugnantes ou qualidades extremamente atraentes. O erro de valorização em si não desempenha papel algum. Prestem atenção mais uma vez: a valorização gera potencial excedente somente no caso em que essa tiver grande importância. Somente a *importância* que os assuntos e os objetos têm para você, concretamente, proporciona energia à sua valorização.

Os potenciais excedentes, mesmo sendo invisíveis e intocáveis, desempenham um papel importante e ao mesmo tempo traiçoeiro na vida das pessoas. A ação das forças equilibradoras para afastar esses potenciais gera uma dose leonina de problemas. A perfídia dos potenciais consiste em que a pessoa acaba recebendo o resultado contrário ao desejado, tornando com isso totalmente incompreensível o que acontece. Daí surge a sensação de uma força inexplicável agindo, um tipo de “lei da ruindade”. Já tocamos essa questão quando discutimos porque recebemos aquilo que ativamente não queremos. Verifiquemos no próximo exemplo como nos escapa o que queremos.

Há uma crença errônea de que se nos entregarmos plenamente ao trabalho, podemos alcançar grandes resultados. Do ponto de vista do equilíbrio, é totalmente evidente que “dedicar-se ao trabalho” significa colocar num prato da balança este trabalho e no outro todo o resto. O equilíbrio é desfeito e as consequências não tardam. O resultado será diametralmente oposto ao desejado.

Caso para você trabalhar significa ganhar mais ou elevar sua qualificação profissional, então, é indispensável dispendir certo esforço, e nada de assustador acontecerá. Mas em tudo é necessário conhecer os limites. Se você sente que se cansa muito, que o trabalho se tornou um tormento, significa que precisa diminuir o ritmo ou mudar de trabalho. Esforços excessivos o conduzirão forçosamente a um resultado contrário.

Verifiquemos como isso acontece. Além do trabalho, você possui um sistema determinado de valores: casa, família, diversão, tempo de lazer e assim por diante. Se você contrapõe o trabalho a tudo isso, criou no seu lugar um potencial muito forte. Tudo na natureza se dirige ao equilíbrio, ou seja, independentemente de sua vontade, surgirão forças que vão agir para diminuir o potencial excedente.

Elas podem funcionar de formas bem diversas. Por exemplo, você adoece, e então nem se fala de trabalho. Você pode cair em depressão. Nem poderia ser de outra maneira, já que você se obrigou a fazer aquilo que lhe é penoso. Sua mente lhe afirma: “Vamos, precisa ganhar dinheiro!”. Mas a alma (consciente) se assombra: “Será que é para isso que vim a este mundo, para sofrer e me atormentar? Para que preciso disso tudo?” No final das contas, você acabará com um cansaço crônico, diante do qual nem dá para falar de qualquer desempenho no trabalho. Você terá a sensação de um peixe batendo contra o gelo, sem resultado algum.

Ao mesmo tempo, você pode perceber que ao lado outras pessoas alcançam mais, se esforçando bem menos. Acontece que depois de alcançar certo grau de importância que você atribui ao seu trabalho, começa a passar do limite. Quanto mais peso você der ao trabalho, tanto mais problemas surgem. Você terá a impressão de que todos esses problemas são normais, fazem parte do processo. Na verdade, serão bem menos numerosos se você baixar seu nível de importância.

Há uma única dedução: precisa reavaliar conscientemente seu relacionamento com o trabalho, para afastar potencial excedente. É imprescindível ter tempo de laser, quando você pode se ocupar com aquilo que lhe agrada, fora do trabalho. Quem não sabe descansar, desligar-se, não sabe trabalhar. Ao chegar ao trabalho, *arrende-se*. Dê suas mãos e sua cabeça, mas não o coração. O pêndulo do trabalho precisa de toda a sua energia, mas você veio a este mundo não só para trabalhar para ele. Sua eficiência no trabalho crescerá notavelmente quando você afastar seus potenciais excedentes e livrar-se dos pêndulos.

Ao se arrender, você age irrepreensivelmente. Você não permite pequenos deslizes passíveis de repreensão pela mediocridade. A

impecabilidade trata de seu desempenho no trabalho. Arrender-se não significa agir indolentemente sem responsabilidade. Significa agir sem se envolver, sem criar potenciais excedentes e, ao mesmo tempo, cumprir diligentemente tudo que é devido. Do contrário, podem surgir situações desagradáveis. Por exemplo, haverá pessoas ao seu redor que, diferente de você, mergulham de cabeça no trabalho. Elas sentirão inconscientemente que você se arrendou, ou seja, não se esforça demasiadamente e mesmo assim atua com eficiência. Essas pessoas esforçadas começarão a intuitivamente procurar um motivo para flagrar o concorrente em algum deslize. Basta você cometer um erro, elas imediatamente o atacarão. O erro será elementar e por isso lastimável. Por exemplo, você se atrasa, se esquece de alguma coisa ou negligencia. Se você estivesse atolado até o topo no trabalho, seu erro seria relevado. Mas agora eles o culpam por você não levar seu trabalho muito a sério.

Situações semelhantes podem surgir não apenas no trabalho, mas na família e no círculo de amigos. Por isso é indispensável em qualquer situação em que você se arrenda cumprir suas obrigações precisamente, para que os outros não possam repreendê-lo. Seu observador interno – o *Guardião* deve cuidar de sua impecabilidade. Senão você se afundará de cabeça novamente no jogo. O Guardião interno não tem nada com a divisão da personalidade. Você, no regime monocromático, apenas percebe por si mesmo o que e como faz. A isso voltaremos ainda nos próximos capítulos.

Podemos contrapor: e como é “colocar sua alma na sua atividade”? Depende de que atividade. “Mergulhar no trabalho” é justificável num caso apenas – se o trabalho for o seu objetivo. Vamos falar mais adiante sobre o que é o *seu* objetivo. Nesse caso, o trabalho serve de túnel que o leva ao seu êxito. Tal trabalho, ao contrário, provê de energia, proporciona alegria, inspiração e contentamento. Se você estiver entre aqueles raros felizardos que podem falar

assim com convicção de seu trabalho, então você não precisa se inquietar com nada.

Tudo que foi exposto se refere também ao estudo. Mais adiante nesse capítulo examinaremos diversas situações de vida nas quais se criam potenciais excedentes e quais são as consequências das ações das forças equilibradoras.

Insatisfação e julgamento

Começamos pela insatisfação consigo mesmo. Essa insatisfação se manifesta com as atitudes e qualidades pessoais, repelindo ativamente os próprios defeitos. Pode-se viver percebendo seus defeitos, mas sem torná-los complexos. Se os defeitos não o deixam em paz e adquirem grande significado, cria-se potencial excedente. As forças equilibradoras não são acionadas para afastar esse potencial. Sua ação pode ser direcionada para o desenvolvimento das virtudes ou para a luta com os defeitos. A pessoa, igualmente, tende a um ou a outro lado. Com maior frequência a pessoa escolhe a luta, e tal posição se volta contra ela mesma. É inútil encobrir os defeitos, mas afastá-los é difícil. O resultado é exatamente o contrário, e a situação se acentua. Por exemplo, ao tentar ocultar sua timidez, a pessoa se torna mais servil ainda ou, ao contrário, excessivamente desenvolta.

Caso a pessoa esteja insatisfeita com seus feitos apenas ao ponto em que isso serve de impulso para o aperfeiçoamento, o equilíbrio não é abalado. O mundo circundante não é tocado, mas também o movimento interno do equilíbrio compensa com ações positivas. Se a pessoa começa a se ocupar com autodepreciação, magoar-se consigo mesma ou – pior ainda – se autopunir, surge uma instância perigosa de briga entre a alma e a razão. A alma não merece tal

tratamento. Ela é autossuficiente e perfeita. Todos os defeitos que você adquiriu são defeitos da razão, não da alma. Além do mais, é um tema tão grande e complicado que merece um livro à parte. Aqui vamos apenas notar que brigar consigo mesmo em nível superior não é vantajoso. A alma se fechará em si mesma, e a “razão triunfará”, em seguida pode acontecer uma quebra na vida. Para que depois não haja necessidade de buscar a terapia, antes de mais nada solte-se e perdoe-se todos os defeitos. Se por enquanto você não consegue amar a si mesmo, pelo menos pare de lutar consigo e se aceite tal qual você é. Somente nesse caso a alma será aliada da razão. Essa é uma aliança muito poderosa.

Tudo bem, dirá você, eu deixo todos os meus defeitos em paz e agora como vou adquirir merecimento? Pois não posso estagnar no meu desenvolvimento? Claro, desenvolva suas virtudes quanto lhe aprouver. Trata-se apenas de parar a guerra com seus defeitos. Em tal guerra você dispende energia para a manutenção de um potencial excedente não só inútil como também prejudicial. Quando você finalmente recusar esta luta, a energia liberada será empregada no desenvolvimento de suas virtudes.

Apesar de tudo isso soar simplesmente banal, muitas pessoas gastam enorme energia na luta consigo mesmas e no encobrimento de seus defeitos. Elas, como titãs, dedicaram a vida toda a sustentar esta carga. Basta apenas elas se permitirem ser elas mesmas e largarem o lenho pesado, imediatamente a vida se tornará notavelmente mais leve e simples. A energia empregada na luta com os defeitos será redirecionada para o desenvolvimento das virtudes. Além disso, os parâmetros dessa frequência correspondem às linhas da vida em que as virtudes superam os defeitos. Considere, por exemplo, como é possível mudar-se para as linhas de vida em que você tenha uma boa forma física, se todos os seus

pensamentos giram em torno de defeitos corporais? Você obtém aquilo que ativamente não quer.

Se, insatisfeito consigo mesmo, você entra em conflito com sua alma, na insatisfação com o mundo você entra em confronto com a maior força dos pêndulos. Você sabe que não há nada de bom em submeter-se à influência deles. E quanto à guerra com eles, melhor nem pensar.

A insatisfação representa vibração bem material, cuja frequência combina com as linhas de vida nas quais aquilo que você não gosta aparece com mais intensidade. Sentindo atração por estas linhas, você fica mais insatisfeito ainda e assim continua até chegar até a linha na qual você, velho e doente, não tem forças para mudar coisa alguma. Resta encontrar consolo nas queixas desse mundo junto com seus pares e nas lembranças de como eram bons os velhos tempos.

Cada geração está convicta de que a vida ficou pior. Não, a vida ficou pior somente para certa geração, e concretamente só para aqueles que se acostumaram a se debater em sua insatisfação com este mundo. Do contrário, a humanidade (após tantas gerações) apenas rolaria para o puro inferno. Um quadro desolador, não é? Esse é um primeiro aspecto da insatisfação com o mundo, que leva a crescente piora da vida.

Há outro aspecto desse hábito prejudicial de manifestar insatisfação: abalo do estado de equilíbrio. Sua insatisfação cria potencial excedente no espaço energético ao redor, independentemente de ser justificada ou não. O potencial gera forças equilibradoras que buscarão restabelecer o equilíbrio. Seria saudável se estas forças agissem para modificar a situação para melhor. Mas, infelizmente, com maior frequência tudo acontece ao revés. As forças equilibradoras tentarão abordar você de modo que suas pretensões

para este mundo tenham o menos peso possível. Isso lhes é bem mais fácil do que mudar tudo que lhe causa insatisfação. Imagine o que seria se o dirigente passasse a ativamente expressar insatisfação com tudo o que acontece em seu país. Aliás, nem importa se suas ações são boas ou más. Ele será afastado ou fisicamente aniquilado. A História toda é constatação disso.

Em geral, a ação das forças equilibradoras será dirigida para diminuir a sua influência no mundo circundante. Isso é possível fazer de forma muito fácil e de diversas maneiras: seus deveres, seu trabalho, seu salário, sua casa, sua família, sua saúde e assim por diante. Percebe como as gerações anteriores chegam a esse tipo de vida?

Agora examinemos essa questão de outro ângulo. Parece que se você se alegrar com o mundo ao redor, por analogia as forças equilibradoras devem se empenhar em estragar tudo ou empurrá-lo para mais longe. No entanto, não ocorre se, é claro, essa alegria não se transformar em alegria “boba”. Em primeiro lugar, pela lei do Transurfing, você irradia energia criativa que o transporta para linhas de vida confiáveis. Em segundo lugar, tal energia não cria aquele potencial destrutivo, o qual as forças equilibradoras procuram afastar. Não é à toa que diversas discussões filosóficas e religiosas concordam que o amor é uma força criativa, que cria o mundo. Esse é o conceito geral da palavra amor. Entende-se que forças equilibradoras são geradas pela força que cria o mundo. Elas procuram sustentar a ordem nesse mundo, e não podem se voltar contra a energia que as criou.

Resulta que, do ponto de vista do Transurfing, perturba-nos muito o hábito pernicioso de manifestar a insatisfação por diferentes miudezas. Ao contrário, o hábito de vivenciar pequenas alegrias até

por razões pequenas é muito favorável. Deduzimos que é indispensável *substituir* o hábito antigo pelo novo.

A técnica de substituição dos hábitos é muito simples. Primeiro, por mais banal que seja, não existe mal sem bem. Empenhando-se com o objetivo de, em qualquer manifestação que você considera desagradável, procurar momentos agradáveis, você vai conseguir sem esforço. Transforme isso num jogo. Jogando com frequência, você substitui o hábito nocivo por outro muito útil para você e terrível para os pêndulos destrutivos.

Em segundo lugar, se de fato aconteceu algo ruim que impossibilita qualquer alegria, é possível usar o exemplo do Rei Salomão. Ele usava um anel com uma inscrição na parte interna, oculta dos outros. Quando Salomão se deparava com algo ruim ou com um problema difícil de resolver, ele virava o anel e lia as seguintes palavras: “isso também passará”.

O hábito de expressar a insatisfação foi elaborado na humanidade sob influência de pêndulos destrutivos, que se alimentam com energia negativa. Com o novo hábito você vai gerar energia boa que, com um fluxo poderoso, leva você para linhas de vida positivas.

Convenhamos que, inspirado por perspectivas, você começa a praticar a técnica da substituição. Logo você vai perceber que se ocupa com isso cada vez menos e de vez em quando simplesmente se esquece que pretendia mudar o hábito. Isso é inevitável, pois o hábito se assentou fundo. Mal você dá uma brecha, o pêndulo imediatamente encontra uma razão para desmanchar você e você mesmo o notará, bastando alimentá-lo com a sua energia. Não se desespere! Se seu propósito for forte, você alcançará o que quer e os pêndulos destrutivos vão acabar deixando-o em paz. Basta *lembrar-se* com mais frequência do seu propósito.

Todos somos hóspedes nesse mundo. Ninguém tem o direito de julgar aquilo que não criou. Essa afirmação precisa ser entendida à luz da relação com os pêndulos. Como já foi colocado, se você agir contra um pêndulo destrutivo que provoca sua insatisfação, só vai piorar sua situação. Não precisa ser ovelha cordata, mas reagir em confronto ativo com o mundo ao redor tampouco é produtivo. Se o pêndulo reage contra você pessoalmente, você pode usar o método de deixar passar ou deixar que ele se apague. Quando ele tenta puxá-lo para a luta com outro pêndulo, tente decidir se você precisa realmente disso.

Mais uma vez voltamos ao exemplo da exposição da qual você não gostou. Esteja se sentindo em casa, mas não se esqueça de que está de visita. Ninguém tem o direito de julgar, mas cada um é livre para escolher. É vantajoso para o pêndulo que você expresse ativamente sua insatisfação. Para você é vantajoso simplesmente ir embora e escolher outra exposição. Prevejo a pergunta: e se não há para onde ir embora? Esse embaraço lhe inspiraram os pêndulos. Este livro está dedicado exatamente a como se livrar dessa limitação mentirosa.

Relações de dependência

A idealização do mundo é o avesso da insatisfação. A visão das coisas adquire tons rosados, e muitos aparentam ser melhores do que na realidade. Como você sabe, quando parece que em algum lugar há alguma coisa que de fato não existe, surge potencial excedente.

Idealizar – significa supervalorizar, colocar no pedestal, adorar, idolatrar. O amor, criador e dirigente do mundo, difere da idealização em que o amor em sua essência indômita, por mais paradoxal que

pareça. *Amor incondicional* é um sentimento sem julgamento, maravilhamento sem adoração. Ou seja, o amor não cria *relação de dependência* entre aquele que ama e o objeto de seu amor. Esta fórmula simples ajuda determinar onde termina o sentimento e começa a idealização.

Imagine-se passeando por uma planície mergulhada em vegetação e flores. Você admira essa fantástica paisagem, aspira o aroma do ar cheio de vida, a alma se enche de felicidade e paz. Isso é amor.

Em seguida você começa a colher as flores: arranca-as, amassa-as com as mãos, sem lembrar que elas são vivas. Então as flores morrem lentamente. Depois lhe vem à cabeça que delas se pode fabricar perfumaria e cosméticos, ou apenas vender, ou estabelecer um culto às flores e inclinar-se diante delas como se fossem ídolos. Isso é idealização, porque, em qualquer caso, criam-se relações de dependência entre você e o objeto de seu amor passado – as flores. Desse amor, que existia naquele momento em que você apenas se deliciava com a visão da planície cheia de flores, não restou nem sinal. Você sente a diferença?

Então, o amor gera energia positiva, que o leva para a linha de vida correspondente, mas a idealização cria potencial excedente, que gera forças equilibradoras que procuram afastá-lo. A ação das forças equilibradoras é diferente em cada um dos casos, mas o resultado é o mesmo. Em linhas gerais, podemos caracterizá-lo como “destronar mitos”. Esse destronamento acontece sempre, e dependendo do objeto e do nível de idealização, você obtém um resultado forte ou fraco, mas sempre desagradável. Assim se restabelecerá o equilíbrio.

Se o amor passa para uma relação de dependência, inevitavelmente é gerado um potencial excedente. A vontade de ter aquilo que você não tem cria “inversão atmosférica” energética. As relações de

dependência são determinadas por estabelecimento de condições do tipo “se você isso... então eu aquilo”. Você pode dar quantos exemplos quiser: “Se você me ama, então abandone tudo e vá comigo até o fim do mundo. Se você não se casar comigo, então, você não me ama. Se você me elogiar, eu serei seu amigo. Se você não me entregar a sua pá, vou expulsá-lo da caixa de areia”. E assim por diante.

O equilíbrio é abalado no caso em que um se iguala ao outro ou se contrapõe. “Nós somos assim, eles são diferentes!” Por exemplo, orgulho nacional: em comparação com quais nações? Sentimento de baixa estima, em comparação com quem? Se existe contraposição, as forças equilibradoras obrigatoriamente se ligam no trabalho para afastar o potencial – seja agradável, seja desagradável. Já que o potencial quem cria é você, a ação das forças será dirigida, antes de mais nada, contra você. A ação é dirigida para “espalhar” os sujeitos da contradição, ou para unir – para uma concordância abrangente ou um embate.

Todos os conflitos se baseiam em comparações e contraposições. Primeiro se faz uma afirmação fundamental: “Eles não são como nós”. Depois isso se desenvolve: “Eles têm mais do que nós – precisamos tirar deles”. “Eles têm menos que nós – somos obrigados a lhes dar”. “Eles são piores que nós, precisamos mudá-los.” “Eles agem diferente de nós, precisamos fazer alguma coisa com isso”. Todas essas comparações em diversas variantes levam de um jeito ou de outro ao conflito, a começar pelo desconforto anímico pessoal e a terminar com guerras e revoluções. As forças equilibradores procuram afastar as contraposições que surgem com a ajuda de adequação ou confronto. Mas porque nessas situações sempre é possível se alimentar com energia, os pêndulos preferem conduzir ao confronto.

Agora vamos examinar exemplos de idealização e suas consequências.

Idealização e supervalorização

Supervalorização é atribuir à pessoa qualidades que de fato não possui. No nível mental, isso se manifesta como ilusões aparentemente inofensivas. Mas no nível energético, surge potencial excedente. O potencial é criado sempre que há excesso de quantidade ou qualidade. Supervalorização é exatamente a modelagem mental e concentração de determinadas qualidades quando elas de fato não existem. Aqui há duas variantes. A primeira variante é quando o local está ocupado, ou seja, há uma pessoa concreta, a quem são atribuídas qualidades que não lhe pertencem. Para afastar a discrepância que surge, as forças equilibradoras devem criar a contraparte.

Por exemplo, um jovem romântico e sonhador desenha em sua imaginação a sua amada como “anjo de beleza pura”. Na realidade, ocorre que ela é um ser plenamente terreno, gosta de se divertir e não está nada inclinada a compartilhar os sonhos do jovem apaixonado. Em qualquer outro caso, quando a pessoa cria um ídolo e o coloca no pedestal, cedo ou tarde acontece o desfazimento do mito.

Nesse âmbito destaca-se a história de Karl May, autor de famosos romances sobre o Oeste Selvagem, criador de heróis como Mão de Ferro, Winnetou e outros. May escreveu todos os romances em seu nome, criando assim a impressão de ele ter participado de fato em todos os acontecimentos e era uma personalidade verdadeiramente notável e merecedora de admiração. A obra de Karl May é tão viva e colorida, como se pudesse escrevê-la somente um participante real

dos acontecimentos. Você lê seus livros como se estivesse assistindo a um filme. O assunto é tão envolvente que Karl May foi batizado de “Alexandre Dumas alemão”.

Numerosos admiradores de Karl May estavam totalmente convencidos de que ele é o famoso westernman – Mão de Fogo, como ele o retratava em seus livros. Ideias diferentes dessa os leitores não eram capazes de aceitar. Pois eles encontraram um objeto de admiração e imitação, e quando o ídolo vive ao lado, isso evoca maior interesse ainda. Qual foi sua surpresa quando souberam que Karl May nunca esteve na América, e algumas obras foram criadas na prisão. Aconteceu o desfazimento do mito e os adoradores se converteram em odiadores. Quem é culpado? Pois eles mesmos criaram o ídolo e estabeleceram uma relação de dependência: “Você é o nosso herói com a condição de que tudo isso seja verdade”.

Na segunda variante, quando no lugar das qualidades ilusórias criadas artificialmente não há nenhum objeto, aparecem sonhos cor de rosa e castelos no ar. O sonhador paira nas nuvens, tentando fugir da realidade adversa e cria assim potencial excedente. As forças equilibradoras, nesse caso, para derrubar os castelos no ar, farão com que o romântico se defronte sempre com a realidade crua. Mesmo que ele consiga atrair para sua ideia uma multidão e criar um pêndulo, a utopia está condenada, porque o potencial excedente surgiu no vazio, e as forças equilibradoras cedo ou tarde deterão este pêndulo.

Mais um exemplo de quando o objeto da supervalorização existe somente como ideal. Digamos que uma mulher pinte em sua imaginação um retrato do marido ideal. Quanto mais se convencer de que ele precisa ser exatamente assim, tanto mais forte é o potencial excedente criado. Ora, só pode apagá-lo um sujeito com

as qualidades diametralmente opostas. Depois lhe resta apenas a pergunta: “Onde é que eu estava com os meus olhos?” Ao contrário, se a mulher ativamente odeia a bebedeira e a grosseria, ela cai na armadilha e acha um alcoólatra e grosseirão. A pessoa recebe aquilo que ativamente rejeita, pois irradia energia mental na frequência de sua antipatia, além de criar potencial excedente. A vida costuma juntar pessoas totalmente diferentes, que parecem não combinar. Assim as forças equilibradoras, confrontando pessoas com potenciais opostos, tentam apagá-los.

A ação dessas forças aparece com mais intensidade nas crianças porque energicamente elas são mais sensíveis do que os adultos, e se portam com sinceridade. Se alguém elogia demais uma criança, ela começa imediatamente a fazer manha. E se você se puser a bajular na frente da criança, ela o despreza ou, pelo menos, não vai respeitar você. Se com todas as forças se procura fazer do pequeno um rapazinho bem educado, é mais provável que ele se meta com má companhia na rua. Se tentar modelá-lo em menino prodígio, ele vai perder todo o interesse pelo estudo. Quanto mais ativamente você o atolar com todo tipo de cursos e escolas, tanto mais provável ele crescer como personalidade cinzenta.

O melhor princípio educacional e a melhor relação com as crianças (mas não só isso), que não geram potencial excedente é tratá-las como hóspedes, dar atenção, respeito e liberdade de escolha, sem permitir que se sentem na sua cabeça. A relação precisa ser construída pela mesma analogia na qual você também não passa de um hóspede neste mundo. Se você assumir as regras do jogo e não se lançar aos extremos, você poderá escolher tudo que existe nesse mundo.

Tratamento positivo entre as pessoas é tão disseminado quanto o negativo. Na situação dada, observa-se certo equilíbrio. Existe o

ódio e existe o amor. Uma relação direta e boa não faz surgir potencial excedente. O potencial surge quando acontece pronunciado deslocamento da valorização relativa ao tamanho nominal. O marco zero na escala do deslocamento pode ser considerado o amor incondicional. Como você sabe, com ele não surgem relações de dependência e o potencial excedente não é criado. Mas tal amor em estado puro é muito raro. O mais importante é que é acrescentada ao amor incondicional a prerrogativa do direito de possuir, depender e supervalorizar. É difícil recusar o direito de possuir – possuir o objeto do amor é bem verdadeiro e em geral aceito como normal, enquanto não atinja dois extremos.

O primeiro extremo – desejo de possuir o objeto do amor que nem lhe pertence e nem desconfia desse seu desejo. (Você, é claro, entende que eu considero não apenas o aspecto físico da posse.) Esse é um caso clássico de amor unilateral. Amor não correspondido sempre tem causado muito sofrimento. No entanto, o mecanismo não é tão simples como parece. Lembremos novamente o exemplo das flores. Você gosta de passear entre elas e apreciá-las, mas nunca cogitou se elas o amam. Agora tente imaginar: o que as flores pensam de você? Surgem diversas suposições não boas como: medo, apreensão, inimizade, indiferença. E por que elas deveriam amar você? Ou então, você se inflamou com o desejo de segurá-las na mão, mas isso é proibitivo, pois elas crescem na colina ou seu preço é muito alto. Isso já não é amor, mas relação de dependência, e você já está sendo tomado por emoções negativas.

E assim, de um lado se encontra o objeto de seu amor e do outro, você quer possuí-lo, criando potencial energético. Podemos supor que esse potencial vai atrair para você o objeto desejado, como massas de ar que se dirigem do âmbito de pressão maior para o de pressão menor. Mas não é assim! Para as forças equilibradoras não

importa com que ajuda vai ser alcançado o equilíbrio, por isso elas podem escolher outro caminho – afastar o objeto de seu amor mais ainda, e neutralizar você, quebrando seu coração. Além disso tudo, diante dos menores fracassos você tenderá a dramatizar cada vez mais a situação (“ele/ela não me ama!”), por isso essas ideias o transportarão para a linha de vida na qual o amor recíproco está muito distante.

Quanto mais forte for o desejo de posse ou de amor recíproco, tanto mais forte a ação das forças equilibradoras. É claro que se elas escolherem a direção que aproxime você do ser amado, a história tem um final feliz. É fácil determinar a direção da ação das forças equilibradoras bem no início do nascimento do amor: se o impulso de adquirir a reciprocidade não o deixa em paz e desde o início algo não dá certo, quer dizer que é preciso modificar a tática. Ao amar, sem exigir retorno, é possível deslocar as oscilações instáveis das forças equilibradoras e obrigá-las a trabalhar para você. Do contrário, a situação se precipita fora do controle e será quase impossível mudar qualquer coisa.

A dedução é única: querendo alcançar a reciprocidade, é preciso amar sem tentar ser amado. Nesse caso, primeiro, não se cria potencial excessivo, não surgem aqueles 50 por cento de probabilidade de que as forças equilibradoras agirão contra você. Segundo, se você não tenciona receber reciprocidade, não surgem tampouco pensamentos dramáticos descontrolados sobre amor não correspondido, e sua frequência não o puxa para as linhas de vida correspondentes. Ao contrário, se você apenas ama sem pretender direito de posse, os parâmetros da vibração satisfazem aquelas linhas de vida nas quais existe a reciprocidade. Pois diante do amor correspondido tampouco há relação de dependência. Se você já possui de qualquer maneira, não há razão para se preocupar com o direito de posse. Imagine que suas chances aumentam só porque

você declina o direito de posse! Além do mais, o amor incondicional é uma enorme raridade, e só isso já evoca vivo interesse e simpatia. Será que para você mesmo não seria agradável que alguém o ame simplesmente assim, sem pretender coisa alguma?

O segundo extremo do direito de posse é, claro, o ciúme. Nesse caso, as forças equilibradoras também possuem duas variantes de ação. Se o objeto do amor já lhe pertence, então a primeira variante vai aproximá-lo ainda mais. De fato, certas pessoas até gostam de um pouco de ciúme da outra parte. Mas a outra variante de ação das forças equilibradoras chega à destruição daquilo que gerou o ciúme, ou seja, o próprio amor. É o mesmo que passar da fruição do aroma das flores vivas para a produção de perfume delas.

Tudo que foi exposto cabe igualmente aos homens e às mulheres. Mas ainda não acabou. Voltaremos a essa questão quando passarmos por outros conceitos do Transurfing. Tudo é simples e complexo ao mesmo tempo. Complexo porque o apaixonado perde a capacidade de raciocinar claramente e essas recomendações, provavelmente, serão desconsideradas. Mas eu não vou me deixar perturbar por isso, pois recuso o direito de possuir o seu reconhecimento.

Desprezo e vanglória

Julgar os outros, especialmente desprezar, é uma forma muito forte de destruir o equilíbrio. No plano energético, não existe pessoas boas ou más. Há apenas aquelas que se submetem às leis da natureza e aquelas que introduzem a indignação no estado de coisas estabelecido. Esses últimos sempre acabam submetidos à ação das forças que buscam restabelecer o equilíbrio.

É claro que frequentemente surgem situações em que a pessoa merece ser julgada. Mas justamente por você? Não é uma questão a celebrar. Se a pessoa prejudicou você, antes de mais nada, ela abalou o equilíbrio, e você não é fonte de potencial doente, e sim a arma das forças que buscam restabelecer o equilíbrio. Quando o perturbador da paz recebe o que merece, se você disser tudo o que pensa dele, irá assumir determinadas ações em âmbitos racionais. Mas se o objeto de seu julgamento não lhe fez concretamente nenhum mal, quer dizer que não cabe a você culpá-lo.

Abordemos essa questão de forma puramente material. Concorde que é totalmente irrazoável sentir ódio do lobo, que caçou uma ovelha, quando você assiste a isso pela televisão. O sentimento de justiça o impele constantemente a julgar diversas pessoas. Por fim isso se torna rapidamente um hábito, e muitos, com o passar dos anos, se transformam em acusadores profissionais. Na maioria das vezes, você não obtém a compreensão do que levou a pessoa a agir assim. Talvez, no lugar dela você agiria pior ainda?

Então, com tal julgamento você cria potencial excedente ao redor de si mesmo. Assim também acontece que, na mesma medida que o julgado é ruim, você precisa ser bom. Uma vez que ele tem chifres e cascos, você precisa ser um anjo. Como você não tem asas, entram em ação forças que procuram restabelecer o equilíbrio. Os métodos dessas forças serão diferentes em cada situação concreta. Mas o resultado, por sua vez, será o mesmo: você recebe um soco na cara. Dependendo da força e da forma de julgamento, esse soco pode ser mal perceptível, ou tão forte que você acabe se encontrando na pior das linhas de vida.

Você mesmo pode compor uma longa lista de formas de julgamento e suas consequências, mas em prol da clareza darei alguns exemplos.

Nunca despreze as pessoas por qualquer motivo que seja. Esse é um perigoso modo de julgar, pois, pelas ações equilibradoras, você pode acabar no lugar daquilo que despreza. Para as forças, esse é um modo direto e simples de restabelecer a harmonia perturbada. Você despreza os pobres e os mendigos? Você mesmo pode perder dinheiro e casa, assim o equilíbrio é restabelecido. Você despreza pessoas com defeitos físicos? Sem problema, para você também se encontrará um acidente. Você despreza alcoólatras e drogadictos? É fácil você acabar no lugar deles. Pois as pessoas não nascem assim, mas acabam sendo por força de diferentes condições de vida. Então por que essas condições devem contornar você?

Jamais julgue seus colegas de trabalho, pelo que for. No melhor dos casos, você cometerá os mesmos erros. No pior, pode surgir um conflito que nada de bom lhe trará. Você poderá ser lançado fora do emprego mesmo se tiver absoluta razão.

Se você julgar outra pessoa só porque não gosta dela, como ela se veste, você mesmo se posiciona na escada “bom – mau” no degrau abaixo dela, porque você irradia energia negativa.

Se a pessoa se orgulha de seus sucessos ou está enamorada de si mesma, não há nada de mal nisso. O amor incondicional é autossuficiente, por isso não perturba ninguém. O equilíbrio é rompido somente no caso em que a autoestima exagerada se contrapõe a relação desdenhosa com as fraquezas dos outros, defeitos ou apenas realizações medíocres. Então o amor por si mesmo se transforma em egocentrismo e o orgulho em vanglória. O resultado da ação das forças equilibradoras será novamente um soco na cara.

Desprezo e vanglória são vícios humanos. Os animais nem sabem o que é isso. Eles são regidos por propósitos do bem comum e com isso cumprem os ditames da natureza perfeita. A natureza selvagem

é mais perfeita que a razão humana. O lobo, como qualquer predador, não sente ódio nem desprezo por sua presa. (Tente sentir ódio e desprezo por uma almôndega.) Mas as pessoas constroem seus relacionamentos sobre complexos potenciais excedentes. A grandeza dos animais e dos vegetais consiste em que eles não têm consciência dela. A consciência trouxe ao ser humano tanto qualidades vantajosas quanto lixo prejudicial como vanglória, desprezo, complexo de culpa e baixa autoestima.

Superioridade e inferioridade

O sentimento de superioridade ou de inferioridade indica relação de dependência em seu estado puro. Suas qualidades se contrapõem às qualidades dos outros, por isso, inevitavelmente se cria potencial excedente. No nível energético, não importa se você expressa sua superioridade em público ou se, em segredo, você se congratula na comparação com os outros. Não há necessidade de demonstrar que sua nítida expressão de superioridade não lhe trará nada além da inimizade dos circundantes. Comparando-se com os outros em favor de si mesmo, a pessoa busca se firmar artificialmente usando os outros. Tal busca sempre cria potencial, mesmo que não passe de uma sombra de megalomania, sem expressão nítida. A ação das forças equilibradoras, nesse caso, sempre se manifestará como um tapa na cara.

Compreende-se que, ao se comparar com o mundo circundante, a pessoa tenta provar a sua importância. Mas a autoafirmação por conta da comparação é ilusória. De forma análoga, a mosca tenta passar pelo vidro quando ao lado há uma fresta aberta. Quando a pessoa busca declarar ao mundo a sua importância, gasta energia para sustentar potencial excedente criado artificialmente. A

autorrealização, ao contrário, desenvolve merecimentos reais, por isso a energia não é gasta à toa e não gera potencial danoso.

Você poderá achar que a energia empregada no confronto é desprezível. Na verdade, essa energia excedente é suficiente para sustentar um potencial bem forte. A intenção de dirigir a energia para uma ou outra direção faz o papel principal nesse contexto. Se o motor for a vontade de adquirir merecimentos, a intenção leva a pessoa adiante. Mas se o objetivo for demonstrar ao mundo suas regalias, permanecerá no mesmo lugar, criando forças equilibradoras. As opções são duas: ou avivar as cores esmaecidas do mundo ao redor ou apagar o brilho da estrela insubstituível. A primeira variante, sem dúvida, é muito laboriosa. Resta apenas a segunda. As forças equilibradoras têm de sobra modos para realizar isso. Para elas não é obrigatório retirar o amante das regalias. Basta oferecer-lhe qualquer aborrecimento amargo para que ele baixe a crista.

Frequentemente recebemos diferentes aborrecimentos, problemas e obstáculos como inevitáveis características desse mundo. E quem não se surpreende de que todos eles, a começar pelos pequenos e terminar com os grandes, são inevitáveis companheiros de cada um no decorrer de sua vida. Todos se acostumaram a que o nosso mundo é assim mesmo. Na verdade, os aborrecimentos constituem uma anomalia e não um fato normal. De onde vem e porque acontece justamente com você costuma ser impossível determinar por meios lógicos. Então, a maioria dos aborrecimentos, de um jeito ou de outro, é provocada por ações das forças equilibradoras para afastar potenciais excedente, criados por você ou por pessoas de seu ambiente. Você mesmo não percebe que cria potenciais excedentes, depois aceita os aborrecimentos como um mal inevitável e não entende que é a ação de forças equilibradoras.

Você pode se livrar da maior parte dos aborrecimentos se você se livrar dos esforços titânicos dirigidos para a sustentação de potenciais excedentes. A energia titânica é usada não só para nada, como também modifica as forças equilibradoras de maneira a obter um resultado contrário ao pretendido. Dessa maneira, é indispensável parar de se debater como mosca contra o vidro e redirecionar a intenção para desenvolver qualidades, sem se preocupar com sua localização na escada da perfeição. Tendo tirado das costas a carga da preocupação, você se livra da influência das forças equilibradoras. Haverá menos problemas e, em seguida, aumentará a confiança nas forças próprias.

Do outro lado, é preciso afugentar a menor pretensão de controlar o mundo circundante. Independentemente da localização na escada social de tal posição, você sai no lucro. Tentativas de mudar o mundo circundante desfaz o equilíbrio. A intromissão ativa na ordem do mundo nesse ou naquele grau engaja o interesse da maioria das pessoas. Transurfing permite escolher o destino, sem com isso tocar os interesses de ninguém. Isso é muito mais eficiente do que agir com esforço para vencer obstáculos. O destino está de fato em suas mãos, mas apenas no sentido de que a você é dado escolher e não modificar. Agindo a partir da posição de criador do destino no sentido literal, muitas pessoas aguentam a luta. No Transurfing não há lugar para a luta, por isso você pode “enterrar o machado de guerra”, aliviado.

Por outro lado, recusa da superioridade não tem nada em comum com o autodesprezo. Desvalorizar suas qualidades é o mesmo que supervalorizar, ao contrário. No nível energético, não importa se o sinal é positivo ou negativo. O tamanho do potencial emergente é diretamente proporcional à importância da valorização substituída. Ao confrontar a importância, as forças equilibradoras agem de modo a derrubá-la do pedestal. No caso de complexo de inferioridade,

elas obrigam a pessoa a tentar de todas as maneiras suspender as qualidades artificialmente inferiorizadas. As forças equilibradoras costumam agir rudemente, sem se importar com a delicadeza das relações humanas. Por isso a pessoa se porta de forma inautêntica, com isso acentuando ainda mais aquilo que tenta encobrir.

Por exemplo, os adolescentes podem se conduzir bruscamente, com isso mesmo evocando insegurança neles. Os tímidos podem se conduzir de forma solta para esconder sua timidez. As pessoas de baixa autoestima, desejando mostrar seu melhor lado, podem se conduzir de forma constrita ou fingida. E assim por diante. Em qualquer caso, a luta com seu complexo traz consequências ainda mais desagradáveis do que o próprio complexo.

Assim você entende que essas tentativas são infrutíferas. Lutar com o complexo de inferioridade é doentio. A única forma de evitar suas consequências é afastar o próprio complexo. No entanto, livrar-se dele é bastante complicado. Convencer-se de que está tudo perfeito também é doentio. Você não conseguirá se enganar. Aqui pode ajudar a técnica de slides, que conheceremos mais adiante.

Nesta etapa, basta esclarecer que a preocupação com seus defeitos em comparação com as qualidades dos outros funciona da mesma maneira que o desejo de mostrar sua grandiosidade. O resultado será contrário à intenção. Não imagine que todos à volta atribuam aos seus defeitos a mesma importância que você atribui. Na verdade, cada um se ocupa apenas consigo mesmo, por isso é possível descartar tranquilamente a carga titânica de seus ombros. O potencial excedente desaparecerá, as forças equilibradoras deixarão de piorar a situação, e a energia liberada será direcionada para o desenvolvimento das qualidades.

Trata-se de, ao lutar com seus defeitos, não tentar encobri-los e sim compensá-los por outras qualidades. A ausência de beleza pode-se

compensar com encanto. Com certas pessoas com aparência pouco atraente basta começar a conversar, que o interlocutor se encanta totalmente. Defeitos físicos compensam-se com autoconfiança. Quantos personagens notáveis na história possuíam aparência nada atraente! A incapacidade de falar solto pode ser substituída pela capacidade de ouvir. O provérbio: “Todos mentem, mas isso nada muda, pois ninguém escuta ninguém.” Seu discurso pode interessar os outros, mas só como última opção. *Todos*, assim como você, se ocupam exclusivamente consigo mesmos, com seus problemas, por isso um bom ouvinte para quem se pode derramar tudo é um verdadeiro tesouro. Aos tímidos podemos aconselhar que protejam essa sua qualidade como um tesouro! Acreditem, a timidez possui um encanto secreto. Quando você desistir de lutar com sua timidez, ela vai parar de parecer um desajeito e você notará que as pessoas sentem simpatia por você.

Mais um exemplo de compensação. A exigência intencional de “ser proeminente” muito frequentemente impele as pessoas a imitar aqueles que conseguiram o título de “proeminentes”. A insensata cópia do cenário do outro cria nada mais que uma paródia. Cada um possui o seu cenário. A você basta escolher o seu credo e viver de acordo com ele. Imitar os outros a alcançar o status de “proeminente” significa usar o método da mosca que se debate contra o vidro. Por exemplo, no grupo de adolescentes se torna líder aquele que vive de acordo com o seu credo. O chefe se tornou tal, porque ele mesmo se libertou da obrigação de se aconselhar com os outros sobre como deve se conduzir. Ele não tem a necessidade de imitar quem quer que seja, ele simplesmente determinou para si uma avaliação merecedora, ele mesmo sabe o que fazer, não se perde diante de ninguém, não tenta provar nada a ninguém. Dessa maneira ele é livre dos potenciais excedentes e recebe as recompensas merecidas. Tornam-se líderes em qualquer grupo

aqueles que vivem de acordo com o seu credo. Se a pessoa se libertou da carga de potenciais excedentes, não precisa largar nada, é livre por dentro, autoconfiante e possui mais energia. Precisamente esses atributos em comparação com o resto dos membros do grupo a tornam seu líder.

Percebe onde se encontra a fresta no vidro? Talvez você pense que “tudo isso não se refere a mim, pois eu não sofro disso”. Não tente se enganar. *Qualquer* pessoa numa medida ou noutra tende a criar potenciais excedentes ao redor de sua persona. Em geral, se você se ativer a princípios do Transurfing, o complexo de inferioridade ou de superioridade simplesmente desaparecerá de sua vida.

Desejo de ter e de não ter

“Quem muito quer pouco consegue.” Esse provérbio infantil tem certo fundamento. Mas eu o parafraseio assim: “Quanto mais quiser, menos receberá”. Quando você quer algo de forma intensa demais, pronto a colocar tudo na mesa, você cria um enorme potencial excedente que perturba o equilíbrio. As forças equilibradoras jogam você para uma linha de vida na qual não existe nem traço do objeto desejado.

Se pintarmos o quadro da conduta da pessoa tomada pelo desejo, no nível energético, resultará a seguinte imagem. Um javali tenta capturar um pássaro azul. Ele quer muito obtê-lo e com isso se lambe, guincha e cutuca o chão impacientemente. Então o pássaro sai voando. Se o caçador passear ao lado do pássaro com ar desinteressado, tem grandes chances de capturá-lo pelo rabo.

Podemos distinguir três formas de desejo. A primeira é quando o desejo forte passa a ser uma intenção firme de ter e agir. Então o

desejo se realiza. O potencial do desejo então se dispersa porque sua energia foi empregada na ação. A segunda forma é um desejo angustiante e inoperante, que cria por si um potencial excedente em estado puro. Ele pende num campo energético e, no melhor dos casos, gera inutilmente a energia do desejador, no pior dos casos, atrai diferentes aborrecimentos.

A mais rude é a terceira forma, quando o forte desejo passa a ser dependência do objeto de desejo. Elevada importância cria automaticamente a relação de dependência, que gera um forte potencial excedente, que evoca a mesma contraposição de forças equilibradoras. Costumam ser criadas situações tais como: “Se eu conseguir isso, minha situação será bem melhor”, “Se eu não conseguir isso, minha vida vai perder todo o sentido”, “Se eu o fizer, mostrarei para mim e para todos o meu valor”, “Se eu não o fizer, não valho nem um tostão”, “Se eu obtiver isso, será muito bom”, “Se eu não o obtiver, será muito ruim”. E assim por diante em diversas variações.

Ligando-se na relação de dependência do objeto de desejo, você é atraído para dentro de um redemoinho tão violento que vai se esgotar na luta pelo que deseja. No final das contas, você não obterá nada e dispensará qualquer desejo. O equilíbrio é restabelecido e, para as forças equilibradoras, tanto faz que você sofreu com isso. Mas isso aconteceu por causa de sua forte exigência que o desejo se realizasse. O desejo acabou ficando num prato da balança e tudo o resto, no outro.

Somente a primeira forma está apta a ser realizada, quando o desejo se torna *intenção pura*, livre de potenciais excedentes. Todos nós estamos acostumados a que nesse mundo é preciso pagar por tudo, nada é de graça. Na verdade, choramos somente por causa dos potenciais excedentes, que nós não criamos. No espaço das

variantes tudo é gratuito. Já que nos expressamos nesses termos, como pagamento pela realização do desejo aparece a ausência de importância e de relações de importância. Para passar para a linha de vida na qual aquilo que se deseja se torna realidade, basta a *energia da intenção pura*. Falaremos mais tarde sobre intenção. Agora só anotaremos que a intenção pura é a característica do desejo e da ação na ausência da dependência. Por exemplo, a intenção livre de ir até a banca de jornal em busca de um jornal é pura.

Quanto mais valorizado for um fenômeno, tanto mais provável seu insucesso. Se você der importância muito grande ao que você possui, e o valoriza muito, então é mais provável que as forças equilibradoras o tirem de você. Se aquilo que você quer obter também for muito importante, então não espere obtê-lo. É indispensável baixar o nível de importância, de significado.

Por exemplo, você está maluco pelo seu carro novo: tira o pó, cuida, respeita, tem medo de riscar, cuida e idolatra. Resulta um potencial excedente. Foi você que deu tanta importância à máquina. Na verdade, no campo energético sua importância é igual a zero. Resulta, infelizmente, que as forças equilibradoras logo vão encontrar um desordeiro que irá estragar sua máquina. Ou você mesmo, sendo demasiado cuidadoso, vai acabar se descuidando. Basta parar de adorar sua máquina e começar a se relacionar com ela de forma comum, que o perigo diminui. Relacionar-se de forma comum não significa displicência. Você pode cuidar da máquina sem fazer dela um ídolo.

Há outro aspecto do forte desejo de possuir. A opinião: basta querer muito que é possível obter tudo, pressupõe que um desejo muito forte o levará para a linha de vida na qual isso se cumprirá. Mas não é assim que acontece. Se o seu desejo passou à dependência, que

é um tipo de psicose, o impulso histérico de conseguir o que quer não importa por que meios significa que na sua alma você não acredita em sua realização, portanto, emite a vibração de “fortes obstáculos”. Quando não há fé, você tenta com todas as suas forças se convencer, reforçando os potenciais ainda mais. Há o perigo de você gastar a vida toda na sua “obra de vida”. A única atitude possível é diminuir a importância do objetivo. Caminhar em sua direção como se vai à banca buscar jornal.

Um forte desejo de evitar algo se torna uma continuação lógica da insatisfação com o mundo circundante ou consigo mesmo. Quanto mais forte a exigência, tanto mais poderoso o potencial excedente. Quanto mais você não quer algo, tanto mais provável o confronto. Para as forças equilibradoras tanto faz como será alcançado o equilíbrio. É possível alcançá-lo de duas maneiras: ou afastar você do confronto ou provocar o confronto. É melhor recusar conscientemente o aborrecimento para não criar potencial. Mas isso ainda não é tudo. Quando você pensa naquilo que não quer, você emite energia na frequência daquela linha onde isso inevitavelmente acontece. Você sempre consegue aquilo que ativamente não quer.

Acontece literalmente o seguinte. Alguém se encontra numa recepção solene no consulado, tudo ao redor é elegante, sofisticado e adequado. De repente ele começa a agitar as mãos, bater os pés e gritar desesperadamente que *não quer* que o levem imediatamente para fora do lugar. Com certeza aparecem guardas, levam o esquisito pelos braços, ele resiste e berra, mas é conduzido imediatamente para fora. É um quadro exagerado para a realidade, mas no nível energético, tudo acontece com a mesma intensidade.

Examinemos mais um exemplo. Digamos que no meio da noite você é acordado por barulho no vizinho. Você quer dormir, amanhã

precisa ir trabalhar, mas lá o divertimento está a toda. Quanto mais intensamente você quiser que eles calem a boca, tanto mais probabilidade que isso ainda se estenda por um bom tempo. Quanto mais você se irritar, tanto mais enfática se tornará a festa. Se você odiá-los suficientemente, podemos garantir que noites assim se repetirão com mais e mais frequência. Para a solução desse problema pode-se aplicar o método de derrubada ou extinção do pêndulo. A extinção acontecerá no caso de você tratar a situação com ironia. E é possível simplesmente ignorar, não esboçar nenhuma emoção nem interesse. Daí acontece o desabamento do pêndulo, e nem o potencial surgirá. Fique tranquilo em saber que você tem escolha e sabe como utilizá-la. Logo os vizinhos se cansam. É assim que funciona, pode acreditar.

Agora você pode analisar ao que você mesmo atribuiu importância e quais os problemas que resultaram para você. Se as coisas andam mal mesmo, cuspa na importância, tire de si a relação de dependência e teimosamente transfira a energia boa. Quanto pior agora, tanto melhor. Como é possível avaliar a situação se você acha que sofreu uma enorme derrota. Alegre-se! Nisto as forças equilibradoras estão do seu lado, porque sua tarefa é compensar o mal com o bem. O mal não pode dominar o tempo todo, assim como não é possível o bem dominar o tempo todo. Ninguém pode voar na crista da onda a vida toda. No nível energético, isso parece assim mesmo. Você foi atacado, xingado, tiraram tudo de você, lhe deram uma surra, e depois lhe enfiaram um saco de dinheiro. Quanto maior a perda, tanto mais dinheiro você encontrará dentro do saco.

Sentimento de culpa

O sentimento de culpa é potencial excedente em estado puro. Acontece que na natureza não existe julgamento de bom ou mau. Atos bons e atos maus são equivalentes para as forças equilibradoras. O equilíbrio é restabelecido em qualquer situação na qual surge potencial excedente. Você agiu mal, reconheceu isto, sentiu culpa (é preciso me castigar) e criou o potencial. Você agiu bem, reconheceu isto, sentiu contentamento consigo mesmo (é preciso me premiar) e também criou potencial. As forças equilibradoras não entendem o que merece castigo e o que merece recompensa. Elas apenas afastam os desníveis criados no campo energético.

O resultado do sentimento de culpa sempre será o castigo de uma forma ou de outra. Mas se não existe, então o castigo pode não ocorrer. Infelizmente, sentir orgulho por um ato bom também atrai castigo, e não recompensa. Pois para as forças equilibradoras é indispensável afastar o potencial excedente do orgulho, e a recompensa só vai reforçá-lo.

O sentimento de culpa induzido, ou seja, trazido de fora por pessoas “corretas” cria potencial ao quadrado, pois a pessoa já sofre com o peso da consciência e ainda desaba a raiva dos justiceiros. Finalmente, o sentimento de culpa sem fundamento, ligado com a tendência inata de “reagir a tudo”, cria o maior potencial excedente. Nesse caso, não vale a pena sofrer com o peso da consciência, pois a razão foi inventada. O complexo de culpa pode estragar bastante a vida, porque essa pessoa se submete constantemente à ação das forças equilibradoras, ou seja, de todo tipo de castigo pela culpa imaginada.

É por isso o provérbio: “Atrevimento é a segunda felicidade”. Por lei, as forças equilibradoras não tocam as pessoas que não sofrem com o peso da consciência. Ora, desejamos tanto que Deus castigue os

malfeitores. Parece que a justiça deve imperar e o mal deve ser castigado. No entanto, na natureza não há sentimento de justiça, por mais cruel que pareça. Ao contrário, nas pessoas direitas com inato sentimento de culpa constantemente desabam sempre novos infortúnios, mas os malfeitores cínicos e sem consciência passam incólumes e ainda por cima, são bem sucedidos.

O sentimento de culpa consciente ou inconsciente inevitavelmente gera cenários de castigo. Com relação a este cenário, o seu inconsciente o levará ao ajuste de contas. No melhor dos casos, você se cortará ou receberá leves contusões, ou surgirão certos problemas. No pior, pode ser um acidente com pesadas consequências. É isso que o sentimento de culpa faz. Ele traz consigo apenas a destruição, nele não há nada de útil nem construtivo. Não é preciso se atormentar com o peso da consciência, isso não vai ajudar em nada. É melhor agir de forma a depois não sentir culpa. Mas se já aconteceu, é inútil se atormentar, porque assim não melhora nada.

As leis bíblicas não são indicações morais de boa conduta, mas recomendações sobre como agir para não destruir o equilíbrio. Somos nós, com nossos rudimentos de psicologia infantil que assumimos as leis como se mamãe tenha mandado não fazer bagunça, senão vai nos colocar de castigo. Ao contrário, castigar os arruaceiros ninguém pretende. Ao perturbar o equilíbrio, as pessoas mesmas criam problemas para si. As leis apenas avisam disso.

Como já falamos antes, o sentimento de culpa serve de cordão com o qual as pessoas podem puxar os pêndulos, principalmente os manipuladores. Os manipuladores são pessoas que agem segundo a fórmula: “Você deve fazer o que digo, porque você é culpado” ou “Eu sou melhor que você, por isso você não tem razão”. Eles tentam atribuir ao seu “subordinado” o sentimento de culpa para obter poder

sobre ele ou para se autoafirmar. Essas pessoas parecem “corretas”, para elas há muito já foi estabelecido o que está certo e o que está errado. Elas sempre falam as palavras certas, por isso sempre têm razão. Todas as suas ações também são irrepreensíveis.

Porém é preciso dizer que nem todas as pessoas corretas tendem à manipulação. De onde então vem a necessidade dos manipuladores de doutrinar e comandar? Ela é condicionada pelo fato de que suas almas são constantemente atormentadas pela dúvida e incerteza. Eles encobrem artificialmente essa luta interna dos outros e de si mesmos. A ausência do guardião interno, que existe nas pessoas verdadeiramente justas, empurra os manipuladores a se autoafirmar à custa dos outros. A exigência de doutrinar e comandar surge do desejo de fortalecer sua posição, diminuindo o subalterno. Criam-se relações de dependência. Seria saudável se as forças equilibradoras dessem o troco merecido aos manipuladores. No entanto, o potencial excedente surge somente onde há tensão, mas não movimento da energia. No caso, o submisso ao manipulador lhe entrega sua energia, por isso não há potencial e o manipulador age inócuo.

Basta alguém expressar prontidão em assumir o sentimento de culpa, os manipuladores imediatamente grudam nele e começam a sugar energia. Para não cair sob sua influência, é preciso recusar o sentimento de culpa. Você não é obrigado a se justificar para ninguém e você não deve nada a ninguém. Caso exista de fato a culpa, pode-se levar o castigo, mas não permanecer culpado. E aos seus amigos você deve alguma coisa? Também não. Pois você cuida deles por convicção e não por necessidade? Isso é totalmente diferente. Corte a tendência de se justificar, se você a tem. Então os manipuladores vão entender que não há como fisgar você e o deixarão em paz.

A propósito, a principal razão do complexo de inferioridade é o sentimento de culpa. Se você sente inferioridade em alguma coisa, quer dizer que essa inferioridade é determinada pela comparação com os outros. Ativa-se um processo resultante, no qual você mesmo se apresenta na qualidade de juiz de si mesmo. Mas você só acha que você mesmo é juiz. Na verdade, acontece algo diferente. No início você se dispôs a assumir a culpa, não importa pelo quê. Simplesmente, por princípio, concorda em ser culpado. Sendo assim, você concorda que pode ser julgado e receber castigo. Ao se comparar com os outros, você lhes permite o direito de superioridade sobre você. Perceba, você mesmo lhes deu esse direito, permitiu que os outros determinassem que são melhores que você! Eles, de início, nem pensam assim, mas você mesmo resolveu se apresentar como juiz de si mesmo em nome dos outros. Resulta que eles julgam você porque você mesmo se submeteu a julgamento.

Tome de volta seu direito de ser você mesmo e levante-se do banco dos réus. Ninguém ousará julgar você se você não se achar culpado. Somente você pode voluntariamente dar aos outros o privilégio de serem seus juízes. Pode parecer que eu estou me ocupando com demagogia vazia. Ora, se há defeitos reais, sempre haverá pessoas que o notarão. Verdade, haverá sempre. Mas apenas no caso de eles sentirem que você está predisposto a assumir a culpa por seus defeitos. Se você por um segundo sequer assumir culpa por ser pior que os outros, eles o sentirão inevitavelmente. E ao contrário, se você é livre do sentimento de culpa, ninguém terá a ideia de se justificar às suas custas. Aqui se revela uma influência muito sutil do potencial excedente sobre o ambiente energético ao redor. Do ponto de vista do senso comum é difícil acreditar nisso totalmente. Não posso provar nada com palavras. Não acredite, confira!

Existem ainda dois aspectos interessantes do sentimento de culpa: poder e coragem. As pessoas que têm esse sentimento sempre obedecem à vontade dos outros que não o têm. Se eu potencialmente estou pronto a reconhecer que posso ser minimamente culpado, inconscientemente estou pronto a receber o castigo, ou seja, estou pronto a me submeter. Mas se não tenho sentimento de culpa, mas há exigência de autoafirmação por conta dos outros, estou pronto a me tornar um manipulador. Não quero dizer que as pessoas se dividem em manipuladores e marionetes. Basta você prestar atenção na legislação. Nos governantes e chefes o sentimento de culpa é bem pequeno ou nem existe. O sentimento de culpa é estranho aos cínicos e às pessoas de pouca consciência. Andar sobre as cabeças ou os cadáveres dos outros é o seu método. Não é de surpreender a grande frequência de chegarem ao poder personalidades inescrupulosas. Isso não significa que o poder é ruim. Talvez a sua felicidade também consista em se tornar favorito do pêndulo. Cada um decide como lidar com sua consciência, ninguém tem o direito de se meter nisso. Agora, é preciso recusar o sentimento de culpa em todo caso.

Outro aspecto da coragem é a ausência do sentimento de culpa. A natureza do medo localiza-se no inconsciente, e sua causa é não só a ignorância aterradora, mas também o medo do castigo. Se eu sou “culpado”, potencialmente concordo em ser castigado e por isso tenho medo. Na verdade, pessoas importantes não são atormentadas pelas dores da consciência como também não sofrem nem um pouco do sentimento de culpa. Elas nada têm a temer, pois seu juiz interior afirma que seu negócio está correto. A vítima assustada, ao contrário, caracteriza-se por uma posição bem diferente: eu não tenho certeza de que estou agindo corretamente, posso ser acusado, qualquer um pode me castigar. Mesmo o mais fraco e profundamente escondido sentimento de culpa abre portões

inconscientes para o castigo. Se eu sinto culpa, então concordo potencialmente que o ladrão ou o bandido tem direito de me atacar, e por isso eu tenho medo.

As pessoas inventaram um jeito interessante de dissipar o potencial excessivo da culpa – pedido de perdão. Isso de fato funciona. Se a pessoa carrega em si o sentimento de culpa, procura conter energia negativa e acumula potencial excedente. Ao pedir perdão, a pessoa o solta e permite à energia se dissipar. Pedir perdão, assumir seus defeitos, expiar os pecados, confessar, são métodos de livramento do potencial de culpa. Proclamando indulgência para si de um ou de outro modo, a pessoa solta a acusação criada por ela mesma e terá alívio. É indispensável cuidar para que a expiação não se torne dependência dos manipuladores. Eles só esperam por isso. Ao pedir perdão, você reconhece sua falta e se livra do potencial. Os manipuladores tentarão constantemente lembrar você dessa falta, provocando você a sustentar em si o sentimento de culpa. Não se deixe levar por suas provocações, você tem o direito de pedir perdão pela falta apenas uma única vez.

Recusar o sentimento de culpa é o recurso mais eficaz para sobreviver num meio agressivo: na prisão, no bando, no exército, na rua. Não é à toa que no mundo do crime funciona a regra inaudita: “Não confie, não tema, não perdoe”. Essa regra convoca a não criar potenciais excedentes. Na base dos potenciais que podem lhe prestar um mau serviço no meio agressivo jaz o sentimento de culpa, que pode proteger sua segurança demonstrando sua força. No mundo onde sobrevive o mais forte, isso funciona. Mas este é um método muito demorado. Funciona com muito maior eficiência excluir do inconsciente a possibilidade potencial do castigo. Para ilustrar, damos o seguinte exemplo: Na antiga União Soviética presos políticos eram colocados intencionalmente junto com criminosos para quebrar sua vontade. Mas acontecia que muitos

dos presos políticos, sendo personalidades notáveis, não só deixavam de ser vítimas de zombaria como também conquistavam autoridade entre os criminosos. O caso é que a independência pessoal e o valor valem mais que a força. A força física muitos possuem, mas a força da personalidade é um fato raro. A chave para o próprio valor é a ausência do sentimento de culpa. A autêntica força pessoal constitui não na habilidade de agarrar alguém pela garganta, mas no quanto a personalidade consegue permitir-se ser livre do sentimento de culpa.

Um famoso escritor russo, Anton Pavlovitch Tchekhov dizia: “Gota a gota espremo para fora de mim o escravo”. Com esta frase se sublinha a intenção de se livrar do sentimento de culpa. Livrar-se significa lutar. No entanto no Transurfing não há lugar para a luta e esforço em si mesmo. É preferível outra coisa: *recusar*, ou seja, *escolher*. Não é preciso espremer para fora de si o sentimento de culpa. Basta simplesmente se permitir viver em consonância com o próprio credo. *Ninguém tem o direito de julgar você. Você tem o direito de ser você mesmo.* Se você se permitir ser você mesmo, a necessidade de se justificar decai e o medo perante o castigo se dissipa. Então acontece algo extraordinário: ninguém se atreverá a magoar você, onde quer que você se encontre, na prisão, no exército, no bando, no trabalho, na rua, no bar, onde for. Você nunca cairá na situação em que alguém vai ameaçar dominá-lo. Outros de vez em quando se submeterão à dominação de uma ou outra forma, mas não você, porque você espantou de seu inconsciente o sentimento de culpa, ou seja, em dadas linhas de vida, o cenário de castigo simplesmente não existe. É assim.

Dinheiro

É difícil amar o dinheiro sem procurar possuí-lo, por isso é praticamente impossível evitar a relação de dependência. Pode-se apenas tentar reduzi-la ao mínimo. Conte-se com o dinheiro que chegou a você. Mas em caso algum se mate por falta ou perda de dinheiro, senão você o terá sempre menos e menos. Se a pessoa ganha pouco, então o seu erro típico é queixar-se por causa da constante falta de dinheiro. Os parâmetros dessa frequência correspondem às linhas de vida pobres.

Especialmente perigoso é ceder à angústia de que há cada vez menos dinheiro. O medo é a emoção mais carregada energeticamente, por isso sentir medo de perder ou não ganhar dinheiro é o meio mais eficiente de você mesmo se transferir para a linha onde há cada vez menos dinheiro. Se você caiu nessa armadilha, sair dela será bastante difícil, mas possível. Para isso é necessário afastar a causa do potencial excedente, que você mesmo criou. A causa disso é a dependência do dinheiro ou um desejo forte demais de ter dinheiro.

Para começar, conforme-se e contente-se com aquilo que você tem. Lembre-se de que sempre pode ficar pior. Não precisa desistir do desejo de ter dinheiro. É preciso apenas se relacionar com ele tranquilamente, inclusive com o fato de que, por enquanto, o dinheiro não flui para você como um rio. Entre na posição do jogador que, a qualquer momento, pode enriquecer ou perder tudo.

Muitos pêndulos utilizam o dinheiro como meio universal para prestação de contas com os adeptos. A própria ação dos pêndulos levou a um geral fetichismo do dinheiro. Com a ajuda do dinheiro é possível garantir sua existência no mundo material. É possível comprar e vender quase tudo. Todos os pêndulos são pagos com dinheiro, escolha qualquer um. Aqui se delineia um perigo. Quando

você morde a isca de brilho falso, é muito fácil desviar para linhas de vida afastadas da sua felicidade.

Os pêndulos, perseguindo seus interesses, criaram o mito de que, para alcançar o objetivo, são necessários recursos. Dessa maneira, o objetivo de cada indivíduo é substituído por algo artificial: dinheiro. É possível obter dinheiro de diversos pêndulos, por isso o indivíduo não pensa no próprio objetivo, mas no dinheiro, e cai sob a influência de um pêndulo adversário. A pessoa deixa de entender o que de fato quer da vida e se entrega a uma perseguição inútil atrás do dinheiro.

Para os pêndulos tal situação é muito vantajosa, e a pessoa cai na dependência e perde seu rumo. Trabalhando em prol de um pêndulo adverso, ela não consegue obter muito dinheiro, já que serve a um objetivo que não é seu. Muitos se encontram nessa situação. É daqui que surge o mito de que riqueza é privilégio de poucos. Na verdade qualquer pessoa pode ser rica quando caminha para o seu objetivo.

Dinheiro não é objetivo e nem recurso para sua obtenção, e sim apenas atributo relacionado. O objetivo é o que a pessoa quer da vida. Eis alguns exemplos de objetivos: viver numa casa própria e cultivar rosas; viajar pelo mundo, visitar países longínquos; pescar no Alasca; andar de esquis nos Alpes; criar cavalos na sua fazenda; desfrutar da vida na sua própria ilha no meio do oceano; ser estrela de cinema; pintar quadros.

Entende-se que alguns objetivos podem ser alcançados tendo um saco de dinheiro. A maioria das pessoas age assim mesmo, buscando obter esse saco. Elas pensam no dinheiro, relevando o próprio objetivo para segundo plano. Com relação ao princípio do Transurfing, essas pessoas tentam passar para a linha de vida na qual as aguarda o saco. Mas, trabalhando para o pêndulo adverso,

obter o saco de dinheiro é muito difícil ou impossível. Assim resulta que nem há dinheiro nem o objetivo é alcançado. Nem poderia ser diferente, pois em lugar do objetivo, a frequência da energia mental está focada no seu substituto artificial.

Se você acha que seu objetivo pode ser realizado somente com a condição de você ser rico, envie esta condição aos quatro cantos. Digamos que você quer viajar pelo mundo. É óbvio que para isso é preciso muito dinheiro. Para alcançar o desejado, pense no objetivo e não na riqueza. O dinheiro virá sozinho, já que é um atributo condizente. É fácil assim. Parece improvável? Porém é assim mesmo, e logo você se convencerá disso. Os pêndulos, perseguindo suas vantagens, viraram tudo de cabeça para baixo. Não é o objetivo que se alcança com a ajuda do dinheiro e sim o dinheiro chega no caminho para o objetivo.

Agora você sabe quão forte é a influência dos pêndulos. Essa influência gerou uma multidão de perdições e mitos. Agora, lendo essas linhas, você pode retrucar: é claro que primeiro a pessoa se torna um empreendedor bem sucedido, ou banqueiro, ou estrela de cinema, e depois se torna milionário. É verdade, mas se tornaram milionários apenas aqueles que pensaram não na riqueza e sim no seu objetivo. A maioria das pessoas age ao contrário: ou serve a um objetivo alheio, não ao seu, ou substitui o seu objetivo por um substituto artificial, ou ainda o abandona totalmente por causa da situação inalcançável de ser rico.

Na verdade, não existem limites para a riqueza. Você pode ter tudo o que quiser. Se for seu, você o recebe. Se, no entanto, o objetivo lhe foi atribuída pelo pêndulo, você nada obterá. Falaremos mais tarde com mais detalhes sobre objetivos. Aqui vou adiante, mas não acontece diferente porque sobre o dinheiro não há nada a dizer. Repito, dinheiro não passa de atributo concomitante no caminho ao

objetivo. Não se preocupe com dinheiro, ele chegará sozinho até você. Agora o mais importante é diminuir a importância do capital ao mínimo, para não criar potenciais excedentes. Não pense no dinheiro, pense somente naquilo que você quer alcançar.

Ao mesmo tempo, é preciso tratar o dinheiro com atenção e cuidado. Se você viu no chão uma moeda e tem preguiça de se inclinar para pegá-la, significa que você não respeita o dinheiro. O pêndulo do dinheiro nem estará aberto para você caso você tratar seus atributos displicentemente.

Não é preciso se preocupar quando você gasta dinheiro. Com isso o dinheiro cumpre sua missão. Se você decidiu gastá-lo, não tenha pena. A tendência a acumular uma soma redonda e gastar o menos possível leva à criação de um potencial forte: acumula num lugar e não sai de lá. Nesse caso, é grande a probabilidade de perder tudo. O dinheiro precisa ser gasto com inteligência, para que haja movimento. Lá onde não há movimento, surge o potencial. Não é à toa que pessoas ricas se ocupam com doações a causas humanitárias. Assim elas diminuem o potencial excedente do acúmulo de riqueza.

Perfeição

Finalmente verificaremos o caso mais controverso e paradoxal de distúrbio do equilíbrio. Tudo começa do pequeno, mas pode terminar com consequências bem pesadas. Por regra, desde a infância somos acostumados a nos esforçar em tudo, conscientemente, somos educados com o senso de responsabilidade e o entendimento do certo e do errado. Sem dúvida assim deve ser, senão o exército de vagabundos e dos incapazes seria enorme.

Principalmente para os zelosos adeptos dos pêndulos, isso é tão precioso que logo se torna parte de sua personalidade.

A busca de perfeição em tudo para alguns se transforma em ideia fixa. A vida de tais pessoas é uma luta só. Adivinhe, contra quê? É claro, contra as forças equilibradoras. A intenção de alcançar a perfeição em todos os lugares e em tudo leva a complicações no nível energético, pois os valores inevitavelmente são substituídos e assim se cria potencial excedente.

Na busca de fazer tudo bem feito não há nada de errado. Mas se a isso se atribui importância excessiva, as forças equilibradoras estarão de plantão. Elas simplesmente estragarão tudo. Assim surge dependência reativa e a pessoa se engancha cada vez mais. Ela quer a perfeição, mas recebe o contrário, tenta desesperadamente consertar tudo, e sempre fica pior. No final das contas, a busca de perfeição se torna um hábito e pode se transformar em mania. A existência se torna uma luta constante e isso automaticamente envenena a vida dos circundantes, porque o idealista é exigente não só consigo, mas com os outros também. Isso se manifesta como impaciência com os hábitos e gostos dos outros, que frequentemente serve de razão para pequenos conflitos que às vezes crescem para grandes conflitos.

De fora é bem visível toda essa atividade de tentativas para alcançar em tudo a perfeição e assim ainda tiranizar os circundantes. Porém o próprio idealista entra tão fundo no papel que começa a achar que ele mesmo é uma personalidade impecável e infalível. Ele diz, já que eu me dirijo ao padrão, significa que eu mesmo sou o padrão. Nisso ele nem se reconhece, pois sabe que o sentimento de sua própria perfeição não se encaixa nos entendimentos estabelecidos de perfeição. Mas no inconsciente de

tal idealista “o sentimento de sua própria retidão em tudo” está bem firme.

Aqui espreita o idealista a tentação de se apresentar diante da humanidade no papel de juiz supremo que decide o que e como devem proceder todas as outras almas perdidas. De fato o idealista cai muito facilmente nessa tentação. Pois como justificativa aparece o sentimento de autorretidão, mas o motivo é um desejo autêntico de colocar a todos no caminho da verdade.

Desde esse momento, o “senhor dos destinos”, envolto em manto, atribui-se o direito de julgar os outros e lhes dar ordens. Na realidade tal processo de julgamento, é claro, não passa dos limites das costumeiras acusações e obrigações. Porém no nível energético, cria-se um poderosíssimo potencial excedente. “O juiz” se atribui a missão de decidir como devem se portar esses seres irracionais e inúteis, sobre o que lhes é apropriado pensar, ao que dar valor, no que acreditar, e o que buscar. No caso de o coitado decidir ter sua própria opinião, surge a necessidade de colocá-lo no seu lugar, e se ele for teimoso, julgá-lo, condená-lo e rotulá-lo, para que todos saibam quem ele é.

Tenho certeza que o seu retrato, querido Leitor, está muito distante do retrato esboçado aqui. Esse livro não pode cair nas mãos de um cretino, convencido de ter razão. Ele já tem certeza de como todos devem viver, não é atormentado por dúvidas. Mas se você encontrar um desses, observe o exemplar com interesse. Aqui você está defronte à imagem do mais grotesco transgressor da lei do equilíbrio. Todos somos visitantes neste mundo, cada um pode escolher seu caminho, mas ninguém tem o direito de julgar os outros, condená-los e colocar rótulos (deixemos de lado o código penal).

Assim, começa de forma um tanto inócua a busca da perfeição e termina com a pretensão de possuir prerrogativas de senhor. Por isso o confronto de forças equilibradoras, surgidas antes em forma de pequenas inconveniências, vai crescer. Caso o perturbador se encontre sob o domínio do pêndulo, pode passar ileso durante um tempo. Mas no final chegará o tempo de acertar as contas. Quando o visitante esquece que não passa de visitante, e começa a pretender o papel de dono, ele pode ser expulso.

Importância

Finalmente analisemos melhor o tipo geral de potencial excedente – a importância. Esta surge onde a algo se dá significado excessivo. A importância traz consigo potencial excedente em estado puro e, ao afastá-lo, as forças equilibradoras formulam problemas para aquele que cria esse potencial.

Existem dois tipos de importância: *interna* e *externa*. A interna, ou a própria, manifesta-se como supervalorização das próprias qualidades ou defeitos. Sua fórmula é: “Eu sou uma pessoa importante” ou “Eu desempenho um trabalho importante”. Quando a seta da importância da própria pessoa é arremessada, entram em ação forças equilibradoras, e o “pavão” recebe um soco na cara. Àquele que “desempenha um importante trabalho” também aguarda a desilusão: ou o trabalho não será útil para ninguém, ou será feito de forma muito ruim. Mas isso é só um lado da moeda. Existe ainda outro lado, ou seja, diminuição de suas qualidades, autodepreciação. Você já sabe o que vem a seguir. Como você entende, o tamanho do potencial excedente em ambos os casos é igual, a diferença está apenas nos sinais positivo ou negativo.

A importância externa também é criada artificialmente quando a pessoa atribui grande importância ao objeto ou fato do mundo ao redor. Sua fórmula: “Para mim tem grande importância aquilo” ou “Para mim é muito importante fazer algo”. Com isso se cria potencial excedente, e o negócio todo será estragado. Se o sentimento de importância interna você ainda pode controlar de alguma forma, com o externo as coisas são piores. Imagine que você precisa andar em cima de um tronco estendido no chão. Nada mais fácil. Agora você deve andar por esse mesmo tronco colocado entre os telhados de dois prédios. Isso para você é muito importante, e você não conseguirá se convencer do contrário. O único jeito de afastar a importância externa é o seguro. Cada caso concreto terá o seu seguro. O mais importante é não colocar tudo num prato só da balança. É preciso ter um contrapeso, proteção, caminho alternativo.

Nada mais tenho a dizer sobre isso. Na prática tudo já foi dito sobre importância. Percebe? Tudo sobre o que foi falado nesse capítulo são variações do tema importância, interna ou externa. Todos os sentimentos e as reações desequilibradas, como indignação, insatisfação, irritação, inquietação, preocupação, depressão, angústia, idealização, submissão, entusiasmo, desilusão, orgulho, exibição, desprezo, repulsa, mágoa e assim por diante, nada mais são que variadas manifestação da importância. O potencial excedente é criado somente quando você atribui importância excessiva a uma qualidade, a um objeto ou a um acontecimento, dentro ou fora de você.

A importância cria potencial excedente, evocando o vento das forças equilibradoras. Elas por sua vez geram uma massa de problemas, e a vida se torna uma luta constante pela existência. Agora você mesmo pode julgar o quanto a importância interna e externa complica sua vida.

Mas isso não é tudo. Lembre-se dos *cordões das marionetes*. Os pêndulos agarram seus sentimentos e suas reações: medo, inquietação, ódio, amor, submissão, sentimento de dever, culpa e outros. Como você vê, tudo isso é consequência da importância. Acontece literalmente o seguinte: agora diante de você há um objeto qualquer. No nível energético ele é neutro: nem bom nem mau. Você se aproximou dele, embrulhou num *pacote de importância*, afastou-se, olhou e exclamou. Agora você está pronto a entregar energia ao pêndulo porque há por onde fugar você. O burro vai andar obedientemente atrás da cenoura. A importância representa a tal cenoura, com a ajuda da qual o pêndulo conseguirá agarrar a frequência da sua vibração, tirar energia de você e levá-lo para onde quiser.

Dessa maneira, para entrar em equilíbrio com o mundo circundante e libertar-se dos pêndulos, é necessário *reduzir a importância*. É preciso constantemente controlar o quão importante você se considera e ao mundo circundante. O Guardião Interno não deve dormir. Reduzindo a importância, você entrará imediatamente em estado de equilíbrio, e os pêndulos não conseguirão controlar você, pois não dá para agarrar o vazio. Você pode retrucar: assim logo me transformarei em estátua. Eu não estou convocando você para eliminar as emoções ou reduzir sua amplitude. Lutar com as emoções é inútil e desnecessário. Se você tentar se manter no controle e por fora demonstrar tranquilidade enquanto por dentro tudo está chacoalhando, o potencial excedente se intensifica ainda mais. As emoções são geradas pelos relacionamentos, por isso é preciso modificar *os relacionamentos*. Os sentimentos e as emoções são apenas consequências. O motivo está apenas na importância.

Digamos que alguém dos meus nasceu, morreu ou se casou, ou outro acontecimento importante qualquer. É importante para mim? Não. Para mim é indiferente? Também não. Capta a diferença?

Simplesmente não faço disso um problema e não atormento por essa razão nem a mim mesmo nem aos que estão ao redor. E quanto à compaixão? Penso que não vou errar se disser que a compaixão e a ajuda àqueles que de fato precisam disso não prejudica ninguém. Mas aqui também é importante cuidar da importância. Eu disse que se pode ajudar somente aqueles que de fato precisam ser ajudados. E se a pessoa quer sofrer? Ela gosta disso, e a sua compaixão lhe serve para justificar-se às suas custas. Se, por exemplo, você viu um mendigo aleijado e lhe deu dinheiro, ele lhe retribui um sorriso de desdém, pois nem é aleijado e sim um pedinte profissional.

No mundo dos animais e vegetais, na natureza em geral, não existe o conceito de importância. Existe apenas objetividade do ponto de vista do cumprimento das leis do equilíbrio. O sentimento da própria importância pode se manifestar somente nos animais domésticos que vivem em companhia dos seres humanos. Sim, a sociedade os influencia um tanto também. Os outros animais são regidos apenas por seus instintos. A importância é criação humana para a alegria dos pêndulos. Uma forte tendência para a importância externa gera fanáticos. E a tendência para a importância interna, o que você acha que gera? Déspotas.

Pode surgir a impressão de que, diante de tal arranjo, dá medo até de dar um passo. Felizmente, não é tão ruim assim. As forças equilibradoras começam a agir em você de forma perceptível somente quando você se apegando intensamente às suas representações, é fisgado e de fato entorta o pau. Com os pêndulos também é tudo claro. Todos nós nos encontramos sob sua influência. O mais importante é ter consciência de que forma eles o seguram e até onde você permite que eles penetrem.

A diminuição da importância não só diminui significativamente a quantidade de problemas em sua vida. Recusando a importância interna e externa, você recebe um tesouro: *liberdade de escolha*. Como é isso, você pergunta, pois com relação ao primeiro princípio do Transurfing nós não temos o direito de escolha, apesar de tudo? Ter você tem, mas não consegue pegar. Impedem-no as forças equilibradoras e os pêndulos. Por causa da importância a vida toda se torna uma luta com as forças equilibradoras. Não sobra energia para escolher nem para pensar o que na verdade eu quero na vida. Os pêndulos tentam constantemente controlar e atribuir objetivos aos outros. Onde está a liberdade?

Qualquer importância, tanto a interna quanto a externa, é inventada. Todos nós de fato nada significamos nesse mundo. E ao mesmo tempo nos são acessíveis todas as riquezas desse mundo. Imagine como as crianças adoram brincar nas ondas da praia. Digamos que nenhuma delas nem imagina que é boa ou má, se a água é boa ou má, se outras crianças são boas ou más. Enquanto se conservar tal situação, as crianças são felizes, elas se encontram em equilíbrio com a natureza. Assim também qualquer ser humano veio a este mundo como filho da natureza. Se ele não perturbar o equilíbrio, lhe é acessível tudo do melhor que aqui existe. Mas logo que a pessoa começa a criar importância, imediatamente surgem problemas. Ela não vê a relação de causa e efeito entre a importância criada e os problemas, por isso acha que este mundo é um meio hostil onde não é tão fácil obter o que se quer. Na verdade, *o único obstáculo no caminho para a realização dos desejos é a importância criada artificialmente*. É possível que até agora eu ainda não consegui convencer você. Porém os meus argumentos ainda estão longe de se esgotarem.

Da luta ao equilíbrio

E é possível contrapor-se de alguma maneira às forças equilibradoras? Exatamente com isso que você e eu nos ocupamos todos os dias. A vida toda consiste em lutar com as forças equilibradoras. Todas as dificuldades, aborrecimentos e problemas estão ligados com a ação das forças equilibradoras. Em qualquer situação é inútil contrapor-se às forças equilibradoras, elas de qualquer jeito farão o seu trabalho. Os esforços para afastar as consequências nada adiantam. Ao contrário, a situação só piora. A única solução contra as forças equilibradoras é afastar a causa, diminuindo a importância do potencial excedente que as gerou. As situações de vida são tão variadas que não é possível fornecer uma receita universal para solucionar todos os problemas. Só posso fazer recomendações gerais.

Cada ser humano só se ocupa em erigir um muro fundamentado na importância e depois tenta pular o muro ou quebrá-lo com sua cabeça. Em vez de vencer o obstáculo não seria melhor tirar um tijolo da base e com isso fazer o muro ruir? Todos nós vemos nitidamente os obstáculos. Mas ver o seu fundamento está longe de ser fácil. Se você se defrontou com uma situação problemática, tente determinar onde você exagera, onde você se engancha, a que atribui importância exagerada. Determine sua importância e depois a recuse. O muro cairá, o obstáculo se afastará por si, o problema se resolverá sozinho. *Não vença os obstáculos – diminua sua importância.*

Diminuir a importância não significa lutar com seus sentimentos e tentar abafá-los. Emoções e sofrimentos excessivos são consequências da importância. É preciso afastar a causa, ou seja, a relação. É possível aconselhar a lidar filosoficamente com a vida o quanto possível. Embora este chamado já seja costumeiro, é

indispensável reconhecer que a importância não trará nada além de problemas e por isso se deve diminuí-la.

A diminuição da importância externa não tem nada em comum com desprezo e inferiorização. Ao contrário, o desprezo é a importância ao contrário. É preciso tratar a vida de forma mais simples, nem desprezar nem exaltar. Menos ainda ficar discutindo se as pessoas são boas ou más. Aceitar o mundo tal qual é.

A diminuição da importância interna não tem nada em comum com conformismo e autodepreciação. Arrepende-se de seus defeitos e pecados é o mesmo que evidenciar suas qualidades e feitos. A diferença está apenas no sinal: mais ou menos. O seu arrependimento pode ser necessário apenas para os pêndulos que querem controlar você. Aceite-se como você é. Permita-se a beleza de ser você mesmo. Não aumente nem diminua suas qualidades e defeitos. Busque a paz interior: você não é nem importante nem desprezível.

Se a sua posição depende muito de algum acontecimento, encontre uma variante alternativa. Para andar tranquilamente pelo tronco, é preciso segurança. Esta é apropriada em cada fato concreto. Simplesmente se faça a pergunta de o que pode funcionar como seguro no caso em questão. Lembre-se que lutar com as forças equilibradoras é inútil. O medo ou o nervosismo não deve ser abafado, somente diminuída sua importância, e isso só é possível com um seguro ou com uma variante de reserva. Nunca aposte tudo numa carta só, por mais certa que seja!

A única coisa que não cria potencial excedente é o sentimento de humor, a capacidade de rir de si mesmo e dos outros, sem a intenção de magoar. Só isso já não lhe permite se tornar um manequim insensível. O humor é a própria negação da importância, caricatura da importância.

Ao solucionar problemas é indispensável respeitar uma regra de ouro: antes de proceder à solução do problema, é preciso diminuir sua importância. Então as forças equilibradoras não vão atrapalhar e o problema será solucionado de maneira leve e simples.

Para reduzir a importância, primeiro é preciso *lembrar* e considerar: a situação problemática surgiu em consequência da importância. Enquanto você, como em sonho, mergulhado de cabeça nesse problema, não explicar a si mesmo que qualquer problema advém da geração de importância, você estará inteiramente sob o poder do pêndulo. Pare, chacoalhe a invasão e lembre o que é importância. Depois intencionalmente mude sua relação com o objeto. Isso não é difícil, pois você sabe que qualquer importância só atrapalha. A principal dificuldade é *lembrar* em tempo que você está se debatendo na importância interna ou externa. Para esse objetivo é necessário o seu Guardião, o observador interno, que constantemente cuida de todos os seus valores internos.

Os pensamentos da pessoa adquirem importância do mesmo jeito que os músculos se retesam involuntariamente. Por exemplo, quando algo o angustia, os músculos dos ombros ou das costas se encontram em tensão espasmódica. Você não percebe que estão tensos, até que aparece a dor. Mas se *lembrar* a tempo e prestar atenção aos seus músculos, você poderá desfazer as tensões.

Capte a importância sempre que se preparar para algum acontecimento. Se o acontecimento para você de fato possui grande importância, não acumule mais ainda. A melhor receita: espontaneidade, improvisação, tratamento leve. A preparação deve ser apenas no sentido de segurança. Em caso algum você deve “preparar-se seriamente e cuidadosamente”, pois isso reforça a importância. A preocupação inativa intensifica-a mais ainda. O *potencial da importância é dissipado pela ação*. Não pense, aja. Se

não puder agir, não pense. Conecte sua ação em outro objeto, solte a situação.

Alcançamos a mais elevada eficiência de qualquer ação quando tiramos o foco de atenção *de si* como executor e *do objetivo final*, e o transferimos para o *processo* da realização da ação. Nesse caso, “eu não cumpro um trabalho importante” e “o trabalho não é importante”, e dessa maneira são afastados os potenciais excedentes e as forças equilibradoras não atrapalham. A ação se realiza sem medo, mas não com displicência nem inconsequentemente. Você tem dúvidas de porque precisa tirar o foco de atenção no objetivo final? Como se pode realizar um trabalho sem pensar no objetivo final? A compreensão desse fato não evidente lhe virá nos próximos capítulos do livro.

Por que por vezes acontece que você teme muito um acontecimento, pensa nele constantemente, imagina toda sorte de dificuldades concomitantes e situações problemáticas, mas na verdade tudo termina de forma simples e bem-sucedida? E ao contrário, acontece que você trata o acontecimento eminente de forma leve e recebe aborrecimentos totalmente inesperados. No primeiro caso, a avaliação do acontecimento marca o negativo e no segundo, o positivo. O final é resultado da ação das forças equilibradoras. As forças devem nivelar o potencial criado artificialmente por você, e isso elas fazem.

Pode-se supor que, em consequência disso, se eu ficar pintando propositadamente antes do exame os quadros mais amedrontadores, então com certeza obterei a nota máxima. Não é bem assim. Este é um propósito artificial. Tal propósito é produto da razão, não da alma. Você pode tentar se enganar, mas será apenas fingimento, carecendo de base energética. Base energética possui somente o *propósito de alma*. Exatamente por isso não se pode

obter o que se deseja mediante a uma simples visualização de quadro. Mas sobre isso falaremos mais tarde.

Nunca, diante de circunstância alguma se vanglorie de ter merecido algo. E muito menos se vanglorie daquilo que ainda não alcançou. Isso não é vantajoso porque as forças equilibradoras nesse caso sempre agirão contra você.

Sinta-se em casa, mas não esqueça que você é visita. Se você se encontra em equilíbrio harmônico com os pêndulos circundantes, ou seja, vibra em uníssono com eles, sua vida flui leve e agradável. É como se você entrasse em ressonância com o mundo ao redor, recebe energia e sem muito esforço alcança o seu objetivo.

Se você chegou a um ponto em que viver em equilíbrio com o mundo ao redor é praticamente impossível (por exemplo, o marido bate em você), deve pensar em dar um passo decisivo e substituir o seu ambiente. Talvez você ache que não tem para onde ir? Isso lhe foi inspirado pelo pêndulo que tem vantagem em mantê-lo preso a ele. Saída sempre existe, e não só uma. Lembre-se da mosca no vidro, que não vê a fresta. Deve-se apenas evitar movimentos bruscos impensados. A saída ótima logo aparece, basta você reduzir a importância e se livrar da influência do pêndulo destrutivo que o impede de viver em paz. Meios de se livrar você já conhece: derrubada ou apagamento.

Com isso eu concluo o grande e complexo tema do equilíbrio. Agora que você entendeu o mecanismo da ação das forças equilibradoras, você determinará facilmente onde se esconde a razão desses ou daqueles fracassos. Chegamos à conclusão de que sempre é necessário respeitar os princípios do equilíbrio. Agora tenho que preveni-lo para não segui-lo de forma exagerada. Se você ficar preso a isso, tentar seguir como fanático, você destrói o próprio princípio. Se à lagarta você ficar explicando em detalhes como ela

deve andar, ela ficará totalmente confusa e não conseguirá sair do lugar. Em tudo é necessário medida. Permita-se de vez em quando destruir um pouco o equilíbrio, nada de muito assustador vai acontecer. O mais importante é que a flecha da importância não aumente.

Resumo

Cria-se potencial excedente somente quando você atribui importância à valoração.

Somente a importância especificamente sua fornece sua energia à sua valoração.

O tamanho do potencial cresce se a valoração deturpa a realidade.

A ação das forças equilibradoras é direcionada a afastar o potencial excedente.

A ação das forças equilibradoras frequentemente é contrária à intenção que criou o potencial.

Alugando-se, você ativa o Guardião interno para que cuide de você, de forma que tudo que você fizer seja impecável.

Insatisfação e julgamento sempre armam as forças equilibradoras contra você.

É preciso substituir as habituais reações negativas por vibração positiva.

Amor incondicional é maravilhamento sem direito de possuir nem de submeter.

Condicionamento e comparação geram relações de dependência.

Relações de dependência criam potenciais excedentes.

Idealização e supervalorização sempre terminam desfazendo mitos.

Para alcançar o amor recíproco verdadeiro, é necessário recusar o direito de possuir.

Você terá que pagar pelo desdém e pelo orgulho, inevitavelmente.

Livre-se da necessidade de afirmar a sua superioridade.

A intenção de ocultar defeitos tem efeito contrário.

Qualquer inferioridade é compensada por suas qualidades merecidas.

Quanto maior a importância do objetivo tanto menor a probabilidade de alcançá-lo.

Os desejos, livres dos potenciais de importância e dependência, se realizam.

Recuse o sentimento de culpa e da obrigação de se justificar.

Para recusar o sentimento de culpa, basta se permitir ser você mesmo.

Ninguém tem o direito de julgar você. Você tem o direito de ser você mesmo.

O dinheiro vem sozinho, como atributo concomitante ao caminho rumo ao objetivo.

Receba o dinheiro com amor e atenção, e se despeça dele sem preocupação.

Tendo recusado a culpa e a importância interna, você obtém a liberdade de escolha.

O único obstáculo no caminho da realização dos desejos é a importância.

Não lute com os obstáculos – reduza a importância.

Ocupe-se não se preocupe.

V

Transferência induzida

Porque cada geração mais velha acha que a vida antes era melhor?

Quantas gerações já se passaram desde o início da história da humanidade! E cada geração está convicta de que o mundo piorou. Resulta que o mundo tem a tendência de se degradar? Fosse assim, bastariam à humanidade algumas dezenas de gerações, para em seguida tudo simplesmente decair no inferno. O que é que acontece?

Não deixe informação negativa entrar em você

Sucessão de gerações

Em todas as épocas as pessoas pensavam: “Antigamente era melhor!”. Com a maturidade a vida parece de mal a pior. A pessoa se lembra de sua juventude quando todas as cores eram suculentas, as impressões coloridas, os sonhos realizáveis, a música melhor, o clima mais agradável, as pessoas mais amáveis,

até o salame era mais gostoso, sem falar da saúde. A vida era cheia de esperança, fornecia alegria e satisfação. Agora, passados tantos anos, a pessoa não obtém mais vivências tão alegres dos mesmos acontecimentos. Por exemplo, piquenique, festa, concerto, cinema, festival, encontro, descanso ao mar, tudo parece ter a mesma qualidade, se observarmos objetivamente. A festa é alegre, o cinema interessante, o mar de temperatura amena, e mesmo assim não é a mesma coisa. As cores esmaeceram, as vivências perderam o entusiasmo, o interesse se apagou.

Por que na juventude tudo era tão bom? Será que os empreendimentos da pessoa perdem a agudeza com a idade? Mas com a idade a pessoa não perde a capacidade de chorar e rir, perceber cores e sabores, reconhecer o verdadeiro e o falso, distinguir o mau do bom. Ou o mundo de fato rola para o buraco? Na verdade o mundo circundante por si não se degrada nem piora. Ele piora para cada indivíduo. Paralelamente à linha negativa de vida existem linhas que a pessoa largou, na sua época, onde está tudo bem como antes. Ao expressar insatisfação, a pessoa se sintoniza com caminhos realmente piores. Sendo assim, ela é puxada para eles.

Em consonância com o princípio do Transurfing no espaço das variantes *há de tudo e para todos*. Por exemplo, há um setor no qual a vida para determinada pessoa perdeu todos os seus encantos, mas para outras continua a mesma. Vibrando uma energia de pensamento negativa, a pessoa acaba em tal setor no qual a decoração de seu espaço modificou-se. Ao mesmo tempo, para os outros, o mundo permaneceu o mesmo. Nem precisamos verificar tais acontecimentos radicais quando a pessoa se tornou inválida, perdeu sua casa, seus parentes ou perdeu tudo por embriagues. O mais frequente, no decorrer da vida, paulatinamente, mas firmemente, a pessoa escorrega para as linhas nas quais todas as

cores da decoração desbotam. Então ela se lembra de como tudo era vivo e fresco muito anos atrás.

Ao nascer, a pessoa aceita o mundo tal qual é. A criança ainda não sabe que pode ser pior ou melhor. Os jovens ainda não são muito mimados e caprichosos. Eles simplesmente descobrem este mundo e se alegram com a vida, já que eles têm mais esperanças do que pretensões. Eles acreditam que tudo não está mal agora e será melhor. Mas depois chegam os fracassos, a pessoa começa a entender: nem todos os sonhos se realizam, outras pessoas vivem melhor, e é preciso brigar por um lugar ao sol. Com o tempo, as pretensões se tornam mais numerosas que as esperanças. A insatisfação e o queixume é a força impulsora que empurra a pessoa para as linhas de vida de fracasso. Nos termos do Transurfing, a pessoa vibra energia negativa, que a transporta para as linhas de vida correspondentes ao parâmetro negativo.

O mundo se torna pior, quanto pior você pensa nele. Na infância ninguém pensava muito se o mundo é bom ou não, e aceitava tudo como necessário. Você começava a descobrir o mundo e não usava muito a crítica. As maiores mágoas provinham de seus familiares que, por exemplo, não lhe compraram um brinquedo. Mas depois você começou a se magoar seriamente com o mundo ao redor. Ele passou a satisfazer cada vez menos. E quanto mais você colocava pretensões, pior o resultado. Todos que passaram da juventude e chegaram à maturidade sabem que antes muita coisa era melhor.

Esse é um paradoxo danoso: você se defronta com circunstâncias tristes, expressa sua insatisfação, e resulta uma situação mais danosa ainda. Sua insatisfação volta como um bumerangue. Primeiro, o potencial excedente da insatisfação volta as forças equilibradoras contra você. Depois, a insatisfação serve de canal, pelo qual o pêndulo suga energia de você. Terceiro, emitindo

energia negativa, você passa para as correspondentes linhas de vida.

O hábito de reagir negativamente se enraizou tanto que as pessoas perderam sua superioridade perante os seres vivos inferiores – a consciência. A concha também reage negativamente ao perturbador externo. Mas uma pessoa, diferente da concha, pode conscientemente e intencionalmente regular a sua relação com o mundo externo. Mas ela não usa esta superioridade e reage com agressividade ao menor incômodo. O ser humano costuma interpretar equivocadamente a agressividade como sua força, mas na verdade ele apenas se debate perdido na teia dos pêndulos.

Você acha que a vida piorou. Mas para aqueles que agora são jovens a vida parece maravilhosa. Por que é assim? Talvez porque eles não sabem como era bom quando você tinha a idade deles? Mas na época viviam pessoas mais velhas que, igual a você agora, se queixavam da vida e ficavam lembrando como era bom antes. A causa não é só a capacidade da psique humana de apagar todas as lembranças ruins e deixar apenas o que foi de bom. A insatisfação se dirige ao presente momento, porque o presente parece pior do que o passado.

Parece que, se aceitarmos o fato de que a vida se torna a cada ano pior, o mundo há muito deveria ter simplesmente desmoronado. Quantas gerações já passaram desde o início da história da humanidade? E cada uma acha que o mundo piorou! Por exemplo qualquer pessoa de idade dirá com convicção que antes a Coca-cola era melhor. No entanto a Coca-cola foi produzida em 1886. Imagine o quanto ela agora é detestável! Talvez o gosto feneça com a idade? Não é bem assim. Pois para uma pessoa de idade piorou qualquer outra qualidade – dos móveis ou do vestuário, por exemplo.

Se o mundo fosse único para todos, depois da transição de algumas dezenas de gerações, ele simplesmente se tornaria um inferno. Como entender essa afirmação paradoxal, que *o mundo não é o mesmo para todos*? Todos nós vivemos no mesmo mundo da realização material das variantes. Mas as variantes para cada ser humano são próprias de cada um. Aparentemente se encontram evidentes diferenças nos destinos: ricos e pobres, bem-sucedidos e malsucedidos, felizes e infelizes. Todos eles vivem no mesmo mundo, mas para cada um o mundo é particular. Poderíamos achar que está tudo claro, que há os bairros pobres e há os bairros ricos.

No entanto, diferenciam-se não só os cenários dos destinos e os papéis, como também as decorações. Essa diferença não é tão evidente. Uma pessoa olha para o mundo da janela de um belo automóvel, a outra, da lata de lixo. Uma está na roda da alegria, a outra, preocupada com seus problemas. Uma vê um grupo alegre de jovens, a outra, um bando displicente de malfetores. Todos olham para o mesmo, mas os quadros resultantes diferem, como o filme colorido difere do preto e branco. *Cada ser humano está sintonizado com o seu setor no espaço das variantes, por isso cada um vive em seu mundo. Todos esses mundos se deitam um sobre o outro como camadas e originam aquilo que nós entendemos como o espaço no qual vivemos.*

É possível que lhe seja difícil imaginar. Separar uma camada da outra é impossível. Cada ser humano forma com seus pensamentos a sua realidade e, ao mesmo tempo, essa realidade cruza e interage com o mundo ao redor.

Imagine a Terra, onde não há nem um único ser vivo. Os ventos sopram, a chuva cai, os vulcões entram em erupção, os rios correm – o mundo existe. Aí nasce um ser humano e começa a observar tudo isso. A energia de seus pensamentos gera realização material

num setor determinado do espaço das variantes – a vida de tal pessoa em tal mundo. Sua vida representa uma nova *camada* desse mundo. Nasce outro ser humano – surge outra camada. Morre um ser humano – a camada desaparece ou, talvez, transforma-se com relação ao que acontece lá, além da soleira da morte.

A humanidade supõe vagamente que existem outros seres vivos, que se encontrariam em certos mundos paralelos. Mas vamos admitir por um minuto que não existem seres vivos no mundo, por enquanto. Então que energia gerou a realização material do espaço no qual não há nenhum ser vivo? Só podemos indagar sobre isso. E pode ser que, se morrer o último ser vivo, o mundo desaparecerá? Quem pode afirmar que o mundo existe se não há ninguém nele? Ora se não há ninguém, quem pode dizer que o mundo (no nosso entendimento) existe, ou seja, nem dá para falar dele.

Agora chega de ficar elucubrando. Não se esqueça que Transurfing é um de muitos modelos. *Todas* as representações dos seres humanos sobre o mundo ao redor e a vida nele nada mais são que modelos. Lembre-se da importância e não crie importância externa do Transurfing. Do contrário, você pode se tornar apologético de uma ideia inútil e ficar provando a todos a verdade da sua visão de mundo em particular. A verdade é uma abstração. Você precisa reconhecer apenas alguns fenômenos e leis. E seu objetivo consiste apenas em *como obter utilidade prática* do nosso modelo.

Voltemos ao mundo das gerações. Cada ser humano, no decorrer da vida, desloca-se de um setor do espaço das variantes para outro e assim transforma a camada de seu mundo. Quanto mais se dispuser a expressar a insatisfação e emitir mais energia negativa do que positiva, surge tendência a piorar a qualidade de vida. A pessoa pode com a idade acumular um conforto material, mas não será mais feliz por conta disso. As cores da decoração esmaecem, e

a vida alegre cada vez menos. O representante da geração mais velha e o jovem bebem a mesma Coca-cola, banham-se no mesmo mar, andam de sky na encosta da mesma montanha, parece tudo igual a muitos anos atrás. No entanto, o mais velho está convencido de que antes tudo era melhor, mas para o mais jovem agora está tudo maravilhoso. Quando o jovem envelhecer, a história se repetirá.

Nessa tendência, observam-se tendências tanto para o lado pior quanto para o melhor. Acontece que o ser humano só começa a sentir o gosto pela vida com a idade, e acontece também que o totalmente bem-sucedido rola para dentro de um buraco profundo. Mas em geral as gerações mais ou menos concordam em que a qualidade de vida piora. Assim acontece a substituição dos estratos das gerações. A camada da geração mais velha passa ao lado pior e a camada mais jovem se atrasa, mas se move para o mesmo lugar. Essa substituição acontece aos poucos, começando toda vez da potência ótima. Exatamente por isso o mundo não se transforma em inferno. Cada um tem sua camada que ele mesmo escolhe. A pessoa de fato tem a possibilidade de escolher a camada, e o faz. Você aos poucos percebe o quadro de como o faz prejudicando a si mesmo.

Nos capítulos anteriores já falamos de como não criar inferno em sua camada. E como devolver seu mundo anterior, voltar para as linhas nas quais a vida está tão plena de cores e esperanças, como foi na infância e na juventude? Com essa tarefa também é possível lidar com a ajuda da técnica do Transurfing. Mas para começar, é necessário entender de que forma saímos daquelas linhas bem-sucedidas e cheias de esperança para as outras, nas quais se pode perguntar: “Ora, como é que você se permitiu esse tipo de vida?”

O funil do pêndulo

A psicologia do ser humano é construída de maneira que ele reage com maior intensidade aos perturbadores negativos. Pode ser informação indesejada, ações adversas, perigo ou simplesmente energia negativa. É claro que movimentos positivos também podem evocar emoções fortes. Mas o medo e a raiva ultrapassam em muito a força da alegria e da festança. A razão desse desequilíbrio remonta a séculos, quando o medo e a raiva eram fatores decisivos de sobrevivência. Qual a vantagem da alegria? Ela não ajuda nem a se defender nem a evitar o perigo, nem conseguir alimento. E a vida, cheia de cargas e falhas no decorrer de toda a história trouxe mais angústia e medo do que alegria e contentamento. Daí a tendência das pessoas de se entregar com maior facilidade a pensamentos tristes e a depressão, enquanto a alegria rapidamente passa. Ou você já ouviu que uma pessoa normal sofresse de alegria descabida? Mas o estresse e a depressão são constantes, e estão lado a lado.

Os pêndulos se utilizam ativamente de tais características dos empreendimentos humanos e, em particular, também o fazem os recursos da informação de massa. Nos programas de notícias você raramente ouvirá notícias boas. Costumam fazer assim: pega-se algum fato negativo, se distorce, surgem novos detalhes, tudo isso é enfatizado e dramatizado.

Segundo o mesmo princípio, oferecem-se outras notícias negativas: catástrofes, cataclismos, atos terroristas, conflitos armados e assim por diante. Preste atenção a uma regra. Os acontecimentos se desenvolvem em espiral: primeiro o começo, o cordão, depois a virada, a tensão aumenta, depois complicação, as emoções se inflamam, e finalmente o desfecho – toda a energia estoura no ar e ocorre uma tranquilização temporária. Lembre-se de que as ondas batem na praia. Segundo o mesmo princípio se constroem infundáveis seriados de televisão. Do ponto de vista objetivo nada de

excepcional há neles, o “drama” todo literalmente é sugado do dedo. Basta olhar duas ou três séries e você é fisgado. Por quê? Ora, nessas novelas nada acontece de especialmente interessante. Porque a frequência dos pensamentos é capturada pelo pêndulo do seriado e a atenção das pessoas se fixa num determinado setor.

Vamos analisar o mecanismo das evoluções da espiral mencionada acima. Primeiro a pessoa se defronta com o fato que teoricamente pode inquietá-la ou não. Digamos que a notícia sobre o evento negativo acontece em algum outro país. Esse é um primeiro empurrão do pêndulo destrutivo. Se a notícia toca a pessoa, ela começa a reagir à provocação; expressa sua relação, compadece-se, ou seja, reage emitindo energia da mesma ordem que o primeiro empurrão, na mesma frequência. Essa pessoa, assim como milhares de outras, respondeu ao pêndulo com seu interesse e sua participação. Sua vibração entrou em ressonância com o pêndulo, e sua energia cresceu. A informação de massa cuida da evolução dos acontecimentos, e o pêndulo recebe mais um gole. Assim o pêndulo atrai os adeptos para a sua rede e tira energia deles. As pessoas interessadas deixam entrar dentro delas a energia negativa e entram no jogo, por enquanto como observadores externos.

À primeira vista, nada de especial ocorreu, pois é algo costumeiro. E quanto ao fato de que a pessoa entregou parte de sua energia para dar mais um gole ao pêndulo destrutivo? Isso praticamente não afetou sua saúde. Na prática, ao emitir energia na frequência do evento negativo, a pessoa se transferiu para as linhas de vida nas quais eventos semelhantes ocorrem cada vez mais próximos dela. A pessoa toma parte nesse enredo e acaba na zona de atividade da espiral, que rodopia e a suga para dentro, como um redemoinho. A interação entre a pessoa e o pêndulo se estreita, a pessoa já assume o fato esporádico como parte inevitável de sua vida. Sua atenção passa a funcionar seletivamente, deparando-se em todos

os lugares com novos fatos em diversos países. A pessoa julga essas notícias com seus conhecidos e amigos, recebe resposta na forma de interesse e compaixão. A energia do pêndulo cresce, e a pessoa se aproxima cada vez mais pela frequência de sua vibração das linhas de acontecimentos nos quais ela deixa de ser observador externo e sim participante incontestado.

Chamemos tal manifestação de atração ao redemoinho de *passagem induzida* para a linha de vida na qual o adepto se torna vítima do pêndulo destrutivo. Sua resposta ao impulso do pêndulo destrutivo e a consequente doação de energia extra induzem a passagem para a linha de vida próxima à frequência de vibração do pêndulo. Resulta que os fatos negativos se ligam à camada do mundo dessa pessoa.

Catástrofe

Muitas pessoas, de uma maneira ou de outra, permitem a possibilidade teórica de entrar numa catástrofe. Mas nem todas permitem tal possibilidade entrar na camada de seu mundo. Existem pessoas que não assistem a seriados, não se interessam por notícias, não são atingidas por acontecimentos que não lhes dizem respeito. Elas vivem em suas camadas e são adeptas de outros pêndulos. Não se perturbam com a queda de um avião em algum lugar. Elas ouvem tais notícias com indiferença enquanto mastigam seu jantar. Bastam-lhes seus próprios problemas.

São suscetíveis à passagem induzida aqueles que se interessam, se preocupam, se inquietam por causa de catástrofes acontecidas alhures. Se a vida da pessoa não estiver muito cheia de preocupações e vivências, ela tenta preencher esse déficit dando atenção a acontecimentos nas camadas dos outros. Tal pessoa lê

regularmente a mídia amarela, ou assiste a seriados ou aguarda novas notícias sobre catástrofes e desgraças. A crônica de rua e os seriados apresentam a atividade de pêndulos pequenos e inofensivos. Tornar-se adepto deles apenas cumpre o déficit de informação, emoção e vivências. Mas mostrar interesse pelos pêndulos destrutivos das catástrofes e desgraças traz em seu bojo uma ameaça real. Esses são fortes e muito agressivos.

A frequência da vibração mental da pessoa que deu atenção a tais acontecimentos é capturada da mesma maneira como nos seriados. A pessoa interessada em informação negativa sempre a receberá em excesso. De início ela assume papel inofensivo de observador externo. É como se ela estivesse sentada na arquibancada e observasse um jogo de futebol. O jogo vai capturando sua atenção e ela se torna um torcedor ativo. Em seguida ela desce ao campo e começa a correr, ainda sem receber a bola. Lenta e imperceptivelmente ela é sugada cada vez mais para dentro do jogo e finalmente recebe a bola. O observador se tornou jogador, ou seja, vítima da catástrofe.

Como poderia ser diferente? Ora, as catástrofes se tornaram parte da vida da pessoa, ela mesma permitiu a entrada em sua camada, assumiu sem querer o destino da vítima e materializou a variante infeliz. É claro que ela não quis assumir o papel de vítima, mas isso não importa. O papel é atribuído pelo pêndulo caso a pessoa aceitou o jogo. Por isso, se para muitas outras pessoas tal desgraça não passa de confluência infeliz de circunstâncias, para a nossa vítima isso é um final lógico e de acordo com a lei. A probabilidade de o nosso herói se encontrar no lugar e na ocasião necessários já está acima da média.

Se você ignorar as cutucadas dos pêndulos destrutivos jamais cairá na catástrofe. Digamos que a probabilidade estará próxima de zero.

Você pode retrucar: como é que as pessoas perecem aos milhares em catástrofes ou desgraças, será que elas pensam juntas e ao mesmo tempo sobre catástrofes? A questão é que você não vive só nesse mundo. Você é rodeado por uma massa de pessoas trabalhando ativamente para os pêndulos destrutivos e emitindo energia no espectro desses pêndulos. Ninguém pode se isolar idealmente dessa vibração. O campo vibracional captura você e você sem saber começa a vibrar nas mesmas frequências. As raízes dessa conduta remontam à profundidade dos séculos, quando o instinto gregário ajudava evitar perigos. Exatamente por isso o campo energético da passagem induzida cresce como lava e puxa como redemoinho.

A tarefa consiste em se situar o mais longe do centro do redemoinho. Isso significa não permitir para dentro de si informação sobre catástrofes e desgraças, não se interessar por isso, nem sofrer, nem discutir, ou seja, deixar passar ao largo. Preste atenção: não é afastar-se da informação, mas não deixar que ela penetre em você. Como se sabe dos capítulos anteriores, evitar o encontro com o pêndulo é o mesmo que buscar o encontro com ele. Quando você se opõe a algo, não quer algo ou expressa inimizade, com isso mesmo você emite ativamente a energia na frequência daquilo que quer evitar. Não permitir para dentro de si significa ignorar, não reagir à informação negativa, mas ligar sua atenção a programas de TV e a livros inofensivos.

Se evitar reagir não for possível, então resta apenas contar com o anjo da guarda. Por exemplo, se você tem medo de voar de avião, não voe. Se existe medo, significa, no espectro de sua vibração existe a frequência que ressoa com a linha de vida na qual está marcada uma catástrofe no ar. Isso não significa que você inevitavelmente cairá nessa linha, no entanto, existe a probabilidade. Se você simplesmente não pensa sobre o perigo no

avião, nada a temer. Ao contrário, se você experimenta intranquilidade *inusitada* perante o voo, é razoável evitar o risco. Se deixar de voar é absolutamente impossível, então é preciso aprender a ouvir o *murmúrio das estrelas matutinas*. O que é isso e como se faz, você vai saber.

Guerra

A guerra eclode da mesma maneira como uma briga elementar. Primeiro um lado exprime sua opinião ao outro. Este tem uma opinião contrária, por isso a expressão funciona como cutucada do pêndulo destrutivo. O segundo lado responde ao primeiro impulso com uma amplitude um tanto maior. A isso o primeiro por sua vez novamente responde com agressividade maior. E assim num crescendo até que o negócio chega ao confronto físico.

Parece um quadro simples e evidente de luta entre dois pêndulos que, batendo um no outro, oscilam cada vez com maior força. Ao eclodir a guerra ou a revolução funcionam muitos fatores, mas o objetivo é o mesmo. Primeiro se diz às pessoas que elas vivem mal. Com isso todos concordam rapidamente – a primeira proposição do pêndulo foi aceita. Depois se encontra a explicação que as pessoas são impedidas por outras de viver melhor. Isso evoca indignação – o pêndulo ganha amplitude. Em seguida vem a provocação de um ou de outro lado, o que evoca uma tempestade de indignação, o pêndulo reuniu forças, e é possível começar a guerra ou a revolução. Cada golpe do pêndulo gera reação, fortalecendo ainda mais a oscilação. Acontece uma transição tipo lava para a linha de vida na qual a tensão aumenta.

A situação pode ser mudada somente bem no início, depois já sai fora do controle. No momento inicial da evolução da espiral, se na

primeira apresentação do pêndulo você reage pacificamente ou simplesmente se afasta de lado, o pêndulo desaba ou se apaga, conseqüentemente a passagem para uma nova volta, ou seja, para outra linha, não acontece. Se, no entanto, você aceitar a oscilação do pêndulo, a frequência da vibração do participante se transfere, pelos parâmetros, para a linha da nova volta da espiral.

Infelizmente, se um só participante dos acontecimentos não reagir ao pêndulo, isso ainda não garante que ele não será sugado para a guerra ou a revolução. Se ele cair num redemoinho poderoso, então por mais que tente, é quase impossível sair fora. No entanto, mesmo se cair nos aborrecimentos do jogo do pêndulo, ao menos ganha chances adicionais de permanecer vivo e sair com perdas mínimas. Então só é preciso imaginar bem o que significa aborrecimentos da guerra ou da revolução. Você pode detestá-la ou lutar ativamente. Para o pêndulo não importa se você é contra ou a favor. Ele recebe a energia não importa o sinal, negativo ou positivo. Se a energia vibrar na frequência da guerra, acontece a transferência para esta linha. Você aceita a guerra, participa nela – você está no campo de batalha. Você luta contra a guerra – ela o engole mesmo assim.

Não aceitar o pêndulo significa ignorá-lo. É claro que ignorar nem sempre dá certo, e é nisso que consiste o perigo da passagem induzida. Pelo menos não se deve assumir a posição nem de apoiadores nem de opositores da guerra. Em todas as épocas existiam governos neutros, os quais, ficando de lado, observavam como nações inteiras destroem-se umas às outras. Preste atenção às demonstrações e reuniões onde as pessoas protestam furiosamente contra ações de guerra. Para o pêndulo que tenta iniciar a luta com seu adversário, estas oferecem adeptos tão dedicados e desejados como o são os adeptos da luta. O protesto ativo é a consequência mais natural da guerra, embora adeptos

ingênuos estejam convencidos do contrário. Proposições pacíficas e a descoberta do rosto escondido e dos motivos do pêndulo são ações que apagam a guerra. Lembre-se da alegoria da colmeia de abelhas selvagens? O pêndulo declara aos seus adeptos que as abelhas são perigosas por isso é preciso destruí-las. Mas do que de fato precisa o pêndulo? Talvez o mel delas?

Desemprego

Como já falamos, participar do jogo do pêndulo destrutivo pode ser feito de diversas maneiras, tanto apoiando quanto se opondo. A segunda opção é mais perigosa pois o desejo de evitar o confronto com o pêndulo cria potencial excedente que atrai para dentro do redemoinho da passagem. Perder o emprego é temido por quase todos. A passagem induzida para a rua é muito terrível. Começa tudo do pequeno e bem inofensivo. Esse pode ser um fraco primeiro sinal: com a beira da orelha você ouviu que os negócios na sua empresa não vão tão bem como antes. Ou alguém de seus conhecidos perdeu o emprego, ou correm boatos de que em algum lugar há indício de redução de gastos, ou algo desse tipo.

No nível subconsciente, imperceptível para você, acendeu-se uma lâmpada vermelha. Segue outro sinal, por exemplo, a subida vertiginosa da inflação. Isso já o deixa de sobreaviso, e os ao seu redor também. Começam conversas, e o pêndulo dos desempregados recebe um suprimento de energia. Aí aparecem notícias da oscilação das ações, a tensão coletiva aumenta. A intranquilidade rapidamente dá lugar à angústia e em seguida passa ao medo. Você gera profusa energia na frequência da linha de vida na qual se vê sem emprego.

Quando você carrega dentro de si o medo de se encontrar na lista dos demitidos, pode acreditar que isso é tão visível como se tivesse pendurado em seu pescoço um cartaz “Vocês podem me demitir”. Se você acha que pode ocultar este medo, está muito enganado. Gestos sutis, entonações na voz às vezes falam mais do que palavras. Ao perder a autoconfiança, você já não é um trabalhador tão eficiente quanto antes. Aquilo que antes lhe era fácil, agora não gruda. Na relação com seus colegas de trabalho aparece tensão, pois eles também estão na mesma situação. O nervosismo você transmite para a família e lá, em vez de apoio, você recebe acusações. O estresse vai aumentando e você já não é mais um trabalhador, no seu peito pende um cartaz: “Pronto para se despedido”.

A razão do medo de ser demitido é moldada no sentimento de culpa, que medra ou arde como um forte fogo no seu subconsciente. Quem será demitido em primeiro lugar? Os piores. Se você se permitiu achar que pode ser pior que os outros, você mesmo se colocou na lista negra. Recuse o sentimento de culpa. Permita-se a beleza de ser você mesmo. E se não der, comece o processo de buscar outro emprego. O potencial excedente dos sofrimentos se dissipa com ação. Algumas pessoas começam a busca de um novo emprego imediatamente após conseguirem um emprego. Elas o fazem não porque pretendem trocar imediatamente o novo emprego. O seguro instala a segurança de que em qualquer caso existe uma variante de reserva. Se você está tranquilo quanto ao seu futuro, a ação das forças equilibradora não o tocará.

Epidemia

Você deve pensar agora: não dá para falar de linhas de vida quaisquer, a pessoa adoece por ter sido contaminada. E você terá razão, mas somente no que a pessoa se permitiu ser contaminada. Eu não quero dizer que o doente deveria andar com uma máscara, isso não o salvaria. Não acredita? Eu não tenho como provar isso apenas com argumentos, como tudo de que se fala nesse livro. Mas você também vai deixar de andar com uma máscara durante uma epidemia de gripe só para testar? Por isso eu simplesmente vou falar o que eu sei, e acreditar ou não é problema seu.

Então, vamos abrir a história da doença. A causa do adoecimento é a sua concordância voluntária em participar do jogo que se chama “epidemia”. Tudo começa dos boatos de que a epidemia, digamos, da gripe já grassa em algum lugar. Todas as pessoas normais sabem que a gripe é facilmente transmitida por gotículas aéreas, portanto, você como toda pessoa normal, admitirá plenamente a ideia de que isso pode acontecer com cada um de nós. Na sua cabeça imediatamente passa o filme: você está com febre, você espirra e tosse. A partir desse instante você já ingressou no jogo, porque vibra a energia mental na frequência do pêndulo destrutivo.

Você subconscientemente já procura a confirmação de que a epidemia está chegando, e sua atenção passa a funcionar seletivamente. Ao redor se encontram pessoas espirrando. Elas existem sempre, só que antes você não prestava atenção. No trabalho e em casa de vez em quando alguém começa a falar sobre o tema. Sua suposição de que a epidemia está chegando encontra novas confirmações, mesmo se você não procura especificamente a confirmação e o tema não o incomoda muito. Isso ocorre por si só.

Se você desde o início do jogo se sintonizar com a frequência do pêndulo destrutivo, seu apego a ele se tornará cada vez mais forte, independentemente de sua participação consciente. Mas se você

não está a fim de adoecer ou está sintonizado contra, quer dizer que você já é um adepto um tanto ativo do pêndulo. Ou então, você resolveu não adoecer e tenta se convencer de que está totalmente saudável e não vai adoecer. Nada vai acontecer. Você pensa sobre a doença, quer dizer, vibra na frequência da doença. O direcionamento dos pensamentos a favor ou contra não tem importância. Em outras palavras, se você tenta se convencer de que não vai adoecer, então já admite tal possibilidade e nenhum convencimento vai ajudar.

Palavras pronunciadas em voz alta não passam de agitação do vento, palavra em si não é nada, e a crença é uma energia poderosa embora inaudível. Você não se salvará mesmo se correr para tomar vacina. De qualquer jeito adoecerá de uma forma ou de outra. O primeiro sintoma da doença o coloca diante da pergunta: você vai adoecer afinal ou não? Você se opõe debilmente e se conforma com a doença. Isso introduz definitivamente correção em sua vibração e você se transfere para a linha de vida na qual a doença corre seu curso pleno.

Passagem induzida começou no instante em que você aceitou o pêndulo. Se você de fato é indiferente a essa epidemia, não haverá passagem. Ou se você estiver de férias, não se relaciona com ninguém, não ouve notícias e não sabe nada sobre a epidemia, o pêndulo não vai tocar você. Ele simplesmente desaba no vazio.

Você não ficou se perguntando por que os médicos não são contaminados por seus doentes? Muitos até trabalham corajosamente sem máscaras. Isso não é porque eles tomaram vacinas. Não há como se vacinar de todas as doenças. O caso é que os médicos também jogam ativamente o jogo do pêndulo da doença, mas o papel que lhes é reservado é bem outro. Por analogia observe quando puder os atendentes num voo de avião.

Essas fadas bondosas recomendam a todos que apertem seus cintos de segurança, mas elas mesmas voejam como se, no caso de necessidade, pairassem no ar como beija-flores.

“Ora, e quanto aos bebês de colo, contaminados com CPID? Pergunta o leitor atento. Eles também vibram a energia da passagem?” Em primeiro lugar, aqui estamos analisando a questão da epidemia como tendência. Em segundo lugar, eu não estou tentando provar que não haja nenhuma contaminação, mas apenas vibração de energia mental na frequência da doença. Transurfing não é dogma nem instância derradeira da verdade. Não se deve levar ao absoluto nenhuma ideia. É possível apenas se conscientizar das leis que regem. A verdade está sempre “em algum lugar lateral”, mas onde exatamente, não se sabe.

Pânico

Essa é uma passagem induzida bem interessante e rápida. O pânico sublinha de forma bem contrastante todas as suas características. Primeiro, as voltas da espiral acontecem com bastante tenacidade, porque o sinal quanto ao perigo real sempre soa convincente e a pessoa imediatamente se liga no jogo do pêndulo destrutivo. Pela mesma razão o crescimento das oscilações do pêndulo acontece muito rápido, praticamente como avalanche.

Em segundo lugar, a pessoa perde quase totalmente o controle sobre si mesma, ou seja, torna-se adepto sensível e ao mesmo tempo propagador ativo das oscilações do pêndulo. E por fim o próprio pêndulo encontra materialização ideal na multidão. Infelizmente, todos esses fatores dificultam a tarefa de derrubá-lo ou apagá-lo. A pessoa, nesse momento, nem pensa nas vantagens de lutar contra eles.

Mas se você se domina e não se entrega ao pânico, há grandes chances de salvar sua vida e dos seus. Por exemplo, num navio que está naufragando sempre acontece tumulto diante de alguns barcos salva-vidas, ao mesmo tempo em que ao lado outros barcos continuam vazios. Basta um instante para olhar ao redor. Nisso é que consiste a qualidade negativa da passagem induzida, pois funciona como funil, sugando tudo que toca.

Miséria

Se raciocinar claramente, como é possível uma pessoa simples enriquecer, tendo nascido na favela? Não vamos examinar o caminho criminoso nem histórias bonitas sobre milionários. Portanto, argumentação baseada no bom senso não nos levará a lugar algum. Então qual é a utilidade da lógica comum? Transurfing não se encaixa nos moldes do bom senso, mas permite fazer aquilo que parece impossível.

Agindo logicamente, as pessoas obtêm o resultado correspondente. Se a pessoa nasceu na miséria, está no ambiente da pobreza, acostumou-se com isso e está sintonizado com a vibração energética na frequência da linha de sua vida de pobre. Passar para a vibração da linha de sua abundância é muito difícil, se você tem apenas ódio por sua pobreza, inveja dos ricos e o desejo de você mesmo se tornar abastado. Ou não, eu diria, que tendo em vista apenas essas três coisas, passar para a linha de sua riqueza é praticamente impossível. Vamos entender porquê.

Certamente uma das primeiras descobertas de todas as crianças entrando na vida é o fato: se você não quer algo, isso ainda não significa que será liberado desse algo. Às vezes sai um grito de desespero do fundo da alma: “Mas eu não quero isso! Eu odeio isso!

Por que isso não me deixa em paz? Por que isso sempre acontece comigo?”

Tal pergunta no rasgo da indignação se fazem não apenas as crianças, mas também os adultos. De fato é difícil fazer as pazes com tal situação, em que se você não quer algo, esse algo acontece assim mesmo, mas se você o odeia, então esse algo o persegue inexoravelmente. É possível odiar a sua pobreza, o seu trabalho, os seus defeitos físicos, vizinhos, mendigos na rua, alcoólatras, narcóticos, cachorros, ladrões, bandidos, juventude perversa, governo... Quanto mais forte você o odiar, tanto mais disso você encontra na vida. E você já sabe porque. Isso o captura, você pensa nisso, ou seja, vibra na frequência da linha de vida na qual o objeto da sua insatisfação está presente em excesso. Não importa qual é o polo da vibração: “agrada” ou “desagrada”. O segundo é mais eficiente ainda porque suas emoções são mais fortes. Por outro lado, aquilo que não lhe agrada é para você um pêndulo destrutivo, e por isso você o faz oscilar ainda mais com seus sofrimentos. E por fim, se você odeia ativamente, cria potencial excedente. As forças equilibradoras serão dirigidas contra você porque lhes é mais fácil afastar um oponente do que mudar o mundo que não abarca alguém. Imagine quantos fatores nocivos jazem na relação negativa com a vida.

Voltemos à pessoa que nasceu na pobreza. Ela sonha se tornar rica. Mas o desejo somente, como se sabe, nada muda. Você pode se esparramar no sofá e preguiçosamente entoar: “Nada mal seria um pratinho de morangos. Mas onde obtê-los, pois é impossível agora já que estamos no inverno”. É assim que um pobre sonha enriquecer.

Se a pessoa não está pronta a agir para obter o que deseja não o obterá. Mas ela não está funcionando a partir da convicção de que

não vai dar certo nada mesmo. O círculo é assim, fechado. O desejo não tem força alguma. Ele não pode mover um dedo sequer. Isso é feito pela intenção, ou seja, a decisão de agir. A intenção engloba a prontidão para ter. A pessoa pode dizer: “Ora, isso ninguém tira de mim! É tão fácil, pois eu quero ser rico!”

Não. Novamente entre “querer” e “estar pronto para se tornar” jaz um abismo profundo. Por exemplo, o pobre se sente “peixe fora d’ água” em ambiente rico ou numa loja de coisas caras, mesmo que se esforce para convencer a si e os outros do contrário. No fundo da alma ele acha que não merece tudo isso. A riqueza não entra na zona de conforto do pobretão não porque ser rico seja desconfortável, mas sim porque ele está longe de tudo isso. A poltrona nova é muito confortável, mas a velha é mais confortável ainda.

O pobre conhece apenas o lado externo da riqueza: casas formosas, carros luxuosos, decorações, clubes... Se colocarmos o pobre num ambiente assim ele sentirá desconforto. E se lhe dermos uma mala de dinheiro, ele passará a cometer variadas tolices e no final perde tudo. A vibração energética que ele emite se encontra em aguda dissonância com tal vida. E enquanto o pobre não deixar os atributos da riqueza ingressarem na sua zona de conforto, enquanto não aprender a se sentir dono de coisas caras, ele permanecerá pobre, mesmo se encontrar um tesouro.

Outro obstáculo no caminho para a riqueza é a inveja. Sabe-se que invejar significa lamentar a sorte do outro. Nesse sentido nada de construtivo há nesse sentimento, mas há um elemento destrutivo muito forte. A psicologia da pessoa é constituída de tal forma que se ela inveja aquilo que gostaria de ter, então tenta desvalorizar isso de tudo quando é jeito. Essa é a lógica da “inveja escura”: “Eu invejo aquilo que ele tem. Eu não tenho isso e nem terei. Mas no que sou

pior que ele? Quer dizer que aquela coisa que ele possui é ruim, e não preciso dela”.

Assim o desejo de ter se torna defesa psicológica e em seguida se transforma em aversão. Aversão caminha numa linha muito tênue pois no subconsciente tudo é entendido literalmente. A consciência deprecia o objeto de ódio somente na aparência, para se tranquilizar, mas o subconsciente leva tudo a sério. E aqui ele presta um serviço de onça, dividindo você para não receber aquilo que foi depreciado e rejeitado.

Dessa maneira você vê que forças poderosas mantêm a pessoa na linha de vida pobre. De forma mais dramática ainda se desenvolvem acontecimentos na passagem induzida da linha de vida abastada para a pobre. Acontece que uma pessoa bem sucedida perde tudo e acaba na rua. Toda a maldade da passagem induzida para a pobreza se revela em que a espiral da pessoa se desenrola primeiro devagar, imperceptivelmente, e depois com mais impulso de forma que não dê mais para detê-la.

Essa espiral começa nas dificuldades financeiras temporárias. Você nota que dificuldades financeiras temporárias todos podem ter sempre. É algo comum e inevitável como a chuva no dia em que você planejou ir a um piquenique. Se você não cair por causa disso na raiva, na depressão, na perturbação ou ficar magoado com a vida, então a oscilação do pêndulo destrutivo, ao não ter recebido nutrição, se apagam. A passagem induzida começa no caso em que você agarrou a ponta da espiral. Para rodar a espiral é necessária a sua reação ao pêndulo destrutivo.

A primeira reação sua é insatisfação. Para o pêndulo isso ainda é um apoio muito fraco e se nisso suas emoções esvaziarem, ele se apaga. Outra reação é a indignação, e isso já é mais forte, e o pêndulo se anima e lhe manda informação de que alguém é culpado

por suas dificuldades financeiras. A esse novo golpe você reage com respostas negativas ou ações endereçadas aos culpados. Nesse instante, o pêndulo destrutivo já se animou totalmente e começa uma nova volta da espiral: você recebe um pagamento menor ou os preços sobem, ou lhe exigem que você pague uma dívida.

Preste atenção, numa dada etapa você ainda não percebe que algum processo está acontecendo. Simplesmente pode parecer que aconteceu um infortúnio. De fato isso é um processo dirigido que você mesmo induz, reagindo às oscilações do pêndulo. A frequência da sua vibração energética vai se transferindo da linha na qual você é bem sucedido para a linha na qual você é destituído e indignado. Por isso você se transporta para a linha coerente com esses novos parâmetros.

E agora a sua situação piora cada vez mais. De todos os lugares chegam notícias ruins: os preços crescem, os negócios na empresa familiar vão mal. Você passa a discutir ativamente essas notícias negativas com os conhecidos e familiares. As discussões acontecem em tom destrutivo, ou seja, na forma de queixas, indignações e agressão endereçadas aos supostos culpados. De forma especialmente intensa isso se revela nos empreendimentos onde os negócios estão mal mesmo. Lá o dia começa do postulado de que “não há dinheiro”, como oração matutina.

Nessa etapa você já está totalmente capturado pela espiral, sua vibração está sintonizada com a frequência do pêndulo destrutivo. Como os negócios vão cada vez pior, você é assolado pela preocupação. A energia da preocupação, apesar de seu tamanho não muito grande, é muito bem apreendida pelo pêndulo, e ele se torna cada vez mais malvado. Nessa situação você criará inevitavelmente ao redor de si potenciais excedentes: insatisfação,

agressividade, depressão, apatia, mágoa e assim por diante. Agora, quando se ligam ao pêndulo destrutivo forças equilibradoras, a situação se descontrola e começa a crescer como avalanche. Você sente medo e cede à angústia.

É como se alguém o tivesse pego pelas mãos e rodopiado, e depois o largasse repentinamente. Você foi arremessado de lado, caiu e ficou deitado em estado de choque. Quadro assustador. E tudo começou de pequenas dificuldades financeiras. O pêndulo não precisa de seu dinheiro, lhe interessa a energia negativa que você emite quando o dinheiro sai nadando para longe de você. No final, quando a espiral se desenrolou, o infeliz, no melhor dos casos perdeu muito, e no pior, tudo. Para o pêndulo destrutivo ele já não interessa, não há mais nada para tirar dele. Acontecimentos seguintes podem se desenvolver diferentemente: o infeliz ou permanece deitado na linha de vida mal sucedida ou começa a sair com esforço. Tal passagem induzida pode acontecer com uma pessoa só ou com um grupo grande de pessoas. No segundo caso, como você entende, isso não é espiral, mas um redemoinho voraz do qual é muito difícil sair.

O único recurso para evitar a passagem induzida é não agarrar a ponta da espiral, não entrar no jogo do pêndulo destrutivo. Não basta simplesmente saber como funciona esse mecanismo. É preciso sempre se *lembrar* dele. O seu Guardião não pode dormir. Solte-se toda vez que, por hábito ou em sonho, você aceita o jogo do pêndulo, ou seja, expressa insatisfação, indignação, revela preocupação, participa de discussões destrutivas e assim por diante. Lembre-se: tudo que evoca em você reação negativa é consequência das ações provocantes dos pêndulos destrutivos. No sono acontece exatamente assim: enquanto não perceber que é sonho, você é marionete num jogo alheio e pode ser perseguido por pesadelos. Basta você acordar, afastar a inundação, perceber qual é

o jogo que está acontecendo, que você passa a ser senhor da situação e não será vítima das circunstâncias, enquanto todos ao redor andam como zumbis.

Resumo

Cada um cria uma camada de mundo separada, na qual vive.

O mundo das pessoas consiste de camadas diferentes, deitadas umas sobre as outras.

Ao emitir energia negativa, você mesmo piora a camada do seu mundo.

A agressão, equivocadamente, é tida como força, e a insatisfação como reação normal.

A resposta a acontecimento negativo induz a passagem para linhas de vida negativas.

A passagem induzida introduz o acontecimento negativo na camada da pessoa.

Não permita o ingresso na camada de seu mundo qualquer informação negativa.

Não permitir – significa não evitar, mas ignorar intencionalmente, não se interessar.

VI

Fluxo das variantes

De onde surgem pressentimentos, intuição, previsões, descobertas e também obras primas da arte? É a mente humana que cria e constrói? O fluxo das variantes é um presente maravilhoso para a mente, mas o ser humano nem desconfia disso. E o que são “sinais” e por que funcionam?

Quando você se move com a corrente, o mundo vai ao seu encontro.

Campo de informação

O espaço das variantes representa o campo de informações, ou matriz energética – *modelo daquilo o que e como deve ser*. Quando a energia sintonizada com um setor determinado da matriz, “o abençoa”, então o modelo realiza-se na forma material. Surge a pergunta: é possível utilizar essa informação enquanto ela jaz em forma não realizada?

Pode-se dizer que nós todos nos ocupamos disso todos os dias. A consciência não sabe ler a informação do espaço das variantes. Mas o subconsciente lida com o campo de informações sem problemas. Exatamente de lá é que chegam os pressentimentos, a intuição, previsões, descobertas, e também obras primas da arte.

A informação ingressa na consciência vinda do mundo exterior como interpretação de dados externos, ou vinda do subconsciente, no nível intuitivo. Os dados inscritos no campo são, a grosso modo, verdade em sua forma pura. Em outras palavras, é informação objetiva e despida de interpretações. Quando a verdade passa pelo filtro da razão, ela se torna interpretação, ou seja, conhecimento. Todos os seres vivos abarcam a verdade pelo filtro de sua interpretação. A galinha vê e entende o mundo diferente do ser humano. Até pessoas diferentes podem ver e entender as mesmas coisas de maneira diferente. Por isso o conhecimento é uma forma um tanto deturpada da verdade.

Os dados no campo informacional são apresentados como uma complicada estrutura energética. Lá está inscrito tudo que obriga a matéria a se movimentar segundo determinadas leis. Primeiro os dados do campo informacional são recebidos pelo subconsciente (alma), depois o consciente (razão) o translitera em descrição usando palavras ou símbolos. Assim nasce uma descoberta ou se cria algo novo: música, obra de arte, ou seja, aquilo que o ser humano pode ver ou reconhecer diretamente. Dessa maneira surgem conhecimentos intuitivos e pressentimentos.

É possível que tudo isso o choque e lhe inspire indignação. Como é que a razão não pode criar por si mesma nada de novo, simplesmente recebe dados do campo informacional? Não é bem assim. A razão pode constituir um objeto novo ou resolver um problema, operando com objetos conhecidos e estruturas lógicas.

Ou seja, a razão pode construir uma casa nova usando tijolos velhos. Obter algo originalmente novo, porém, aquilo que não se pode estruturar do velho, a razão não consegue.

As descobertas originais na ciência chegam não como resultado de raciocínio lógico e sim como vislumbres, como se tivessem vindo do nada. O mesmo acontece com criações geniais. A boa música é composta não com a escolha de notas, mas chega como se fosse por si só. As obras primas de arte são criadas não como resultado de execução técnica profissional, mas nascem da inspiração. Um quadro pintado conforme técnica ideal não necessariamente se torna uma obra prima. Ela se torna obra prima pelo que se encontra além da moldura da execução técnica. A poesia, que abraça sua alma, não é criada em resultado de escolha racional de rimas corretas, mas vem também da mesma fonte, do fundo da alma.

Toda a criação, baseada em inspiração e vislumbres nada tem em comum com a razão. A razão só depois faz dos produtos de tal criação os seus atributos. Por exemplo, a razão pode idealmente copiar uma obra de arte antiga. Mas criar uma nova não é capaz. A razão analisa os dados, obtidos pelo subconsciente do campo informacional, e os apresenta numa interpretação simbólica, em forma de quadro, melodia, pessoa, fórmulas, esquemas e assim por diante.

Por enquanto, não é nos dado saber de que maneira o subconsciente acessa o campo informacional. Podemos apenas ser testemunhas de como esse acesso acontece. Exemplo disso é a clarividência, ou seja, a capacidade de receber acontecimentos do passado ou a acontecer no futuro, ou acontecidos fora do campo de visão do clarividente. Não entendemos o mecanismo de tais fatos e os declaramos paranormais. Os pêndulos da ciência fundamentalista, não querendo expor sua incapacidade, não levam

a sério tais fenômenos. No entanto, o fato de que não os podemos explicar não deixam de ser fenômenos e não se pode simplesmente ignorá-los.

Existem pessoas que veem acontecimentos no campo informacional com a mesma clareza como se estes estivessem acontecendo diante de seus olhos no mundo da manifestação material. Tais pessoas possuem a capacidade de se sintonizar com precisão nos setores realizados no espaço das variantes. Por exemplo, para se sintonizar com o setor de uma pessoa desaparecida, o clarividente precisa olhar sua fotografia ou tocar seus objetos pessoais. Os serviços de tais clarividentes até a polícia às vezes usa.

Nem todos veem com tal clareza, por isso acontecem enganos. Existem duas razões para os enganos. A primeira está relacionada com o fato de que o clarividente se sintoniza com um setor que não foi e nem será realizado. Diversos setores podem, dependendo de sua relativa distância, se apresentarem de maneira intensa ou fraca nos cenários e nas decorações. A segunda razão consiste na interpretação dos dados. Por exemplo, os antigos videntes e profetas, ao observar cenas inusitadas do futuro, interpretavam-nas do seu jeito relativo ao seu nível de conhecimento. Por isso as previsões frequentemente são imprecisas.

Acreditar nisso tudo ou não é escolha sua. Não se esqueça de que o Transurfing é apenas um modelo, que permite utilizar as leis do mundo seu favor, e não descreve a estrutura desse mundo. Transurfing nem é monumento de granito com a inscrição: "Aqui exatamente está enterrado o cachorro". A verdade, com você sabe, está sempre em algum lugar ao lado. A afirmação de que o ser humano seja capaz de sintetizar tudo que é novo com a ajuda de sua razão também é apenas uma proposição. Simplesmente estamos acostumados com esse modelo há muito tempo, e isso é

cômodo. É preciso notar que esse esquema habitual de vida é tão impossível de demonstrar quando o modelo de Transurfing. Se isso acontece assim ou de outra forma para nós, em princípio, não importa muito. O fato consiste em que os dados do espaço das variantes de alguma forma chegam a nós na forma de diversos sinais, visões, vislumbres, marcas e nós devemos na medida do possível entender seu significado.

Conhecimento vindo do nada

Ler claramente dados do campo informacional conseguem apenas personalidades muito poucas e especiais. A maioria recebe apenas ecos desses dados na forma de pressentimentos fugazes e conhecimentos imprecisos. Quem se ocupa com a ciência e a criação recebe inspiração depois de muitos dias ou anos de atividade mental. É difícil descobrir o novo porque é bem mais fácil sintonizar sua frequência mental em setores já realizados do espaço das variantes. O novo original está sempre nos setores não realizados. E como se sintonizar neles? Por enquanto não sabemos.

Quando a busca de uma nova decisão nos setores manifestos não oferece resultado, o subconsciente de alguma forma sai para o setor não manifesto. Tais dados não estão na forma de interpretações simbólicas costumeiras, por isso a consciência os recebe como informação obscura e imprecisa. Se o cérebro conseguir apreender o sentido dessa informação, surge a visão e o entendimento claro.

Nos mecanismos de funcionamento da consciência e do subconsciente há muita falta de clareza e de contradições. Não vamos levantar todos esses problemas, mas olharemos apenas alguns aspectos. Para não nos perder em terminologias e

semântica, para fins de simplicidade chamemos de razão tudo que for ligado ao consciente e de alma, ao subconsciente.

Se a razão entendesse tudo que a alma quer lhe transmitir, a humanidade teria acesso direto ao campo informacional. É difícil imaginar que alturas atingiria a nossa civilização nesse caso. Mas a razão não só não sabe ouvir, como também não quer. A atenção do ser humano está constantemente ocupada com objetos do mundo externo ou com raciocínios e experiências internos. O monólogo interno quase nunca cessa e se encontra sob o controle da razão. E esta não ouve os débeis sinais da alma e autoritariamente afirma o seu. Quando a razão “pensa”, opera com categorias com as quais determinou propriedades de objetos visíveis nos setores manifestos. Ou seja, ela pensa com a ajuda de *definições* estabelecidas: símbolos, palavras, entendimentos, esquemas, regras e assim por diante. Ela tenta dissecar qualquer informação segundo atributos adequados.

Atributos são dados a tudo que está no mundo ao redor: céu azul, água molhada, pássaros voam, tigres são perigosos, o inverno é frio e assim por diante. Se a informação recebida de um setor não manifesto ainda não possui atributos razoáveis, a razão a assume como conhecimento um tanto incompreensível. Se der para trazer novos atributos para esse conhecimento ou explicá-lo dentro dos moldes de velhos atributos, nasce uma descoberta.

Ao conhecimento novo original sempre é difícil atribuir significado. Imagine uma pessoa que pela primeira vez ouviu música. A música é também informação em forma de sons. Quando a razão recebe essa informação, ela sabe, mas não entende. Ainda não possui significado. O entendimento surge depois quando a pessoa ouve a música de várias maneiras e lhe são demonstrados todos os significados e objetos: músicos, instrumentos, notas, canções. Mas

quando a razão ouviu a música pela primeira vez, para ela isso tinha total significado real e ao mesmo tempo mistério inalcançável.

Tente explicar a uma criança pequena a afirmação: “leite branco”. A criança está apenas começando a usar categorias abstratas por isso vai fazer um monte de perguntas. O que é leite, ela entende. E o que significa branco? É cor. E o que é cor? É uma qualidade dos objetos. E o que é qualidade? E o que é objeto? E assim infinitamente. É mais fácil não explicar e sim mostrar objetos de diferentes cores. Então a razão da criança entende o que diferencia os objetos, na categoria abstrata da cor. Assim ele dá definição e significado a tudo que a rodeia, depois pensa, utilizando essas definições. A alma, diferente da razão, não usa significados. Como ela pode explicar à criança que “o leite é branco”?

Desde que a razão começou a pensar com a ajuda de categorias abstratas, o vínculo entre elas e a alma foi se atrofiando. A alma não usa essas categorias. Ela não pensa nem fala, mas sente e sabe. Ela não pode expressar em palavras e símbolos aquilo que sabe. Por isso a razão não pode conversar com a alma. Digamos que a alma sintonizou com um setor não manifesto e soube aquilo que ainda não existe no mundo material. Como ela pode trazer essa informação para a razão?

E ainda a razão constantemente se ocupa com seu falatório. Ela acha que dá para explicar tudo razoavelmente, e controla toda a informação. Da alma chegam apenas sinais nebulosos, que a razão nem sempre consegue determinar com a ajuda de suas categorias. Sentimentos imprecisos e conhecimentos da alma se afogam em pensamentos tonitruantes. Quando o controle da razão dá uma trégua, irrompem para a consciência sentimentos e conhecimentos intuitivos.

Isso se revela como um pressentimento obscuro, que ainda é chamado de voz interior. A razão se distraiu, e nesse instante você tocou sentimentos ou conhecimentos da alma. Isso é *murmúrio das estrelas matutinas* – voz sem palavras, pensamento sem ideias, som sem altura. Você entende alguma coisa, mas de forma obscura. Não pensa, mas sente intuitivamente. Cada um de nós já vivenciou o que é intuição. Por exemplo, você sente que alguém vai chegar agora, ou algo vai acontecer, ou *sabe alguma coisa sem explicações*.

A razão constantemente se ocupa com a geração de pensamentos. A voz da alma literalmente é sobrepujada com essa “batedeira de pensamentos”, por isso o conhecimento intuitivo é difícil de atingir. Se ficar sem pensamentos e simplesmente observar o vazio, é possível ouvir o murmúrio das estrelas matutinas, a voz interior sem palavras. A alma pode encontrar respostas para muitas perguntas, se ouvir essa voz.

Ensinar a alma a se sintonizar propositadamente com os setores não manifestos e obrigar a razão a ouvir aquilo que a alma quer transmitir é bem difícil. Vamos começar do pequeno. A alma tem dois sentimentos bem intensos: conforto e desconforto anímico. A razão possui qualificação para esses sentimentos: “está bem para mim” e “está mal para mim”, “tenho certeza” e “me preocupo”, “gosto” e “não gosto”.

A cada passo na vida é necessário tomar decisões, fazer isso ou aquilo. A realização material se desloca no espaço das variantes, conseqüentemente resulta o que chamamos de nossa vida. Dependendo de nossos pensamentos e ações, realizam-se esses ou outros setores. A alma possui acesso ao campo informático. De algum jeito ela vê aquilo que está na frente, ainda nos setores não manifestos, mas iminentes. Se ela se sintonizou com um setor ainda

não manifesto, ela sabe o que a espera lá: agrado ou desagrado. Esses sentimentos da alma a razão assume como sensações obscuras do conforto ou desconforto anímico.

A alma costuma saber o que a espera. E com voz débil tenta avisar a razão. No entanto, esta mal a escuta ou não dá importância aos nebulosos pressentimentos. A razão está capturada pelo pêndulo, ocupada demais com a solução de problemas e convencida na racionalidade de suas ações. Ela assume decisões de vontade, governando passagens lógicas e bom senso. No entanto, sabe-se muito bem que elucubrações racionais não garantem a decisão certa. A alma, diferente da razão, não pensa, ela sente e sabe, por isso não erra. Quão frequente as pessoas se darem conta, tardiamente: “Ora eu sabia que isso não ia dar em nada de bom!”

A tarefa consiste em aprender a determinar o que a alma diz à razão no instante da tomada de decisão. Fazer isso não é tão difícil. Indispensável apenas ordenar ao seu Guardião que preste atenção na situação de conforto da alma. Eis que você toma uma decisão qualquer. A sua razão está totalmente tomada pelo pêndulo ou pela solução do problema. Para ouvir o murmúrio das estrelas matutinas basta simplesmente se *lembrar* a tempo de que você precisa prestar atenção ao estado de sua alma. Isso parece trivial, até desinteressante. Mas é assim. A questão é apenas *prestar atenção* aos seus sentimentos. As pessoas tendem mais a confiar nas conclusões racionais do que nos seus sentimentos. Por isso as pessoas desaprenderam a prestar atenção ao estado do conforto anímico.

Eis que você perpassa mentalmente uma das variantes da decisão. A razão nesse instante governa não com os sentimentos, mas com raciocínios sonantes. A razão, nesse instante, nem tende a aceitar quaisquer sentimentos. Caso você tenha conseguido se *lembrar*,

preste atenção no que você *sente*. Algo o põe em guarda, preocupa, inspira precaução ou não agrada? Eis que você tomou uma decisão. Ordene à razão silenciar por um instante e se pergunte: “Você se sente bem ou mal?”. Agora se incline à outra variante da decisão e novamente se pergunte: “Você se sente bem ou mal?”

Se você não tem uma sensação nítida, quer dizer que a sua razão ainda ouve muito mal. Deixe que o seu Guardião o obrigue com maior frequência a prestar atenção ao estado de seu conforto anímico. Mas pode ser que a própria resposta à sua pergunta não seja nítida. Nesse caso não se pode apoiar em dados tão indefinidos. Resta agir como a razão manda. Ou simplificar a pergunta.

Se você conseguiu uma resposta certa “sim, eu me sinto bem” ou “não, eu me sinto mal”, quer dizer que você ouviu o murmúrio das estrelas matutinas. Agora você sabe a resposta. Isso não significa que você vai agir de acordo com os ditames de sua alma. Nem sempre temos autonomia nas nossas atitudes. Mas, pelo menos, você saberá o que se pode esperar no setor não manifesto.

Pedinte, magoado e guerreiro

Existem duas condutas limítrofes nas situações de vida: nadar com a corrente, como um barquinho de papel sem vontade, ou remar contra a corrente, teimosamente insistindo no seu jeito.

Se a pessoa simplesmente não faz nada, não demonstra iniciativa, não quer chegar a lugar algum, simplesmente existe, a vida a dirige. Nesse caso a pessoa se torna marionete dos pêndulos, e eles determinam seu destino segundo seu próprio entendimento. Ocupando tal posição, a pessoa se recusa a escolher seu destino.

Sua escolha consiste em que ela está condicionada: o que deve ser será. Concordando com tal situação, a pessoa afirma que não dá para fugir do destino. E ela tem toda a razão, conquanto no espaço para ela existe tal variante. Depois dessa escolha resta à pessoa apenas queixar-se do destino e contar com as forças superiores.

Após entregar seu destino nas mãos de outros, a pessoa anda pela vida por dois caminhos. Ao mover-se pelo primeiro, pode conformar-se e *pedir* esmolas para viver, dirigindo-se com suas súplicas ou para o pêndulo ou para forças superiores quaisquer. Os pêndulos obrigam o Pedinte a trabalhar, e a vida toda ele curva as costas, recebendo poucos recursos para a sobrevivência. O pedinte evoca ingenuamente as forças superiores, mas elas nem se importam com ele.

O pedinte tira de si a responsabilidade por seu destino, dizendo: “tudo acontece pela vontade de Deus”. E se for assim, basta pedir bem e Deus misericordioso o dará. “Montanhas e planícies! Rios e mares! Oh, terra! Eu me inclino perante sua majestade! Sou pleno de fé e devoção. Eu creio que vocês me ajudarão a comprar o meu jornal da manhã!” Ora, exagerei? Nem um pouco, porque para as majestosas forças superiores o jornal da manhã, o palácio, não são diferentes, tudo é possível. Quer dizer que eu pedi errado! Ora, continue pedindo então.

Eis uma piada russa: o camarada está deitado no sofá e reza: “Senhor, me ajude a enriquecer. Ora o Senhor pode tudo! Eu creio em seu poder! Eu espero sua benevolência!” E o Senhor, com tristeza: “Cara, pelo menos compre um bilhete de loteria!” Eis uma posição confortável: tirar de si a responsabilidade e ao mesmo tempo agitar-se em sua importância interna. Onde está ela? A pessoa imaginou-se figura tão importante que supõe que Deus, diante de todo seu poder e misericórdia, vai se ocupar com o seu

bem estar. Deus já deu muito para o ser humano com a liberdade de escolha, e o ser humano, por causa de sua infantilidade não quer aceitar esta dádiva e fica sempre insatisfeito.

A infantilidade encontra sua justificativa em que no caminho ao objetivo surge um monte de obstáculos. Algo sempre perturba o ser humano. O que perturba são as forças equilibradoras e os pêndulos, que aparecem em consequência dos potenciais excedente de importância criados por ele mesmo. Resulta que, como na brincadeira infantil: “Gansos, gansos!” – “Ga-ga-ga!” – “Querem comer?” – “Sim-sim-sim!” – “Então venham voando!” – “Não podemos! O lobo cinzento espreita e não nos deixa ir para casa!” (brincadeira infantil russa tipo esconde-esconde).

Se a pessoa não quer o papel de Pedinte, pode escolher o segundo caminho: assumir o papel de Magoado, ou seja, expressar insatisfação e exigir aquilo que é *seu de direito*. O magoado causa mais prejuízo ao destino com suas pretensões. Para dar um exemplo, contemos outra alegoria. A pessoa chega a uma galeria de arte, não gosta da exposição, e se considera no direito de expressar sua insatisfação. Começa a bater os pés, ameaçar, exigir e destrói tudo à sua volta. Certamente depois disso vem o castigo. A pessoa se magoa mais ainda e continua a se indignar ativamente: “Como é possível! Eles deveriam fazer o possível e o impossível para me agradar!” Nem lhe ocorre que ela não passa de *visita* neste mundo.

Do ponto de vista do Transurfing, esse e o outro caminho parecem absurdos. Transurfing sugere um caminho totalmente diferente: *não peça nem exija, mas vá e pegue*.

O que há de novo nisso? Ora assim age a pessoa que fez outra escolha: meu destino está em minhas mãos. Ela começa a lutar com o mundo por um lugar ao sol. Ocupando uma posição radical, a pessoa guerreia com os pêndulos, é atraída para a concorrência,

abre caminho com os cotovelos. A vida, portanto, é tudo *luta* para sobreviver. A pessoa escolheu a luta, e essa variante também existe no espaço.

Você e eu já sabemos que tanto o conformismo quanto a insatisfação o puxam para a dependência dos pêndulos. Lembre-se da matéria do capítulo sobre os potenciais da importância, e tudo lhe ficará claro. O suplicante cria potencial de sua culpa e voluntariamente se entrega nas mãos dos manipuladores. Aquele que pede já pressupõe antes que ele é condenado a pedir e esperar, pode ser que lhe darão. O magoado cria potencial de insatisfação, vira contra si forças equilibradoras e ativamente estraga o seu destino.

O guerreiro, tendo escolhido a luta, ocupa uma posição mais produtiva, mas sua vida é difícil e lhe tira muitas forças. Por mais que ele resista, apenas se enreda mais ainda na teia. Ele acha que está lutando por sua liberdade, mas de fato apenas desperdiça sua energia. De vez em quando ele consegue uma vitória. Mas a que preço! A vitória é exposta para a observação geral e todos por sua vez se convencem de que os louros se conseguem de maneira nada fácil. Assim se cria e se fortalece a opinião geral: para alcançar qualquer coisa, é preciso esforçar-se com tenacidade ou lutar corajosamente.

A opinião geral na verdade é formulada pelos pêndulos. Os potenciais da importância servem de alimento para os pêndulos. O objetivo é difícil de alcançar, a importância é externa. Ela pode ser alcançada apenas pelos indivíduos que possuem qualidades excepcionais, importância interna. No caminho para o objetivo, a pessoa será roubada de tudo. É possível que lhe permitam chegar até o final. E ela ficará muito contente, sem entender que gastou

energia não tanto para o próprio objetivo, mas para a luta dos pêndulos.

Resulta por exemplo o seguinte quadro. A pessoa precisa ir ao seu objetivo atravessando uma multidão de pedintes. Todos berram, impedem o caminho, agarram-na pelas mãos. A pessoa tenta justificar-se, desculpar-se, dar dinheiro, empurrar, abrir caminho, brigar. Finalmente com muito esforço chega ao seu objetivo. A energia gasta para alcançar o objetivo compõe uma pequena parte e foi destinada para *trocar de pé, dar passos*. A restante massa de energia foi gasta na luta com os pedintes insistentes.

Ao romper os cordões dos pêndulos, a pessoa obtém liberdade. Os pedintes a deixarão em paz e se ligarão em outras pessoas. Como você lembra, para libertar-se de pêndulos, é indispensável recusar a importância interna e externa. Se você fizer isso, os obstáculos no caminho do objetivo simplesmente se afastarão por si. Então você poderá *não pedir, não exigir nem lutar, mas simplesmente ir e pegar*.

Agora surge a pergunta: como entender a frase “ir e pegar” e o que é preciso fazer para isso? O resto do livro é dedicado a esta pergunta, e logo você vai saber de tudo. Por enquanto descrevemos a estratégia geral da escolha de seu destino. Os papéis do Pedinte, do Magoado e do Guerreiro não nos servem. Qual papel designa o Transurfing ao dono do seu destino no jogo que se chama vida? Essa é a sua lição de casa, leitor.

Por enquanto vamos analisar características táticas da conduta nas situações de vida.

Movimento a favor da corrente

O Suplicante e o Magoado nadam involuntariamente na corrente da vida. O Guerreiro, ao contrário, tenta lutar com essa corrente. É claro que não existem tipos puros dessas pessoas. Cada um de nós de vez em quando assume esse ou aquele papel em grau maior ou menor. Ao desempenhar esses papéis, a pessoa funciona quase ineficientemente. Mas se não se pode nem lutar, nem nadar na corrente, o que resta?

Acima dissemos que a razão dita autoritariamente sua vontade, baseada no bom senso. Muitas pessoas discutem inteligentemente e ao mesmo tempo não conseguem de modo algum resolver seus problemas. Qual é a utilidade desse bom senso? A razão não pode garantir uma solução esperada. A razão acha que raciocina inteligentemente, mas de fato só coaduna com os Pêndulos. Nem se pode falar de qualquer liberdade de movimento, enquanto a pessoa se colocar no papel de Suplicante, Magoado ou Guerreiro. Mesmo o Guerreiro não tem mais liberdade de fazer a sua vontade do que um barquinho de papel.

Como se movimenta pela corrente da vida o Guerreiro? Os pêndulos provocam-no para a luta, e ele rema contra a corrente, sem entender que é mais fácil e mais vantajoso *aproveitar-se* da corrente. A razão foi capturada pelo pêndulo, mas o Guerreiro está decidido e assumindo decisões voluntárias, bate os braços com toda a força quando poderia fazer movimentos tranquilos de natação.

Agora imagine que você não se opõe à corrente e não introduz nela ondulações extras nem nada involuntariamente, como um barquinho de papel. Você se move deliberadamente em concordância com a corrente, percebe os bancos de areia diante de você, os obstáculos, locais perigosos e somente com movimentos de natação conserva a direção escolhida. O timão está em suas mãos.

É possível observar a vida como uma corrente? E por que não se pode nem nadar involuntariamente nem se opor à corrente? Por um lado a informação está no espaço das variantes de forma estacionária, como matriz. Mas ao mesmo tempo a estrutura da informação está organizada em cadeias de vínculos de causa e efeito. Os vínculos de causa e efeito geram *correntes de variantes*. Sobre essa corrente vamos falar.

A principal causa pela qual não se deve se opor ativamente consiste em que com isso se gasta inutilmente e de forma prejudicial um monte de energia. Mas é possível confiar na corrente de variantes? Pois esta pode levar não só para uma lagoa tranquila, mas também para uma queda de água. Exatamente para evitar aborrecimentos você deve corrigir com ações suaves o seu movimento. É claro que para o início é necessário escolher corretamente a direção geral dessa corrente. A direção se estabelece pelo objetivo escolhido e a maneira de alcançá-lo. Uma vez escolhida a direção, deve-se confiar ao máximo na corrente e não permitir movimentos bruscos.

Cada um representa a direção geral de sua corrente. Por exemplo, agora eu estudo, depois encontro trabalho, constituo família, avanço pela escada da carreira, construo minha casa e assim por diante. Muitos cometem em seu caminho um monte de erros e lamentam ao olhar para trás. Mas já não dá para consertar nada, o negócio já foi feito. A corrente se desviou bastante do objetivo desejado. O bom senso não salva. Resta apenas lamentar, “Se eu soubesse onde cairia, teria forrado com palha”.

Cada um quer saber o que o espera depois da esquina. Nem todos se voltam seriamente aos adivinhos e astrólogos, mas muitos se interessam pelo menos por curiosidade. Um prognóstico astrológico otimista ou previsão acende uma centelha de esperança. E é possível recusar prognósticos indesejados. O modelo de Transurfing

não entra em contradição com a astrologia. Os prognósticos possuem uma base real, o espaço das variantes. A astrologia existe não só porque as pessoas têm curiosidade de olhar o futuro. Se a porcentagem de acertos fosse muito baixa, ninguém consideraria previsões efêmeras. No entanto a existência da corrente de variantes de fato permite, apoiando-se em determinadas regras, olhar para os setores não manifestos do espaço. Os cálculos astrológicos, é claro, não podem garantir precisão de cem por cento, como no caso de clarividência.

Cada um decide para si e por si, o quanto se pode confiar nas previsões e nos prognósticos astrológicos. Respeitosamente deixaremos esse tema de lado e vamos olhar que utilidade é possível tirar do conhecimento sobre a existência da corrente de variantes. A principal pergunta consiste em quanto é possível se entregar à corrente se a direção básica for escolhida acertadamente, e porque se entregar a ela.

Como dissemos antes, a razão constantemente se encontra sob a pressão de importância artificialmente criada, por isso ela não pode tomar decisões eficientes. A importância interna e externa é a principal fonte de problemas. A ação das forças equilibradoras se manifesta em forma de obstáculos e redemoinhos no caminho da corrente. Se você se livrar da importância, a corrente passará a um curso mais tranquilo. A questão de se entregar a essa corrente também é uma questão de importância. A importância externa obriga a razão a buscar soluções complicadas para problemas simples. A importância interna convence a razão de que ela pensa bem e toma a única decisão correta.

Se jogar fora a importância, a razão respira livremente, porque se livra da influência dos pêndulos e da pressão de problemas artificialmente criados. A razão poderá tomar decisões mais

objetivas e adequadas. Mas a beleza toda consiste em que a razão, liberta da importância, não vai precisar de intelecto poderoso. É claro que a solução de tarefas cotidianas precisa de raciocínio lógico e do conhecimento e do aparato analítico. Mas para tudo isso se gastará muito menos energia. A existência da corrente de variantes é um belo presente para a razão, porém, ela quase não o usa.

A corrente de variantes já contém em si a solução de todos os problemas. E a maioria dos problemas é criada artificialmente pela própria razão. A razão inquieta experimenta constantemente em si os golpes dos pêndulos e se põe a resolver todos os problemas, tentando manter a situação sob controle. Suas decisões da vontade, na maioria dos casos, são como se debater sem sentido na água. Quase todos os problemas, principalmente os pequenos, se resolvem por si só, caso não se perturbe a corrente das variantes.

O intelecto poderoso não serve para nada se a solução já existe no espaço. Caso não se atrapalhe a corrente das variantes, a solução chegará por si só, e ainda será a solução melhor possível. A qualidade ótima já está na estrutura do campo informacional. A questão é que as relações de causa e efeito geram diferentes *fluxos* na corrente de variantes. Esses fluxos são caminhos mais adequados do movimento de causas e efeitos. No espaço das variantes existe tudo, mas com maior probabilidade se realizam exatamente as variantes ótimas e as menos dispendiosas. A natureza não gasta energia à toa. As pessoas andam nas pernas, e não nas orelhas. Todos os processos procuram ir pelo caminho do menor esforço. Por isso os fluxos de variantes são organizados no caminho da menor resistência. Exatamente neles é que estão as soluções mais ótimas. A razão, capturada pelos pêndulos, funciona segundo seus interesses e constantemente cai fora da corrente. A razão procura encrucas, procura soluções complexas para problemas simples.

Todos esses raciocínios podem lhe parecer muito abstratos. Mas você mesmo pode se convencer na prática quão real é a existência de fluxos. *Isso é de fato um belíssimo presente para a razão.* Em qualquer problema são forjadas as chaves para a sua solução. A primeira chave é movimentar-se no caminho da menor resistência. As pessoas, via de regra, procuram soluções complicadas, porque assumem os problemas como obstáculos, e os obstáculos, como sabemos, devem ser vencidos com muito esforço. É indispensável elaborar o hábito de escolher a variante mais simples de solucionar os problemas.

Todos nós acabamos precisando aprender algo novo ou fazer coisas já conhecidas e habituais. A questão é como fazer ou um ou outro de forma eficiente? A resposta é tão simples que é difícil acreditar em sua funcionalidade: *em relação ao princípio do movimento pela corrente é preciso tentar fazer tudo de maneira mais fácil e leve.*

As melhores variantes de quaisquer ações são organizadas em fluxos. Esses fluxos são constituídos de cadeias de melhores vínculos de causa e efeito. Quando você toma decisão de dar o próximo passo na sua ação, você faz uma escolha do próximo elo da cadeia. Resta determinar qual elo que é elemento do fluxo. O que faz uma pessoa nesses casos? Ela toma uma decisão lógica que, do ponto de vista do bom senso e da experiência cotidiana, parece correta.

A razão assume uma decisão volitiva. Ela acha que é capaz de calcular e explicar tudo. No entanto não é assim, e você mesmo pode confirmar quantas vezes lembrou e constatou tardiamente que poderia ter feito diferente. Não se trata absolutamente de distração ou de insuficiente inteligência. A razão nem sempre pode escolher a variante melhor só porque a cadeia de fluxo nem sempre coincide com determinações lógicas.

Por mais que você se esforce, raramente consegue escolher a melhor variante de ações com a ajuda apenas de conclusões lógicas. A razão, via de regra, se encontra sob pressão do estresse, das preocupações, da depressão ou de atividade exacerbada. Ou seja, a razão é constantemente cutucada pelos pêndulos. Por isso ela sempre funciona de forma tensa e força ataque formal ao mundo externo.

Para escolher o próximo elo da cadeia é preciso apenas livrar-se dos cordões do pêndulo e simplesmente seguir obedientemente este fluxo. É preciso ocupar a posição de equilíbrio e não criar potenciais excedentes. Para não criar potenciais excedentes é necessário cuidar constantemente do nível de importância.

Quando você entrou na situação de equilíbrio com o mundo circundante, siga simplesmente o fluxo. Você mesmo verá muitos sinais que o conduzirão. Largue a situação, torne-se não participante e sim observador. Não escravo nem senhor, e sim simples executor. Ordene ao seu Guardião que o cutuque sempre que sua razão tentar assumir uma decisão “racional” volitiva. Entregue-se à função de executor, e observe de fora o trabalho. *Tudo se torna mais fácil do que parece. Entregue-se a esta simplicidade. A razão é que leva à queda da água, não a corrente de variantes.*

Por exemplo, você precisa encontrar na loja algo necessário. Mas não sabe onde pode consegui-lo. A razão indica a variante mais razoável, porém complicada. Você percorre meio mundo, e no final acaba encontrando o objeto necessário ao lado de sua casa. Se a importância da tarefa fosse menor, a razão não procuraria solução complicada.

Outro exemplo. Diante de você há uma lista inteira de tarefas. O que é prioritário e o que não é? Não precisa pensar. Se a ordem não

tiver significado de prioridade, faça simplesmente o que lhe parecer melhor. Mova-se junto com o fluxo, solte sua razão da influência dos pêndulos. Trata-se não de se transformar num barquinho de papel ao léu nas ondas e sim de não se debater em vão na água, na ocasião em que basta executar movimentos suaves e leves e simples.

Não vou continuar a lista de exemplos. Você mesmo fará para si um monte de descobertas úteis e surpreendentes se, no decorrer de um dia pelo menos, tentar se mover na corrente. Toda vez que você precisar encontrar alguma solução, pergunte-se: qual é o caminho mais fácil de busca da solução? Escolha o caminho mais simples de busca. Toda vez que alguém ou algo o desviar ou distrair do caminho, não se precipite a negar ou discutir. Talvez a sua razão não entenda suas vantagens e não enxergue alternativas. Ative o Guardião. Primeiro observe e só depois aja. Desça ao auditório, não se precipite a estabelecer controle e permita que o jogo se desenvolva sozinho tanto quanto possível, sob sua observação. Não é preciso se debater na água. Não impeça que a sua vida se movimente pela corrente, e você verá como será mais fácil.

Placas de trânsito

Como distinguir o banco de areia se aproximando ou queda de água da curva normal na corrente? Orientar-se no mundo ao redor é possível com a ajuda de placas bem evidentes. O mundo constantemente nos oferece esses sinais.

Um aspecto bem conhecido e disseminado de sinais são os avisos. Existem avisos ruins e bons. Se você vê um arco-íris, é um bom sinal. Se um gato preto cruzou seu caminho, espere pelo pior. Assim se convencionou. Avisos convencionais se formaram como

resultado de numerosas observações e coincidências. Se a porcentagem de coincidência dos avisos é suficientemente grande, surge a norma que se torna opinião geral, pois as pessoas contam frequentemente umas para as outras sobre fenômenos estranhos. No entanto os avisos estão longe de sempre se tornarem realidade. Por que é assim?

Acontece o que quando a pessoa esqueceu alguma coisa e ela precisa voltar? Ela pensa: voltar é um aviso ruim. Ela pode não acreditar nos avisos, mas o estereótipo coletivo mesmo assim lança sua sombra no subconsciente. Nasce no pensamento a predisposição de aguardar algum infortúnio. Ou não, pensa a pessoa, não vou voltar. Mas isso tampouco ajuda porque a corrente direta já foi perturbada e a pessoa, até certo grau, já saiu do equilíbrio. Esperar o infortúnio introduz seus corretivos nos parâmetros da vibração mental, e a pessoa muda para a linha de vida correspondente a esses parâmetros. Ela recebe aquilo de que tem medo. Ela mesma admitiu essa possibilidade no seu cenário. Exatamente por isso aumenta a probabilidade do aviso se cumprir.

Como vê, o aviso aceito coletivamente por si só não pode se tornar lei nem mesmo regra. Por que então o gato preto funciona *para todos* como modelo de sinal desfavorável? Ou até que ponto o gato preto pode exercer alguma influência na nossa vida? A influência, não o gato, é exercida e sem o seu relacionamento com o aviso. Se você acredita em avisos, eles farão parte na formação dos acontecimentos de sua vida. Se você não acredita, não duvide, a influência dos avisos enfraquece, mas permanece mesmo assim. Se não acredita e não presta atenção neles, eles não exercerão influência alguma na sua vida. Tudo é muito simples: *você recebe aquilo que permite no cenário de sua vida*. A pessoa que examina os avisos como irracionalidades, não possui na camada de seu mundo nenhum aviso de sua realização. Os avisos funcionam nas

camadas dos mundos dos outros, porque as pessoas encontram confirmações, mas nós que não acreditamos, não.

Se os avisos por si não exercem influência nos acontecimentos da vida, então de quais placas de estrada estamos falando? O gato preto não pode exercer influência, mas pode servir de sinal, prevenindo um acontecimento que terá lugar no caminho da corrente de variantes. A questão é apenas quais sinais a considerar como indicadores de caminho. Se você tiver o objetivo de observar, é possível ver em tudo que acontece ao redor sinais complicados. Mas como interpretá-los? Não vamos nos ocupar com interpretações. Essa é uma ocupação infeliz, por demais desesperançosa e incompreensível. A única coisa possível de fazer é tomar conhecimento do aviso, reforçar a presença do Guardiã e tomar mais cuidado.

Placas de estrada são aquelas que mostram uma possível curva na corrente das variantes. O sinal serve de arauto do acontecimento, que trará mudança bem palpável na corrente de vida dada. Se você aguarda alguma curva, por mais insignificante que seja, então pode aparecer um sinal que a indique. Caso se aproxime uma curva que você não espera, também pode surgir algum sinal característico. O que significa característico?

Quando a corrente de variantes faz uma curva, você passa para outra linha de vida. Lembremos que a linha combina com a qualidade de vida. O fluxo na corrente de variantes pode cruzar diferentes linhas. As linhas de vida diferem uma da outra pelos seus parâmetros. As mudanças podem ser insignificantes, mas a diferença ainda é palpável. Essa diferença qualitativa você percebe conscientemente ou subconscientemente: como se houvesse algo errado.

Dessa maneira, as placas sinalizadoras surgem apenas no caso de quando começa a passagem para outras linhas de vida. Você pode notar um fenômeno em particular. Por exemplo o corvo gralhou, e isso o alertou, você não sentiu diferença qualitativa, o que significa que ainda se encontra na linha de vida anterior. Mas se você prestou atenção no fenômeno, sentiu nele algo inusitado, incomum, isso pode ser um sinal.

O sinal se distingue de um fenômeno costumeiro em que ele sempre sinaliza o início da passagem para uma linha de vida essencialmente diferente. Costumam alertar acerca de um fenômeno acontecido logo depois da passagem para outra linha. Isso porque as linhas diferem em qualidade umas das outras. Essas diferenças podem carregar caráter diverso, por vezes inacessível a explicações claras: *sensação, como se algo estivesse errado*. Quando aconteceu a passagem, intuitivamente sentimos isso, às vezes percebendo claras modificações em forma de sinais. É como se víssemos com o canto dos olhos ou suspeitamos que algo novo surgisse na corrente. Os sinais servem de indicações, eles nos dizem: algo mudou, algo está acontecendo.

O acontecimento na linha de vida corrente, via de regra, não alerta. Ele possui a mesma qualidade que os outros acontecimentos na mesma linha. Mas se a pessoa ignorar tudo que ocorre ao seu redor, não perceberá nem os sinais óbvios. A passagem para uma linha essencialmente diferente costuma ocorrer por etapas, por meio de linhas intermediárias. Os sinais nessas linhas podem surgir como avisos de diversos graus de seriedade. Pode acontecer que a pessoa ignorou o primeiro aviso. A passagem continua, segue um novo aviso, depois o terceiro e se depois disso a pessoa não para, acontece aquilo que deve acontecer na linha final.

Como já se falou, interpretar os sinais de forma inequívoca é muito complicado. Não pode haver certeza nem no fato de que o acontecimento que chamou sua atenção seja um sinal. Só se pode tomar conhecimento de que o mundo nos quer dizer alguma coisa. Interessa-nos antes de mais nada os bancos de areia e rochas que se aproximam. De vez em quando se quer receber ao menos um indício do que vem pela frente. Na maioria dos casos, a questão pode ser formulada de modo a resultar uma resposta bipolar: sim ou não. Por exemplo, vai dar ou não vai, chegarei ou não, conseguirei ou não, é bom ou mau, perigoso ou não, e assim por diante. É *indispensável deduzir a interpretação do sinal apenas como indicação de “afirmativo” ou “negativo”*. Não se deve esperar uma precisão maior.

O sinal traz em si *indício* da qualidade da virada eminente. Se o sinal se associar com sensações desagradáveis, inspira precaução, desconfiança, surpresa desagradável, preocupação, desconforto, ou seja, ele sinaliza uma virada negativa dos acontecimentos. Se as sensações não são do mesmo tipo, então não tem sentido interpretar o sinal, e a avaliação será não confiável. Em ambos os casos não vale a pena se preocupar muito e lhe conferir grande importância. Mas se você percebeu o sinal, não é bom desprezar. Talvez ele esteja trazendo uma advertência de tomar cuidado, ou modificar sua conduta, ou a parar a tempo, ou escolher outro curso de ação.

Os sinais podem possuir formas bem diversas. Exige-se apenas distinguir qual é o seu significado: positivo ou negativo. Por exemplo, eu tenho pressa e minha passagem é impedida por uma velhinha com bengala, e eu não consigo contorná-la. O que deve significar tal sinal? Antes de mais nada, que eu vou me atrasar. Ou então, meu ônibus que costuma andar sem pressa, hoje por alguma razão corre como louco. Talvez eu me perdi em algum lugar e deva

tomar mais cuidado. Ou então, aquilo que eu pretendia fazer não dá para alcançar e surge toda espécie de obstáculos, o negócio prossegue com ruídos. Talvez eu tenha escolhido um caminho inadequado e nem devo ir para lá?

A principal vantagem dos sinais é que eles são capazes de despertar você a tempo do sono e lhe dar a entender que você talvez esteja agindo no interesse de um pêndulo destrutivo em detrimento de você mesmo. A pessoa comete frequentemente erros terríveis quando está sob o efeito narcótico do pêndulo, e depois se lembra de que não se deu conta de suas ações, e perdeu convicção. Nesses casos, mesmo a interpretação dos sinais inofensivos, como avisos, não será inútil. Vigilância, reconhecimento, um olhar sensato nos fenômenos nunca atrapalham. O principal, que a vigilância não se transforme em preocupação e cismas. É necessário se ocupar, mas sem se preocupar. Depois de se soltar, aja sem preocupações.

Por mais estranho que pareça, placas de trânsito claras e precisas são frases de pessoas jogadas como se ao léu, espontaneamente, sem reflexão anterior. Se estão tentando lhe impingir conscientemente suas opiniões, você pode deixar passar ao largo. Mas se for lançada uma frase espontânea, que é uma recomendação de fazer ou de uma conduta, trate-a com muita seriedade.

Fases espontâneas são aquelas pronunciadas totalmente sem pensar. Lembre-se de como acontece quando você responde a alguma réplica literal e imediatamente, sem pensar. A resposta, como se existisse no fundo de sua consciência, se solta de seus lábios, contornando o aparelho analítico da razão. Da mesma maneira se jogam frases inconsequentes quando a razão cochila ou

está ocupada com outra coisa. Quando a razão cochila, fala a alma, e ela acessa diretamente o campo informacional.

Por exemplo, alguém lhe disse: “Leve um xale, senão vai passar frio”. Com certeza se você não atentar, depois lamentará. Ou então, você está ocupado com algum problema, e alguém passa e joga uma recomendação insignificante para você. Não se apresse a dispensá-la e preste atenção. Também, você tem certeza de ter razão, e alguém por acaso, sem intenção, mostra que não é assim. Não teime e observe se você não está se debatendo à toa na água.

O desconforto anímico também é um sinal evidente, só que pouco se presta atenção a isso. Se for preciso tomar uma decisão, ninguém melhor do que sua alma sabe o que fazer. Frequentemente é muito difícil entender o que exatamente está lhe dizendo sua alma. Mas, como mostramos antes, é possível determinar com boa compreensão se ela gosta ou não da decisão tomada pela razão. Digamos que você precise tomar uma decisão. Pare e ouça o murmúrio das estrelas matutinas. E se a sua razão já tomou uma decisão e você se lembrou do murmúrio tardiamente, tente reapresentar na memória quais os sentimentos você teve quando tomava a decisão. É possível caracterizar esses sentimentos como “sinto-me bem” ou “sinto-me mal”. Se você tomou a decisão sem muita vontade, se você se sentiu angustiado, então isso é qualificado como “mal”. Nesse caso, se for possível mudar a decisão, mude corajosamente.

Determinar o estado do conforto anímico não é difícil. Difícil é se *lembrar* a tempo de que você precisa ouvir seus sentimentos, pois a razão raciocina autoritariamente e ninguém, além dela mesma, está disposto a ouvir. O barulho ensurdecador do bom senso não sobrepuja só o sussurro da alma. A razão sempre tenta, de todas as maneiras, fundamentar e provar sua verdade. Você está diante da

escolha “sim” ou “não”. A alma tenta se opor ousadamente: “não”. A razão reage ao “não” da alma que se opõe, que não ouve, e fundamenta convincentemente no “raciocínio sensato” o seu “sim”. Tendo lido estas linhas, guarde-as numa estante de sua memória e da próxima vez em que você for tomar uma decisão, lembre-se delas. Você se convencerá que é assim que tudo acontece.

Proponho lembrar-se bem de um algoritmo simples e confiável para determinar o “não” anímico: *se você precisa se convencer para dizer “sim”, então a alma está dizendo “não”*. Lembre-se: *quando sua alma diz “sim”, você não precisa se convencer de nada*. Ainda voltaremos a este algoritmo.

É preciso observar constantemente quais os sinais lhe dá o mundo ao redor. Mas não se deve tentar ver sinais em tudo. “Eis os pássaros voando no alto. O que significa isso?” Ora, eles não têm medo das alturas, só isso. Basta se aperceber dos sinais e *lembrar-se* de que podem ser placas do caminho. Basta você esquecer isso, imediatamente os pêndulos se apossam de você e você pode se tornar vítima das circunstâncias.

Com mais escrutínio é bom verificar os desejos e os atos capazes de mudar radicalmente seu destino. Se o desejo evoca algum desconforto, e existe a possibilidade de negá-lo, então o negue. Ele provém não da alma e sim da razão. Os desejos da razão sempre são promovidos pelos pêndulos. O mesmo em relação às atitudes. Se ignorar o desconforto da alma, na maioria dos casos nada de horrível vai acontecer, mas de vez em quando você terá que se arrepender amargamente. Por isso é melhor, quando possível, *recusar* desejos e atitudes que evoquem desconforto, dúvida, temor e sentimento de culpa. Isso vai simplificar em muito sua vida e o livrará de um monte de problemas.

É verdade que existe um “não”. Se um novelo de problemas resulta de atitudes incertas, então o princípio da recusa nem sempre será adequado. Em certos casos você terá que fazer coisas “desconfortáveis”, por exemplo mentir ou ir a um trabalho detestável. No entanto, quando esses novelos estiverem desamarrados, você pode corajosamente utilizar o princípio da recusa.

Isso é tudo que se pode dizer sobre placas de estrada no quadro do modelo Transurfing. Seus sinais só você pode notar e interpretar. Não é preciso ensinar você como fazer isso. Você mesmo entenderá tudo se observar a si mesmo e o mundo ao redor. Apenas não dê aos sinais insuficientemente claros importância excessiva e não introduza interpretações negativas no cenário de sua vida. Para não encalhar nem tropeçar no alpendre, basta simplesmente não criar potenciais excedentes. Com isso é possível se virar sem sinais. Mesmo assim você entenderá claramente o seu significado. O único sinal ao qual se deve prestar atenção especial é o estado do conforto anímico no momento da tomada de decisão. Vale a pena realmente escutar o murmúrio das estrelas matutinas.

Soltar a situação

A existência de correntes no fluxo das variantes liberta a razão de duas cargas enormes: a necessidade de solucionar racionalmente os problemas e de controlar constantemente a situação, com a óbvia condição de a razão permitir ser libertada. Para que a razão o permita, ela precisa de uma explicação um tanto racional. Como você percebeu, nesse livro há muita coisa irracional que não combina com a postura do bom senso. E embora o objetivo do Transurfing seja explicar a estrutura do mundo ao redor, mesmo

assim tenho a obrigação de fundamentar todas essas conclusões que chocam a razão.

E como poderia ser diferente? O monólito do bom senso é muito difícil de abalar. A razão não está acostumada a aceitar tudo por crença. Ela exige fundamentação e provas. As provas você obterá sozinho, se verificar os princípios do Transurfing na prática. Eu só posso trazer algumas explicações para acalmar a razão desconfiada. Do contrário, você não só deixaria de testar estes princípios, mas também não continuaria a ler este livro. Ora, isso é apenas o começo. Adiante o aguardam muitas descobertas incríveis.

Duas cargas são colocadas em cima da razão ainda na infância. Fomos sempre ensinados: “Pense com a cabeça. Você se dá conta do que está fazendo? Explique para mim porque fez isso! Vai aprender sua lição, só com a razão é possível alcançar alguma coisa na vida. Sua cabeça boba! Vai raciocinar ou não?” O educador e as circunstâncias teceram um “soldado” da razão, instantaneamente pronto a encontrar explicação, dar resposta a uma pergunta colocada, avaliar uma situação, tomar uma decisão, manter controle sobre os acontecimentos. A razão aprendeu a funcionar objetivamente do ponto de vista do bom senso.

Não pense que estou no ímpeto de eliminar o bom senso. Ao contrário, o bom senso é um indispensável mediador de regras, de como se portar no mundo ao redor para sobreviver. O erro da razão é que não se deve obedecer a este código literal e diretamente. O apego ao bom senso atrapalha a razão a olhar em volta e ver aquilo que não combina com essas regras.

E no mundo existe muita coisa que difere do bom senso. A prova disso é a incompetência da razão de explicar tudo e proteger o ser humano dos problemas e dos aborrecimentos. Existe uma saída

muito simples dessa situação: entregue-se às correntes do fluxo das variantes. O fundamento para isso também é muito simples: nas correntes está aquilo que a razão procura – objetividade. Como você sabe, as correntes caminham pelo rumo da menor resistência. A razão quer raciocinar de forma clara e lógica, apoiada em relações de causa e efeito. Mas a incompletude da razão não lhe permite orientar-se infalivelmente no mundo ao redor e encontrar uma única decisão correta.

A natureza, porém, já é perfeita desde o princípio por isso nas correntes há mais objetividade e lógica do que nos mais inteligentes raciocínios. E por mais que a razão se convença naquilo que raciocina, mesmo assim irá errar. De qualquer maneira a razão cometerá erros, mas bem menos se medir seus esforços e, quando possível, permitir que os problemas se resolvam sem essa intromissão ativa. Isso se chama *soltar a situação*. É preciso enfraquecer a garra, baixar o controle e não atrapalhar a corrente, dar mais independência ao mundo ao redor.

Você já sabe que pressionar o mundo não só é inútil como também prejudicial. Ao não concordar com o fluxo, a razão cria potenciais excedentes. O Transurfing sugere um caminho bem diferente. Primeiro, os obstáculos nós mesmos que os criamos, intensificando os potenciais excedentes. Se diminuirmos a importância, os obstáculos se afastarão por si só. Segundo, se o obstáculo não cede, é preciso não lutar com ele, simplesmente contorná-lo. Nisso ajudarão os sinais do caminho.

O problema da razão consiste ainda em que ela tende a considerar os fatos que não se encaixam no seu cenário como obstáculos. A razão costuma planejar tudo de antemão, calcular e, se depois acontece algo imprevisto, começa a lutar contra isso ativamente para trazer os acontecimentos ao seu cenário. Resulta que a

situação se torna mais difícil ainda. A razão não consegue planejar idealmente os acontecimentos. Aqui é preciso permitir mais liberdade à corrente. A corrente não se interessa em quebrar seu destino. Isso não é objetivo. O destino é quebrado pela razão com suas atitudes irracionais.

A objetividade, do ponto de vista da razão, é quando tudo caminha num cenário planejado. Tudo que não combina é considerado problema indesejado. O problema precisa ser resolvido, e é com isso que a razão se ocupa com grande empenho, gerando novos problemas. Dessa maneira, a própria razão descarrega em seu caminho um monte de obstáculos.

Pense: quando é que as pessoas são felizes, sentem satisfação, estão contentes com o destino? Quando tudo corre segundo o plano. Qualquer desvio do cenário é recebido como insucesso. A importância interna não permite à razão aceitar a possibilidade de desvio. A razão pensa: “Eu planejei tudo de antemão, calculei. É melhor para saber o que é bom e o que é ruim para mim. Eu sou racional.” A vida frequentemente oferece aos seres humanos presentes que eles recebem sem entusiasmo porque não os planejaram. “Eu gostaria de outro brinquedo!” A realidade é tal que raramente recebemos os brinquedos exatos que planejamos, por isso andamos pesarosos e insatisfeitos. Agora imagine como a vida fica bem mais alegre se a razão baixar sua importância e reconhecer o direito de existência de desvios em seu cenário!

Cada um pode por si mesmo regular o nível de sua felicidade. O grau inferior desse nível é consideravelmente aumentado na maioria das pessoas, por isso elas não se consideram felizes. Eu não estou incentivando você a se satisfazer com aquilo que você já tem. A duvidosa fórmula “quer ser feliz, então seja”, não serve para o Transurfing. Você receberá o seu brinquedo, mas sobre isso

conversaremos mais tarde. Agora se trata de como evitar aborrecimentos e diminuir a quantidade de problemas.

Por não permitir desvios em seu cenário, a razão não permite utilizar soluções que já estão prontas na corrente do fluxo de variantes. A tendência maníaca da razão de manter tudo sob controle transforma a vida em uma luta complicada com a corrente. Ora, ela pode permitir que a corrente tome o seu curso, sem se submeter à sua vontade? Aqui nos aproximamos do erro principal da razão. *A razão procura dirigir não o seu movimento pela corrente, mas a própria corrente.* Essa é uma das principais causas do surgimento de diferentes problemas e aborrecimentos.

O fluxo objetivo que se movimenta no caminho da menor resistência não pode gerar problemas e obstáculos, esses são gerados pela razão tola. Ative o Guardião e observe, no decorrer de um dia ao menos, como a razão tenta dirigir a corrente. Alguém lhe propõe algo, e você recusa, tenta comunicar-lhe algo, você não ouve. Alguém expressa seu ponto de vista, você briga, alguém faz do seu jeito, você insiste em levá-lo para o verdadeiro caminho. Oferecem-lhe uma solução, e você contesta. Você espera uma coisa e recebe outra, e manifesta seu descontentamento. Alguém perturba e você se enfurece. Alguém vai contra o seu cenário e você se lança em ataque frontal, a fim de direcionar a corrente para o rumo necessário. Talvez para você pessoalmente tudo aconteça de uma forma um tanto diferente, mas mesmo assim algo nisso tudo confere. Certo?

E agora tente afrouxar a garra de seu controle e permita mais liberdade à corrente. Eu não estou lhe propondo concordar com todos e aceitar tudo. Simplesmente mude sua tática: transfira o peso do controle para a observação. Procure mais observar do que controlar. Não se apresse a dispensar, contrapor, brigar, provar o

seu, se meter, governar, criticar. Dê chance para que a situação se resolva sem a sua intromissão ativa ou contraposição. Você ficará se não chocado, com certeza surpreso. Algo totalmente paradoxal ocorrerá. *Ao abrir mão do controle, você obtém um controle da situação ainda maior do que antes.* Um observador de fora sempre tem mais adequação do que um participante incapaz. É por isso que eu repito constantemente: entregue-se.

Quando você olhar para trás, se convencerá de que seu controle se opunha à corrente. As proposições dos outros não eram destituídas de sentido. Brigar não valia a pena. Sua intromissão era desnecessária. Aquilo que você via como obstáculos, não eram. Os problemas se resolvem bem mesmo sem você. Aquilo que você recebeu fora do planejado, não é tão ruim. Frases jogadas ao léu possuem força de fato. O seu desconforto anímico serviu de alerta. Você não gastou energia e permaneceu satisfeito. É isso que é aquele maravilhoso presente que a corrente dá para a razão, do qual falávamos antes.

Com certeza além de tudo o que foi dito, lembremo-nos dos nossos “amigos”. Os pêndulos nos atrapalham a mover-nos de acordo com a corrente. A cada passo eles arrumam provocações obrigando a pessoa a se debater na água. A presença do fluxo na corrente não estabelece os pêndulos pela simples razão de que o próprio fluxo corre na direção do mínimo esforço. A energia gasta pela pessoa na luta contra a corrente é usada na criação de potenciais excedentes e para alimentar os pêndulos. O único controle ao qual vale a pena prestar atenção é o controle do nível de importância interna e externa. Lembre-se de que a importância atrapalha a razão soltar a situação.

Soltar a situação em muitos casos é bem mais eficiente e útil, do que insistir. Desde a infância as pessoas buscam reconhecimento

de estarem certas e isso gera o hábito de provar a sua importância. Disso decorre uma tendência prejudicial em todos os aspectos de provar sua verdade a todo custo. Essa tendência cria potencial excedente e entra em contradição com os interesses de outras pessoas. Frequentemente as pessoas tentam provar que têm razão mesmo nos casos em que o veredito numa ou noutra direção não toca os seus interesses diretamente.

Algumas pessoas sentem a importância interna tão intensamente que procuram nos mínimos detalhes insistir no seu. A importância interna cresce na mania de manter tudo sob controle: “Eu vou provar a todos que tenho razão, custe o que custar.” É um hábito nocivo, e complica muito a vida, antes de mais nada, ao próprio defensor da verdade.

Se os seus interesses não sofrem demais por essa causa, corajosamente solte a situação e permita a outros o direito de se debater na água. Se você fizer isso conscientemente, logo vai sentir alívio, será mais fácil para você do que provar o seu ponto de vista. Você ficará satisfeito pelo fato de que subiu um degrau acima: você deixou de insistir na sua importância e agiu como um corajoso pai com filhos tolos.

Daremos outro exemplo. Zelo excessivo no trabalho é tão nocivo quanto displicência. Digamos que você arrumou um emprego de prestígio, há muito sonhado. Você se impõe elevadas exigências pois considera que deve se mostrar merecedor. Isso está certo, mas, assumindo a tarefa cedo demais, você não vai aguentar a tensão especialmente se a tarefa for complicada. No melhor dos casos seu trabalho será ineficiente, e no pior, você vai elaborar um colapso nervoso. Você até pode chegar a uma convicção equivocada de que não tem condições de executar esse trabalho.

Outras variantes são possíveis. Você desenvolve uma atividade frenética e com isso perturba a ordem estabelecida das coisas. Parece que no trabalho é possível realizar muita coisa, e você está totalmente convencido de que age corretamente. No entanto, se suas iniciativas resultam em perturbação da ordem habitual da vida de seus colegas, não espere nada de bom. Esse é o caso em que a iniciativa é condenável. Você foi colocado numa corrente lenta, tranquila e equilibrada, e você se debate com todas as suas forças na água, tentando nadar mais rápido.

Então, não se pode dizer palavra alguma contra e não se deve expor? Não é assim tão severo. É preciso abordar esta questão do ponto de vista mercantil. Pode-se mostrar indignação e xingar apenas aquilo que perturba demais, e só no caso de sua crítica mudar para melhor. Nunca critique aquilo que já aconteceu, o que não pode ser mudado. De resto, é preciso tomar o princípio do movimento pela corrente não literalmente, concordando com tudo e todos, e sim apenas como um caminho de transferência de peso do controle para a observação. Observe mais e não se apresse a controlar. O sentido de medida lhe virá sozinho, não precisa se preocupar com isso.

Resumo

A razão interpreta a informação com a ajuda do conjunto de significados estabelecidos.

A alma não pensa nem fala, mas sente e sabe.

A razão é capaz de criar apenas uma relativa nova versão da casa usando velhos tijolos.

Descobertas originalmente novas provêm de setores não realizados.

A alma serve de intermediária entre informação original e a razão.

A alma assume informação não realizada como conhecimento sem interpretação.

Se a razão consegue interpretar informação da alma, nasce a descoberta.

A razão é capaz de determinar unicamente o estado do conforto anímico.

Acostume-se a prestar atenção ao conforto anímico.

Recusando a importância, você obtém liberdade de escolha do seu destino.

A liberdade de escolha permite não pedir, não exigir nem lutar, mas ir e pegar.

A estrutura da informação é organizada em cadeia de relações de causa e efeito.

Relações de causa e efeito geram a corrente de variantes.

Os caminhos da menor resistência são organizados em correntes separadas.

As direções na corrente das variantes já contém em si a solução de todos os problemas.

A importância interna e externa expelle a razão da corrente ideal.

A razão leva você até a queda d'água, e não as correntes no fluxo das variantes.

Tudo pode ser feito de forma muito mais fácil do que parece. Entregue-se a esta simplicidade.

Não é a própria meta que acontece e sim a sua relação com ela.

As placas de trânsito mostram a curva possível na corrente das variantes.

As linhas de vida se distinguem qualitativamente umas das outras.

Os sinais alertam porque surgem na passagem para outra linha.

Os sinais se distinguem porque criam a sensação de que algo não está certo.

Frases espontâneas podem ser assumidas como prontidão para a ação.

O estado de desconforto anímico é um sinal evidente.

Se você precisa se convencer, significa que a alma está dizendo “não”.

Se há possibilidade de recusar uma solução desconfortável, recuse.

É preciso afrouxar a garra e aceitar o imprevisto em seu cenário.

Aceitar a possibilidade de desvio do cenário perturba a importância.

A razão busca governar não o seu movimento na corrente e sim a própria corrente.

Transfira o peso do controle para a observação.

Tendo recusado o controle, você obtém um controle constante da situação.

Se você se mover pela corrente das variantes, o mundo virá ao seu encontro.



Vadim Zeland

“Tenho mais de cinquenta anos de idade. Antes da queda da União Soviética, eu me ocupava com pesquisa no campo da física quântica, depois, com informática, agora me ocupo com livros. Moro na Rússia. Sou russo, mais precisamente, um quarto estoniano. O resto não tem importância, assim como o precedente. No âmbito de minhas conquistas, só posso constatar que o Transurfing funciona indubitavelmente. Mas não pretendo apresentar minha vida pessoal, porque depois disso esta deixou de ser pessoal. A notoriedade pública se volta contra você se você cede à tentação de subir no pedestal para ser admirado por todos. Em certos povos, por exemplo, entre os nativos norte-americanos, existe um ditado de que se alguém pintou um retrato seu (fotografou), então este roubou parte de sua alma. É claro que isso não passa de crendices, mas não surgiu do nada. O produto de obra pessoal pode ser divulgado; mas com isso promover a si mesmo, nunca.

À pergunta do leitor intrigado: “Quem é você, Vadim Zeland?”, costumo responder: “Ninguém”. A minha biografia não pode nem deve evocar interesse, porque eu não sou o criador do Transurfing, mas apenas “retradutor”.

É indispensável realmente ser ninguém, um recipiente vazio, para não introduzir seus defeitos pessoais nesse Conhecimento antigo, que abre as portas para o mundo, onde o impossível se torna possível. A realidade cessa de existir como algo externo e independente – ela se torna gerenciável, caso se segue certas leis. O segredo, oculto somente pelo que paira na superfície, é tão grandioso que a identidade de seu veículo deixa de ter importância.

Na verdade, interesse continuado podem merecer os guardiões que me transmitiram esse Conhecimento, mas eles igualmente preferem permanecer na sombra.”



www.baranyeditora.com.br

